



# Férias para o Amor

ERIKA MARTINS

DESTINADOS A AMAR - 3



# Férias para o Amor

ERIKA MARTINS

**Copyright © 2019 ÉRIKA MARTINS**

Capa: Mari Sales  
Revisão: Morgana Brunner

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

---

**FÉRIAS PARA O AMOR**  
**Destinados a Amar – 3**  
1ª Edição  
2019  
Brasil

---

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para minha irmã, Tatiane  
Agradeço toda a cumplicidade e carinho.

O amor não se vê com os olhos e sim com o coração.

(William Shakespeare)

## Querido leitor,

Em primeiro lugar gostaria de agradecer por ter dado uma oportunidade para conhecer a história de Vinicius e Dani. No entanto, também gostaria de citar alguns pontos antes de mergulhar neste romance cheio de bom humor.

Em *Férias para o amor* não é citado uma cidade específica onde desenrola a história. Deixe sua imaginação livre para encontrar o lugar perfeito para ela, nenhum lugar real é citado no meu livro, qualquer semelhança a realidade é mera coincidência.

O intuito do livro é mostrar um relacionamento verdadeiro, realista, sem a adição desnecessária de brigas, acidentes ou crimes.

Aproveite o máximo a leveza desse livro e se apaixone.

Boa leitura!

Com carinho, **Erika Martins.**

# Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Epílogo](#)

[Capítulo Bônus](#)



## Sinopse

Quem nunca teve um primeiro encontro frustrado? Aquele que você acredita que nada vai dar certo e que estava ali somente por causa de um amigo ou parente casamenteiro.

Com Dani não foi diferente, seu primeiro encontro com Vinicius foi um completo desastre. E se dependesse dela, não o veria nunca mais.

O que Dani não sabia era que o destino era caprichoso e não desistia com facilidade. Vinicius se tornou mais próximo, mais amigo. E depois de uma pequena mentirinha ele se torna seu namorado.

Foi a semana mais louca de sua vida, no entanto, não se arrependia de nada.

Afinal, aquela era suas

*férias para o amor...*

# Prólogo

## Dois anos antes

Todo mundo tem alguém que tenta lhe arrumar um par para um encontro. Aquela pessoa insistente que acredita que você deveria ter um parceiro a qualquer custo. Que se mete em sua vida afirmando que não deve ficar tanto tempo em casa e nem trabalhar demais.

Sair, dançar, beber e passar bons momentos a dois. Não dava para discordar, mas a pergunta é:

*Valeria a pena?*

Nem sempre ou talvez nunca.

Ir ao salão de beleza cuidar dos cabelos, pintar as unhas e sofrer com uma depilação completa. Gastar dinheiro com um bonito vestido e espremer os pés em sapatos de salto que deixarão até suas pernas doloridas.

*A verdade é que a terra está cheia de casamenteiros meia boca*, pensou Dani mal-humorada.

Todo o esforço que fez para se arrumar e ficar bonita para seu encontro arranjado foi desperdiçado, pois estava aguardando seu par a duas horas.

*Duas longas e intermináveis horas*, corrigiu-se em pensamentos.

Dani caminhou de um lado para o outro sentindo o sangue ferver em suas

veias. Não era possível um homem deixar uma mulher o aguardando por duas horas, ou melhor, agora ela sabia que era possível.

Pegou o celular furiosa e ligou para sua irmã Lara, mal a deixou falar e já foi gritando:

— Duas horas atrasado, como isto é possível?

— Quem está atrasado? — Lara perguntou confusa.

— Vinicius! — exclamou. — Eu não deveria ter escutado você e aceitado esse encontro arranjado ridículo.

— Se acalme, Dani. — Lara riu baixo.

— Me acalmar? Eu não vou me acalmar! — vociferou. — Gastei mais de trezentos reais hoje me arrumando e ele se atrasa.

— Ele é uma boa pessoa — tentou amenizar a situação.

— Não vai ser quando eu gritar nos ouvidos dele — ameaçou.

— É só um encontro. — Lara disse com tranquilidade.

— Esse é o problema! — Dani bufou. — Pare de me arrumar encontros com idiotas.

— Vai gostar dele, tenho certeza.

— Tchau, Lara, não me arrume mais encontros! — desligou a chamada bufando de raiva.

Dani era a típica pessoa certinha que nunca se atrasava. Se incomodava quando as pessoas a deixavam esperando, considerava atrasos falta de educação, já que a hora foi combinada com antecedência.

Respirou fundo quando ouviu o som da campainha de sua casa, pegou sua bolsa e foi abrir a porta. O homem de jaqueta de couro não era o mais bonito que já tinha visto em sua vida, mas tinha seu charme. Olhos castanhos, alto e com um sorriso cafajeste.

Precisou segurar a vontade de bufar, acreditando que sua noite tinha acabado de piorar.

— Danila? — chamou-a despertando-a de sua avaliação.

— Somente Dani — murmurou.

Vinicius se aproximou sem desfazer o sorriso e beijou sua bochecha.

— Bom conhecê-la. — Se afastou. — Está incrivelmente linda.

— Obrigada — disse sem humor.

Na verdade, ela queria dizer “*pelo menos é um pouco educado*”, mas segurou sua língua.

— Pronta para irmos? — questionou.

Dani não respondeu, somente acenou e trancou a porta de sua casa. Se abrisse a boca, jogaria em sua cara que estava pronta desde duas horas atrás

na hora combinada.

Desceram os degraus da escada da frente, ela olhou de um lado para o outro procurando pelo carro dele.

— O que foi? — Vinicius perguntou.

— Onde está seu carro?

— Eu não tenho um carro — respondeu tranquilo.

— Não? — franziu a testa. — Já chamou o táxi pelo menos?

Vinicius sorriu jovial.

— Vamos de moto — apontou para a moto na calçada.

Dani segurou para não ficar de queixo caído e fechou os olhos por um segundo. *Só poderia ser brincadeira*, pensou ela mal-humorada.

— Tem medo de moto? — questionou.

Ela abriu os olhos enquanto contava mentalmente, na vã esperança de não se estressar ainda mais.

— Você quer que eu suba naquela moto usando esse vestido? — questionou impaciente.

Vinicius não perdeu a oportunidade de deslizar seus olhos lentamente pelo corpo de Dani, analisando-a sem esconder suas intenções.

— Muito justo — murmurou em apreciação. — Vai precisar se trocar se

ainda quiser sair comigo.

Aquele foi o limite para Dani, ela colocou as mãos na cintura para se impedir de estapear a cara dele.

— Se eu ainda quiser sair com você? — questionou furiosa.

— Não quer sair? Podemos entrar, então — sorriu cheio de malícia.

— Só pode estar de brincadeira com a minha cara! — Dani exclamou.

— Não estou brincando. — Vinicius franziu a testa. — Você não quer subir na minha moto usando esse vestido, não quer se trocar e muito menos parece que vai me convidar para entrar — cruzou os braços. — Diga-me, Danila, o que você quer fazer?

Dani sorriu lentamente, deu dois passos à frente dando a entender que se jogaria nos braços dele. Porém, ela ergueu sua bolsa de mão e bateu nele várias vezes.

— Seu cretino! Cínico! — xingou alto. — Acha que eu ainda quero algo com você depois de me deixar te esperando por duas horas! DUAS HORAS! — bateu mais forte a bolsa nele.

— Pare com isto, sua louca! — exclamou.

— Ainda tem a ousadia de aparecer de moto e me fazer sentir como uma idiota por comprar um vestido para sair com você — continuou ela.

— Eu disse que estava linda — protestou se afastando do alcance de Dani.

— Mas me mandou trocar de roupa em vez de oferecer chamar um táxi.

— Poderia muito bem se trocar — apontou a irritando.

— Ou te convidar para minha cama? — questionou com raiva.

— É uma ótima opção — deu de ombros. — Mas ainda teríamos um problema com seu vestido, já que não duraria muito tempo no seu corpo — brincou.

— O único problema que vai ter, será minha mão na sua cara se não sair da minha frente imediatamente! — vociferou sentindo as bochechas arderem em fúria. — Seu cretino de uma figa!

— Que mulher louca! — Vinicius exclamou.

— Louca é a. — Dani calou no impulso, não queria ofender a mãe de ninguém.

— Pelo menos não insultou minha mãe — sorriu como se não tivesse feito nada.

— Boa noite, Vinicius — virou em seus saltos e subiu os degraus novamente.

Não continuaria com aquele terrível encontro, não daria certo. Começaram literalmente com o pé errado. O que não valeria a pena persistir.



— Espere, Danila.

— Não me chame assim! — exclamou no topo da escada.

Vinicius a seguiu, correndo para impedi-la de entrar em sua casa e trancá-lo do lado de fora.

— Vamos nos acalmar, por favor. — Ele pediu. — Marcamos um encontro.

— E você estragou tudo — apontou com raiva.

— Você bateu em mim com sua bolsa — acusou perplexo.

— O que posso fazer? Você mereceu! — bufou. — Idiota, saia da minha frente e vá embora.

— Vamos conversar — insistiu não querendo estragar ainda mais aquele encontro arranjado.

Vinicius foi convencido em aceitar aquele encontro pela namorada de seu amigo. Nunca imaginou que a irmã dela seria uma maluca, mas tentaria consertar as coisas.

— Não temos nada a falar, vá embora, Vinicius.

Ele deu o braço a torcer, ela era uma mulher linda. Seus cabelos ruivos longos eram tentadores, principalmente com o contraste de sua pele. Desejou tocá-la, beijá-la e fazer daquela noite inesquecível. Contudo, a mulher era um

fera difícil de agradar, isto o instigou. Ficou curioso a respeito dela, mas manteve um passo atrás, por segurança. O olhar fulminante dela dizia que lhe acertaria o rosto caso se aproximasse mais.

— Por favor, vamos lá, Dani — insistiu. — Podemos pedir pizza e conversar um pouco.

— Pizza? — questionou. — Eu me arrumei toda e você quer pedir pizza?

— Já disse que está linda? — perguntou sabendo que tinha piorado a situação.

— Saia da minha frente, agora — rosnou.

Vinicius deu um passo atrás e deixou que ela passasse. Dani abriu a porta, entrou e a fechou em sua cara, mostrando que não tinha como corrigir aquela noite.

Ele se xingou mentalmente, foi um idiota e sabia disto.

— Droga! — praguejou baixinho.

Desceu as escadas, subiu em sua moto e foi embora para casa mal-humorado aceitando que sua noite tinha chegado ao fim.

O que ambos não sabiam é que o destino reservava muito mais para eles do que uma noite fracassada. Cinco meses depois, Vinicius foi contratado como personal trainer na academia em que Dani gerenciava.

Ficaram surpresos de início e depois se ignoraram, o que não esperavam é que aquela convivência se tornaria mais fácil a cada dia.

Pasmem, se tornaram amigos.

Tinham um humor um pouco ácido demais, mas eram amigos.

Aquele era somente o início, apesar de que Vinicius não deixou de ser um cafajeste, porém, pelo menos chegava no horário para o trabalho... Tudo bem, nem sempre chegava no horário, mas só porque amava enlouquecê-la.

## Capítulo Um

Dani queria gemer em frustração, bastava uma única chamada em vídeo com seus pais para ela querer correr para as montanhas.

— Sua irmã vai casar, quero te ver feliz também. — Sua mãe disse.

— Eu sou feliz. — Dani respondeu revirando os olhos.

— Ela quis dizer que você precisa de um namorado. — Seu pai afirmou rindo.

— Você trabalha demais. — Sua mãe acusou. — Nenhum homem vai querer uma mulher que não tem tempo mesmo.

— Isto é o que pensa de mim? — perguntou segurando para não deixar o queixo cair. — E quem disse que eu não tenho um namorado?

— VOCÊ TEM UM! — Ambos gritaram chocados.

— Não sei porque parecem tão assombrados — cruzou os braços ofendida.

— Por que nunca nos contou? — Sua mãe questionou.

Marcos, seu pai, colocou o rosto na frente da câmera.

— Por que não disse de uma vez? Economizávamos saliva — brincou. — Quero conhecê-lo.

Dani sentiu o sangue drenar de seu rosto levemente. Teve sorte de que eles

não estavam prestando tanta atenção a ela, já que brigavam para ver quem ficava na frente da câmera.

— Preciso conhecê-lo. — Isis, sua mãe, sorriu animada. — Até que enfim você desencilhou!

Eles riram.

Pânico começou a crescer dentro dela, quase disse que estava brincando. Mas ficou calada vendo seus pais discutirem felizes que agora ela tinha um namorado, não desmentiu.

— Como ele é? Como se conheceram? — Isis perguntou.

— Diga-me que não é nenhum idiota rico. — Marcos implorou.

— Não é. — Dani respondeu no automático.

— Bom, vamos conhecê-lo no jantar na quarta-feira.

— Tudo bem — respondeu apressadamente. — Tenho que desligar, depois conversamos.

Não deixou que eles a segurassem mais naquela conversa, precisava arrumar um namorado.

***URGENTE!***

...

— Me dê! — Lurdes ordenou estendendo a mão para Vinicius.

Ele olhou para a pista de dança do casamento do seu irmão Vitor e encarou a avó de Sofia.

— Quer uma dança? — questionou sorrindo.

Ela o olhou com impaciência.

— Não, eu quero seu celular.

— Posso saber para quê? — questionou fazendo cara de paisagem.

— Para atender essa pessoa que tanto te liga e te manda mensagens! — exclamou.

— Não — cruzou as pernas e bebeu um pouco da cerveja gelada de sua taça.

— O que está aprontando? — Lurdes perguntou estreitando os olhos.

Vinicius riu.

— Não estou aprontando nada — garantiu.

— Então, por que não atende? — Ela questionou curiosa.

— Por que atenderia? Essa é uma festa, preciso relaxar, não?

— Mas isto não te impede de atender — retrucou inquieta.

— Quer um pouco de cerveja? — mudou o assunto.

Lurdes sorriu animada.

— Sabe do que sinto cheiro? — Ela perguntou.

— Não me diga que soltou um pum no meio da festa. — Vinicius a provocou.

Ambos riram alto.

— Nada disto, a menos que você o tenha feito. — Lurdes contrapôs malvada.

— Talvez mais cedo, mas agora não — confessou fazendo cara de paisagem.

— Você é terrível. — Lurdes o acusou.

— Não mais do que você. — Vinicius retrucou.

— *Touché!* — Lurdes exclamou.

Bateram as palmas em cumplicidade e gargalharam.

— Mas você não me engana, Vinicius. — Lurdes disse. — Isto tem cheiro de mulher, você está pirraçando alguém — disse observadora. — Desde que o vi, antes de começar o casamento, você está irritando a todos com o som do seu celular tocando.

— Gosto de deixar as pessoas desesperadas — deu de ombros.

— Não é mais de uma, não se faça de tolo — desdenhou.

— Não vou matar sua curiosidade — piscou para ela. — Tem certeza que

não quer dançar? Vou achar alguém que me queria, *hein!*

— Não saia daqui até me contar quem é que você está ignorando — ordenou.

Vinicius se levantou e se afastou dizendo que ouviu alguém chamar seu nome. Gargalhou ouvindo Lurdes praguejar, mas continuou se afastando. Passou pelas pessoas dançando, evitando todas elas com a desculpa que precisava de mais cerveja gelada.

Entrou em uma trilha na lateral da casa e desceu até encontrar um banco vazio na beira do lago. Sentou e conferiu o celular. Havia muitas ligações de Danila e inúmeras mensagens.

As primeiras mensagens diziam que ele devia ligar para ela imediatamente, já nas últimas, ela o xingava de *cretino inútil*.

Vinicius riu baixo, pois no dia anterior eles haviam brigado por ele ter se atrasado para a aula da noite. Ela gritou com ele e jurou que nunca precisaria dele, pois era um incompetente que não sabia olhar as horas.

— Odeio você — foi a primeira coisa que ela disse quando ele retornou a ligação.

— Você me ama, Danila — retrucou despreocupado.

— Danila é teu.

— Olha a boca suja. — A interrompeu rindo.



— Nem vou perguntar porque não me atendeu mais cedo — resmungou.  
— Preciso de você.

— Resolveu ceder e me levar para sua cama? Não sou tão fácil assim — provocou.

— Deixa de ser ridículo! — exclamou. — Vem logo me encontrar, é sério!

— Mais tarde.

— Vinicius. — Dani gemeu frustrada.

— Diga, meu amor — provocou.

— Por que mesmo eu não te matei ainda?

— O uniforme da prisão não combina com seu cabelo.

— Imbecil!

Vinicius gargalhou.

— Hoje você está com uma lista bem grande de insultos.

— DEVE SER PORQUE VOCÊ ME IGNOROU O DIA TODO!

Ele afastou o celular do ouvido quando ela gritou.

— Ai, não precisa gritar — resmungou.

— Venha logo, caralho.

— Já disse que amo sua boca suja?

Ela não o respondeu, encerrou a ligação ainda mais furiosa do que antes quando o atendeu. Vinicius riu e relaxou no banco, tomou o resto da cerveja na taça em um gole.

— Ela esperou o dia inteiro, pode esperar mais um pouco — disse para o nada.

...

As nove horas da noite, Dani abriu a porta de sua casa pronta para matar Vinicius.

— Que bom que está feliz em me ver. — Ele tropeçou para dentro da casa dela.

— Está bêbado. — Dani afirmou frustrada.

— Levemente embriagado. — A corrigiu e se jogou no sofá dela.

*Não vai dar certo, pensou em pânico, vou ter que contar a verdade aos meus pais.*

Dani não saberia por onde começar a pedir desculpas por mentir. Pedir desculpas para a família inteira, já que seus pais anunciaram a todos que ela tinha *desencalhado*.

— Diga-me, meu amor, o que você precisa de mim? — Vinicius

perguntou chamando sua atenção.

— Não sou seu amor.

— Já passamos desta fase, Dani — suspirou. — Você é o meu amor malvado.

— Você é um idiota, não sei porque te chamei.

— Se quer meu corpo nu, é só falar — começou a afrouxar a gravata que usava. — Talvez tenha que me ajudar com as roupas.

— Cretino — xingou.

Vinicius tirou a gravata e jogou no chão.

— Fiquei de terno o dia todo, não entendo para que precisamos usar isto em um casamento — deu de ombros. — Eu não era o noivo — concluiu pensativo.

— Pare de tirar a roupa. — Dani mandou, ele havia aberto metade da camisa.

— Não é isto que quer? — perguntou confuso.

O álcool não estava o ajudando muito naquele momento.

— Não.

— O que quer de mim? Diga e é seu! — piscou para ela.

— Preciso que finja ser meu namorado. — Dani disse rapidamente.

Ele riu travesso.

— E eu acreditando que você não queria meu corpo nu. — Vinicius brincou.

— Eu não quero ir para cama com você, Vinicius — disse nervosa. — Só que finja ser meu namorado por um mês — revirou os olhos. — Meus pais me pressionaram tanto que acabei mentindo para eles.

— Disse que namorava comigo — riu.

— Vai me ajudar ou não?

— Vou.

— Amanhã, quando estiver sóbrio conversamos. — Dani suspirou.

— Venha aqui — pediu.

— Pra quê? — Dani questionou erguendo uma sobrancelha.

— Já que é minha namorada, sua boca não devia estar tão longe da minha.

— Nem pensar — protestou.

— Por que sua boca está longe da minha?

— Questão de higiene — retrucou.

— Malvada — riu baixo e deitou no sofá.

Abraçou uma almofada.

— O que pensa que está fazendo? — Dani perguntou quando ele chutou os sapatos no chão.

— Dormindo — resmungou. — Peguei carona com Guilherme pra chegar aqui e eu não vou embora a pé — fechou os olhos. — A menos que me leve pra sua cama, vou ficar aqui, namorada.

— Folgado.

— Malvada — rebateu sonolento.

## Capítulo Dois

— Você ronca, que bonitinho.

Dani acordou assustada ao ouvir a voz de Vinicius tão perto do seu rosto. Tentou se levantar e acabou batendo a testa contra a dele. Gemeu de dor e voltou a cair na cama.

— Meu Deus! — Vinicius resmungou. — Que mulher assustada!

— O que está fazendo no meu quarto, Vinicius? — perguntou esfregando a testa.

— Fale baixo. — Ele murmurou. — Estou de ressaca.

— Bem feito, ninguém mandou me ignorar o dia todo ontem.

Vinicius a ignorou e entrou no banheiro de seu quarto.

— O que está fazendo? — perguntou alto.

— Não grita, mulher.

Dani bufou, decidiu que a pior coisa que fez na vida foi dar liberdade para Vinicius. Descobriu que ele era uma boa pessoa como sua irmã disse naquele dia do fracassado encontro, mas também era a pessoa mais folgada que já conheceu.

— O quê. — Ela se calou quando ouviu o barulho do chuveiro. — Está tomando banho? Pelo amor de Deus! Que homem folgado.

— Pare de gritar.

Ela ouviu Vinicius resmungar.

— Nem mesmo fechou a porta. — Dani murmurou irritada.

Sentou na cama e respirou fundo ou começaria o dia gritando na cabeça dele. O que não era uma má ideia, já que ele estava de ressaca. Sorriu malvada, *seria uma boa vingança*.

— Namorada, me traga uma toalha ou vou sair nu. — O ouviu pedir.

— Deus. — Ela resmungou. — Eu vou matá-lo.

*Matá-lo antes de o apresentar para meus pais*, pensou.

— Dani? Pare de resmungar e venha logo.

— Tem toalha no armário do banheiro, folgado.

A vontade de bater na cara dele aumentou.

— Não precisa gritar.

— Eu não gritei — disse brava.

Ouviu ele rir levando embora o pouco de paciência que ainda tinha.

*Vai ser um longo mês*, pensou frustrada.

— Bonita camisola.

Dani fechou os olhos impaciente.

— Pare de me irritar — pediu em um resmungo.

— Você se irrita muito fácil — retrucou e se jogou na cama dela. — E pare de gritar.

Dani se levantou.

— Quer que eu pare de gritar? — perguntou alto. — Pare de ser folgado! Dormiu no meu sofá, usou meu chuveiro e ainda deita na minha cama só de toalha! — Não diminuiu o tom de voz. — Quer um cafezinho também?

— A malévola perde pra você, ôhh mulher cruel — colocou um travesseiro em cima da cabeça. — Diga-me que tem alguma aspirina, meu cérebro está derretendo em dor.

— Você tem um? — provocou.

— *Hahaha* engraçadinha.

Dani vestiu seu hobby e o amarrou em um nó firme.

— Tem uma caixa de medicamentos na segunda gaveta do banheiro — informou. — Vou fazer um café, saia da minha cama — entrou no banheiro.

Dani escovou os dentes e quando voltou para o quarto, ele continuava deitado no mesmo lugar. Pegou um travesseiro e jogou nele.

— Saia da minha cama.

— Chata.



— Folgado.

Olhou os músculos bem trabalhados do corpo dele e mordeu as bochechas.

— Vá colocar suas roupas, cretino — resmungou saindo do quarto.

Seu domingo tinha começado bem... bem ruim na verdade. Já tinha se arrependido de pedir ajuda a Vinicius, eles sempre brigavam muito, o que mostrava não ter sido uma boa ideia. Dani queria voltar atrás, mas como faria sem magoar sua família?

Isto a fez lembrar que muito provavelmente encontraria Fábio, seu ex-namorado, no casamento de sua irmã. Aquilo a fez repensar, não mudaria de opinião. Esfregaria na cara de Fábio que ela não estava presa ao passado.

Vinicius a ajudaria, tinha certeza disto.

Sentiu-se motivada, aturar Vinicius teria um bom resultado no final. Encheu a máquina de água e colocou as cápsulas de café expresso.

— Não gosto de expresso.

Ela assustou-se ao ouvir a voz dele na cozinha.

Dani se virou pronta para brigar com ele por assustá-la mais uma vez, mas sua voz não saiu. Tinha que dar o braço a torcer, o homem era bonito. Não o mais bonito de todos, mas atraente... definitivamente atraente. Vestia somente sua calça social preta feita sob medida, que prendia perfeitamente em seus quadris magros.

— É o que vai tomar — respondeu não querendo deixar que ele perceba que ela o analisava.

— Queria café — resmungou se sentando ao redor da mesa.

— Vai tomar o que tem — disse tranquila.

— Você não tem coração, tem uma pedra no lugar — acusou mal-humorado.

— Pegou o remédio?

— Sim — mostrou a mão.

Ela pegou um copo e serviu com água, o entregou.

— Obrigado. — Vinicius resmungou.

— De nada — piscou para ele. — Que bom que ainda tem educação.

— Eu sou educado — respondeu depois de tomar a água.

— Só não usa — contrapôs ela de forma petulante.

— É por isto que precisa de um namorado de mentira. — Vinicius acusou.

— Não existe um homem que aguento você.

Por aquela, Dani não esperava.

A acusação de Vinicius, mesmo sabendo que era brincadeira, tocou um ponto dolorido dentro dela. Paralisou o encarando, sem ter uma resposta inteligente, sentiu a mágoa do passado doer em seu peito.

— Dani?

Ela sorriu de leve para ele e se virou rapidamente, tentando ignorar todas as lembranças que vieram a sua mente.

— Tudo bem? — Ele perguntou mostrando que não percebeu o que tinha falado para causar aquela reação nela.

— Sim — pegou a xícara da máquina e colocou na frente dele. — Sem açúcar para você.

Ela não o encarou, voltou e colocou outra xícara na máquina para pegar o próximo expresso. Se surpreendeu ao virar e dar de frente com ele. Arregalou os olhos e desviou o olhar.

— Dani? O que foi? — Vinicius perguntou. — Olhe para mim.

Não ergueu o olhar, fazendo com que ele segurasse seu rosto para que ela o encarasse.

— O que eu disse que a magoou? — perguntou.

— Nada.

— Está mentindo pra mim.

— Não é nada — garantiu. — Tome o expresso, vai se sentir melhor.

— Eu quero saber é se você vai se sentir melhor — retrucou sem desviar o olhar. — Não minta para mim, diga-me o que eu disse que a feriu? Juro que

não tive a intenção.

Dani fechou os olhos pesarosa, não queria falar sobre o assunto.

— Não tenho namorado porque não gosto de ser usada ou enganada — confessou.

Ele franziu a testa.

— Sabe que eu estava brincando, não é mesmo?

— Eu sei.

— Mas ainda assim eu a feri, desculpe.

— Não precisa se desculpar. — Dani se afastou dele e pegou a xícara na máquina.

— Vamos falar sobre esse namoro maluco. — Vinicius disse para animá-la.

Dani acenou e o acompanhou até a mesa.

— Tem certeza que quer fazer isto? — Ela perguntou.

— Sim — respondeu fazendo uma careta depois de tomar um gole do expresso. — Isto é horrível.

— É muito bom para ressaca.

— Malvada.

Dani sorriu sentindo que estavam voltando a ser os mesmos de sempre.

— Nem um pouquinho de açúcar? — Vinicius insistiu.

— Não — suspirou. — Lara vai se casar em quinze dias — contou.

— Estou sabendo, fui convidado. — Vinicius disse sorrindo presunçoso.

Ela revirou os olhos.

— Vamos ter alguns encontros antes do casamento — suspirou com leve pesar por ter que mentir.

*Agora não tem mais volta, pensou ela.*

— Quer que eu vá com você, como seu namorado — afirmou.

— Sim — murmurou. — Desculpe por pedir isto, não sei como cheguei a esse ponto, mas meus pais estavam fazendo tanta pressão que acabei mentindo.

— Tudo bem, parece divertido — deu de ombros.

— Sei que vai entrar de férias, então, vamos passar a próxima semana na fazenda dos meus pais.

Vinicius acenou concordando e tomou o resto do líquido na xícara. Foi aí que pensou em algo realmente importante.

— O idiota que te magoou vai estar lá — afirmou.

— Nunca disse isto. — Dani retrucou.

— Não precisa — deu de ombros. — Eu sei.

— Você é tão presunçoso. — Dani revirou os olhos.

— Estou com fome. — Vinicius reclamou ignorando-a.

— Primeira regra. — Dani apontou um dedo para ele. — Eu não sou sua empregada. Não espere ter toalha na mão, comida pronta ou o café que gosta. Pare de achar que sou sua mãe e que vou ficar fazendo suas vontades.

— Minha mãe não faz isto. — Vinicius disse segurando o sorriso.

— Bom, porque eu também não vou fazer.

— Sem graça.

— Folgado.

— Malvada.

Dani revirou os olhos novamente.

— Você está fazendo suas exigências, também quero fazer as minhas. — Vinicius disse.

— Nada de beijos ou sexo. — Dani se precipitou.

— Como você é sem graça! — Vinicius exclamou. — Pelo menos vou poder sair com outras mulheres durante esse mês?

— O que você acha? — ergueu uma sobrancelha.

— Celibato por um mês? — gemeu frustrado. — Quanta maldade, meu Deus — resmungou.

— Enquanto estivermos juntos nesse namoro de mentira, vamos ser exclusivos. — Dani especificou.

— Tudo bem — resmungou.

— Estou falando sério, não quero fazer papel de boba.

— Não vai — garantiu firme. — Quando vai ser nosso primeiro encontro familiar? — sorriu.

— Na quarta-feira, um jantar — informou. — Por favor, não me faça passar vergonha.

— Você pensa tão mal de mim — fez uma expressão dramática. — Mas vá se preparando, porque eu quero andar de mãos dadas e beijinhos.

— Nada de beijinhos.

— Muitos beijinhos — afirmou.

— Não se iluda tanto — riu.

— Vai ver que estou certo. — Vinicius sorriu. — Vamos ter muitos beijinhos.

...

Vinicius estacionou o carro na porta da casa de Guilherme mais tarde naquele domingo, desceu e travou o alarme. Apertou o interfone e aguardou. Sorriu animado quando viu seu amigo Daniel vindo na rua, logo estacionou

atrás de seu carro.

— Veio procurar café grátis que eu sei. — Dan brincou quando desceu de sua caminhonete.

— Não custa nada tentar — respondeu rindo. — Você veio com a mesma intenção.

— Amo o café da Leth. — Dan disse.

O portão abriu, Vinicius sabia que seu irmão os ouviu conversando. Entraram e fecharam o portão silenciosamente, sabiam que os gêmeos sempre dormiam em algum momento do dia e Letícia os mataria se acordasse os meninos.

— Não tem café. — Guilherme disse vindo em sua direção. — Podem ir embora.

— Quanta falta de cortesia. — Vinicius brincou.

— Tenho certeza que sua mãe te deu educação. — Dan disse. — Não seja tão do mal, nos convide para um café.

— Eu preciso de muito café. — Vinicius afirmou.

— Ainda de ressaca? — Guilherme perguntou para os dois.

— Tem alguma dúvida? — Vinicius questionou.

— Já foi mais inteligente que isto. — Dan provocou.



— O amor faz isto com os homens. — Vinicius zombou.

Os três se assustaram quando ouviram um grito de pânico de Letícia, mulher de Guilherme. Ele foi o primeiro a reagir, correu para os fundos de sua casa onde a ouviu. Vinicius e Daniel o seguiram, ambos preocupados.

Outro grito dela os fez correr mais rápido.

— Letícia! — Guilherme gritou assustado.

Ela gritou assustada novamente.

Pararam quando a viram em cima de um banco, com o rosto pálido olhando fixamente para o chão.

— O que foi? — Guilherme perguntou confuso.

— Achei que tinha um tarado aqui dentro. — Vinicius brincou.

— Além de você, Stifler? — Dan perguntou rindo.

— Parem de brincar e tirem esse monstro daqui! — Letícia disse brava.

— O quê? — Guilherme perguntou e olhou para o chão onde ela apontava.

Vinicius foi o primeiro a gargalhar ao avistar a pequena lagartixa no chão.

— Monstro? — Dan perguntou tentando segurar o riso.

— Bando de idiotas! — Ela exclamou. — Olha o tamanho desse dinossauro!

Guilherme foi o único homem sábio em não rir, sua mulher tirou os

chinelos dos pés e não errou quando mirou em Daniel e Vinicius. Eles reclamaram num momento e no outro voltaram a rir, talvez até mais do que antes, o que a deixou furiosa.

Guilherme prendeu o riso, espantou a lagartixa e carregou Letícia nos braços.

— Prontinho, está segura agora — disse ao colocá-la na varanda.

— Obrigada — resmungou. — Ponha eles para fora agora.

— Não seja tão má. — Dan pediu ainda rindo.

— Não ria de mim — acusou colocando as mãos na cintura.

— Eu não vou embora. — Vinicius disse. — Quero ficar um pouco com meus *Pestinhas San*.

— Não chame meus filhos de pestinhas — protestou.

— Onde estão meus *Pestinhas San*? — perguntou a ignorando.

— Vendo desenhos na sala. — Guilherme respondeu e tomou um tapa de Leth. — Ai, que mulher agressiva.

— Eu te disse para colocá-los pra fora — acusou.

— Eu não sairia. — Vinicius a provocou. — A não ser que ele atire em mim.

Passou por Letícia rindo.

— Você é muito folgado, Vini! — Leth exclamou.

— Eu sei e não ligo, devia fazer o mesmo — retrucou.

— Amor, acha que consegue atirar nele sem matá-lo? — Ela perguntou a Guilherme.

— Posso tentar — riu.

Antes de Vinicius se afastar mais, ele ouviu Letícia choramingando para que Guilherme resgatasse seu chinelo, pois ela não iria lá com medo da lagartixa voltar.

Obviamente, Vinicius riu alto mostrando que tinha escutado. Aquela cena daria boas histórias pelos próximos meses, pois ele faria questão de contar a toda família.

## Capítulo Três

Sabe aquela expressão de *déjà vu*? Criada por um francês estudioso interessado em fenômenos psicológicos, onde entendia-se como um sentimento de ter visto ou vivido algo pela primeira vez e temos a sensação de que já experimentamos antes.

A diferença, era que Dani tinha certeza de que já viveu aquilo anteriormente. Para ser mais exata, dois anos atrás, onde um encontro fracassou por causa da falta de pontualidade de Vinicius.

O mais engraçado de tudo, era que ela sentia as mesmas coisas.

Raiva, indignação e impaciência.

O único fato que mudava é que em vez de duas horas atrasado, ele estava uma hora. Isto porque Dani teve o cuidado de marcar com ele meia hora antes, para que ele chegasse no tempo certo.

Ela abriu a porta de sua casa e encarou furiosa o homem do lado de fora. Apesar de não usar jaqueta de couro, tinha o mesmo sorriso cafajeste de dois anos atrás.

— Desculpe, eu me atrasei, mas foi por um bom motivo — disse fazendo uma expressão dramática.

— *Ah é mesmo? E qual foi o motivo?* — Dani perguntou cruzando os braços.

Vinicius fez um careta estranha.

— Pensei que fosse dizer “*não quero saber de nenhuma desculpa*”, então, não pensei em uma.

— Eu ainda te mato, Vinicius — ameaçou irritada.

— Devia relaxar um pouco — brincou.

— Só consigo relaxar se for acertando meu punho na sua cara — resmungou virando-se.

Entrou dentro de casa, caminhando em passos duros.

— Que mulher agressiva.

— Cale a boca, estamos meia hora atrasados. — Dani murmurou, pegou sua bolsa e voltou a sair.

— Meia hora? — franziu a testa. — Pensei que estivesse mais atrasado.

— Marquei com você meia hora antes e ainda sim se atrasou — bufou irritada.

— Que coisa feia tentando me enganar, dona Danila.

— Não me chame assim — apontou um dedo. — Vamos logo! — O aguardou na porta olhando-o impaciente. — O que está esperando? Vamos logo, homem!

— Já vou, já vou!

— Espero que não tenha uma moto lá fora, ou eu juro que realmente te mato. — Dani resmungou enquanto trancava a porta.

Vinicius gargalhou fazendo-a encará-lo confusa.

— Achei que somente eu estava com uma sensação de *déjà vu* — disse sem conter o riso.

— Mesmo depois de dois anos, você ainda é um idiota atrasado — retrucou.

— E você linda, apesar da boca suja. — Vinicius contrapôs sorrindo.

O vestido azul escuro liso e simples dava a ela uma beleza que Vinicius interiormente desejou poder ver todos os dias. Seus longos cabelos vermelhos estavam presos em um rabo de cavalo alto e elegante.

— Madame — ofereceu o braço.

Dani riu não aguentando ficar com raiva dele.

— O que eu faço com você? — perguntou aceitando seu braço.

— Não me faça esta pergunta — pediu rindo. — Pergunte-se o que me deixaria fazer com você.

— Não estamos em um encontro, Vini. — Dani disse suavemente. — E o que quase tivemos você estragou tudo.

— E você bateu em mim com sua bolsa. — Vinicius acusou rindo.

— Você mereceu. — Dani deu de ombros.

— Eu mereci. — Vinicius acenou concordando. — Mas esse ainda poderia ser um encontro de verdade — insistiu.

Ela ia protestar, abriu a boca para dizer que não era uma boa ideia e que aquilo não iria acontecer. Porém, Vinicius foi mais rápido. Segurou o rosto dela com as duas mãos, fazendo-a encará-lo em silêncio.

— Não sou mais o homem idiota de dois anos atrás, Dani. — Ele riu quando ela estreitou os olhos. — Tudo bem, ainda sou um idiota com problemas com o relógio, mas sou um homem diferente.

— Isto não é razão para termos um encontro. — Dani disse baixo.

— Nunca perdi o interesse em você, Dani, durante esse tempo que se passou só serviu para me moldar, me tornar mais homem — confessou.

— Não sei o que dizer — disse confusa.

— Que me dá uma chance. — Ele respondeu. — Não precisamos mentir, vamos fazer disto real.

Dani mordeu o lábio inferior segurando a vontade de apontar o porquê não era uma boa ideia. Conhecia Vinicius, apesar de ser uma boa pessoa, não era homem de uma mulher só.

— Não vou te magoar — jurou. — Mas não posso prometer nada a respeito dos atrasos, é mais forte do que eu.

Ela riu, mas ainda assim não o respondeu.

— Vamos lá, Dani, o que tem a perder? — insistiu. — Me dê uma chance — pediu com um olhar marcado por sinceridade.

— Tudo bem — suspirou. — Mas vai ser uma única chance.

— Só preciso de uma — beijou a bochecha dela e se afastou oferecendo o braço novamente. — Vamos? Minha carruagem real a espera.

Acenou mostrando o carro.

Dani riu balançando a cabeça, sabia que poderia estar cometendo um erro, mas pelo menos dava boas risadas ao lado dele.

...

— Qual é o problema? — Vinicius perguntou.

Estavam quase chegando ao restaurante, onde se encontrariam com a família dela, mas ele percebeu que Dani manteve-se calada por todo o tempo.

— Estou ansiosa — respondeu em um suspiro.

— E por que está ansiosa? É a sua família — franziu a testa confuso.

— Esse é o problema, é a minha família — apontou nervosa.

— E?

— São como tubarões famintos — riu baixo. — Vão querer mastigá-lo com perguntas e mais perguntas.



— Não se preocupe com isto. — Vinicius disse rindo. — No dia em que conhecer a minha família inteira, todos presos no mesmo recinto, vai saber o que realmente são tubarões famintos — gargalhou.

— Não podem superar os meus — riu.

— Lá em casa somos quatro filhos homens, isto gera muitas provocações — contou. — Vitor casou-se com Sofia e de quebra trouxe um pai louco e uma avó terrivelmente desbocada — riu. — Dona Lurdes é quem controla os tubarões.

— Está me dizendo que a família da sua cunhada é presente na sua?

— Mais do que imagina. Sabe o que é melhor? Eu adoro — riu. — Acho que todos amamos, nos deixou ainda mais unidos, apesar de sempre estarmos famintos para devorar alguém — riu.

— Não sei se fico aliviada ou preocupada. — Dani brincou.

— Os dois — aconselhou.

Estacionou o carro e virou no banco.

— Pronta?

— Não — gemeu.

Vinicius riu.

— Vai dar tudo certo.

— Não os conhece.

— É por isto que estamos aqui, quero conhecê-los.

— Está falando sério — suspirou.

— Claro que estou, eu te disse, Dani, só preciso de uma chance para te mostrar que não sou tão idiota como imagina — segurou sua mão. — É o nosso primeiro encontro.

— Mesmo com minha família a tira colo?

— Ela é uma parte de você, teremos outra chance de sairmos sozinhos.

— Isto se você não estragar tudo chegando atrasado — acusou rindo.

Vinicius riu concordando.

— Mesmo que eu chegue atrasado. — A corrigiu.

## Capítulo Quatro

— Oh meu Deus, ele é real! — Uma mulher baixinha exclamou.

Vinicius riu.

— Mãe, não faça isto. — Lara, irmã de Dani, repreendeu a mãe rindo. — Mas não está mais surpresa do que eu.

— Bom vê-la, Lara. — Vinicius beijou o rosto de Lara.

Sorriu para Isis, mãe das meninas, e também beijou seu rosto.

— Prazer em conhecê-la, já vejo de onde essas meninas puxaram tanta beleza — disse encantando Isis.

— Obrigada. — Isis disse. — Mas o prazer em conhecê-lo é todo meu.

— Enfim essa menina desencalhou. — Marcos, pai de Dani, brincou. — Mas com um bonitão desses, até eu queria.

— Pai. — Dani gemeu envergonhada.

— Seu pai tem bom gosto. — Vinicius brincou e apertou a mão de Marcos.

— Já gostei dele. — Marcos afirmou rindo. — Esse é meu filho Renan e sua esposa Cibele.

Vinicius apertou a mão do irmão de Dani e beijou o rosto de Cibele.

— Bem-vindo a família, é uma loucura, mas uma boa família. — Renan

brincou.

— Estou acostumado a loucura. — Vinicius disse.

Dani riu.

— Ele costuma liderá-los. — Ela provocou fazendo todos rirem. — Esse é meu sobrinho Igor.

— Bonito nome. — Vinicius disse se lembrando de ter dito esse nome para Letícia colocar em um dos gêmeos.

— Sentem-se, estávamos esperando somente vocês.

Heitor, amigo de Vinicius e noivo de Lara, estreitou os olhos para eles.

— Quem diria que depois de dois anos vocês ficariam juntos — disse observador.

— Ela não resistiu ao meu charme. — Vinicius brincou e puxou a cadeira para Dani se sentar.

— A verdade é que eu fiquei louca de vez. — Dani retrucou sem perceber que estava dando brechas para perguntas.

— Não estou entendendo nada. — Isis disse.

— E eu estou super curioso agora. — Marcos disse franzindo a testa.

Dani ficou levemente tensa, mas disfarçou bem.

— Dois anos atrás tivemos um *quase* encontro. — Vinicius contou sem

esconder a diversão de seus olhos.

— Ele estragou tudo. — Dani apontou.

— Ela me bateu com a bolsa — fez uma expressão de horrorizado.

— Só porque atrasou por duas horas. — Ela o desafiou.

Não adianta quantas vezes falavam sobre aquele desastroso “quase” encontro, Dani sempre ganharia a discussão.

Afinal, quem mandou ele ser tão babaca no dia?

— Conte-me mais! — Isis exclamou alertando-os que estava bem atenta aquela pequena disputa.

— Eu estou amando. — Marcos gargalhou. — Ela te bateu com a bolsa! — exclamou divertido.

— Coisas que só Danila pode fazer. — Renan brincou.

— Quem arranjou esse encontro? — Cibeles perguntou curiosa.

— Eu e o Heitor, achamos que seria uma boa ideia. — Lara contou rindo.

— Ela estava muito brava? — Igor perguntou cheio de interesse no assunto.

— Furiosa. — Vinicius contou rindo.

— Com toda razão, você tem sérios problemas com as horas. — Lara acusou.

— Acho que ele não aprendeu ainda a olhar. — Heitor provocou.

Vinicius deu de ombros rindo.

— Pelo menos eu tenho senso de humor, ela não — apontou para Dani.

— É o que sempre digo. — Isis afirmou rindo.

— Vamos pedir, me deu até fome ouvindo-os. — Marcos disse acenando para o garçom. — Esse jantar está melhor do que imaginei — disse provocando risadas na mesa.

...

— Entregue. — Vinicius disse para Dani assim que estacionou na porta da casa dela.

— Obrigada — disse suavemente. — A noite não foi tão ruim quanto eu esperava.

— Te disse para não se preocupar — riu baixinho.

— Impossível — afirmou sorrindo. — Me impressionou — elogiou.

— Não se arrependeu de me dar uma chance? — questionou.

— Não.

— Isto é bom, o próximo encontro não será tão coletivo assim — prometeu com um sorriso cafajeste. — Só nós dois.

— Tem certeza disto? — questionou erguendo a sobrancelha.

— E você tem alguma dúvida? — retrucou. — Eu não tenho — afirmou.  
— Já te disse, Dani, estou falando sério, nunca perdi o interesse em você.

Ela suspirou de leve e se virou um pouco mais no banco para encará-lo.

— É só que — calou-se sem saber se deveria continuar. — Não sei se deveríamos fazer isto real.

— Está com medo.

— Estou — afirmou levemente. — Já me machucaram antes e não quero que se repita — suspirou. — Você me estressa em níveis assassinos, mas sei que é meu amigo. Não sei se poderíamos continuar com amizade se me magoar.

— Não te estresso tanto assim — apontou para aliviar a tensão.

— Só ouviu isto em tudo que disse? — perguntou brava.

— Claro que não, mas não poderia deixar de lado essa observação — sorriu.

— Você não tem jeito — riu.

— Então dê um jeito em mim — pediu. — Só você pode fazer isto.

— Por que tem tanta certeza? — perguntou curiosa.

— Um dia vai descobrir — garantiu.

Vinicius se inclinou e beijou o canto da boca de Dani.

Ela segurou a respiração, surpresa com o movimento inesperado. A suavidade de seus lábios marcaram sua pele, agora em chamas, com o beijo carinhoso e ousado.

Lentamente, ele se afastou deixando que ela respirasse novamente e sentisse seu inebriante aroma. Dani chegou a questionar sua sanidade, quando desejou pular em cima dele e beijá-lo até que desmaiasse por falta de ar.

— Precisa que te leve até a porta? — Vinicius perguntou.

Dani aprumou a coluna, mantendo-se reta e decidida.

— Não — abriu a porta do carro. — Nos falamos depois — saiu do carro apressadamente.

— Tchau, Dani.

Ela acenou, incapaz de formar palavras, fechou a porta e se virou. Segurou-se para não correr de volta para ele, afirmava mentalmente que havia enlouquecido de vez.

Entretanto, não foi capaz de negar o desejo que sentia. Muito menos o frio na barriga, como se mil borboletas tivessem invadido seu estômago deixando-a nervosa ao ansiar pelo próximo encontro.

Dani se trancou em casa e encostou-se na porta respirando com dificuldade.

— Fala sério — resmungou. — Tinha que me sentir assim logo com ele?



— questionou para o nada.

*Estava perdida*, pensou levemente frustrada.

...

Na hora do almoço no dia seguinte, Vinicius foi surpreendido ao entrar no restaurante de sempre para almoçar. Seus irmãos e amigos estavam o aguardando na mesa de sempre, mas a diferença era que dessa vez estavam ali por ele.

— Reunião de última hora e não fui informado? — perguntou puxando a cadeira para se sentar.

— Não nos enrole. — Guilherme disse. — Tenho mais o que fazer.

— Não sei do que está falando — franziu a testa confuso, mas no fundo sabia o motivo.

— Namorando? Sêrio? — Vitor perguntou se inclinando sobre a mesa. — Você?

Vinicius riu e pegou uma batata do prato de Gustavo.

— Ei! Sirva o seu! — Gustavo exclamou puxando o prato para longe do alcance do amigo.

— Estou namorando — afirmou tranquilo.

— Está de brincadeira, neh? — Pedro perguntou analisando o irmão.

— Não — respondeu.

— Tem algo errado com ele. — Daniel disse franzindo a testa. — É o nosso Stifler.

Vinicius riu dando de ombros.

— É verdade, estou namorando com a Dani.

— Mas ela te odeia. — Guilherme observou.

— Era amor — brincou.

Gargalharam alto.

— Você está aprontando. — Vitor disse. — Por que não disse nada antes?

O sorriso de Vinicius foi se apagando levemente, não iria mentir para seus irmãos.

— Errei muito com ela antes, em nosso primeiro encontro — começou. — Mas acabamos trabalhando no mesmo lugar e fiz muitas coisas para irritá-la, só que — calou-se procurando as palavras certas. — Ela me atrai, entendem? — questionou. — Me atrai como ninguém antes — confessou. — Nunca contei para ninguém, mas me apaixonei por ela com o passar do tempo.

— E ela era inteligente demais para te dar bola. — Pedro provocou.

— Sim — acenou e sorriu cafajeste. — Mas ela não resistiria para sempre.

Seus irmãos e amigos riram, mas Vinicius se levantou para se servir para

disfarçar como preocupação se mostrou em seus olhos.

Era verdade, se apaixonou por ela com o passar do tempo. Viu a mulher forte e decidida que se escondia debaixo da mulher brava e resmungona.

Agora, ele precisava se empenhar muito para conquistá-la e não decepcioná-la.

## Capítulo Cinco

Dani quis revirar os olhos quando abriu a porta de sua casa na noite de quinta-feira. Também teve vontade de fechar fingindo não tê-lo visto ali. Será que ele sumiria em um passo de mágica?

*Doce ilusão*, pensou.

— Pizza e vinho? — Vinicius ofereceu erguendo a caixa em uma mão e a garrafa em outra.

— O que está fazendo aqui? — cruzou os braços.

— Vim te mostrar que pizza e vinho não é tão ruim — respondeu. — Vai me deixar entrar ou não?

— Espero não me arrepender — disse revirando os olhos. — Entre.

Vinicius piscou para ela, caminhou pela sala observando tudo ao redor e se virou para Dani novamente.

— Faxina depois do expediente? — questionou.

— A casa não se limpa sozinha — retrucou.

— Ainda bem que já limpou a sala, porque é aqui que vamos ficar.

Ele não perdeu a carranca que ela fez, tinha certeza que era porque preferia preservar o local limpo. No entanto, como sempre, Vinicius não se importou. Era da natureza dela ser resmungona e da dele ignorar as pessoas.

Colocou a caixa sobre a mesa de centro e a garrafa ao lado. Observou Dani se afastar para a cozinha, seus olhos ficaram presos nas coxas nuas dela. Ele amava vê-la de short curto, sempre imaginava como era a suavidade de sua carne.

Não o julgue, por favor.

Vinicius nunca escondeu ser um cafajeste, pelo contrário, mantinha suas intenções sempre muito claras. Com Dani não era diferente, seus olhos bem atentos a ela, ele nunca deixou de observar suas curvas que deixavam muito para sua tão pervertida imaginação.

*Curvas tão bem definidas*, pensou segurando um gemido de frustração.

Ele a desejava desde o primeiro dia em que se conheceram. A expressão fechada e o olhar furioso, foi como se o acertasse direto no coração... Bem em outras partes mais baixas também.

Aqueles olhos castanhos claros, marcados por uma personalidade forte o prenderam. Não seria hipócrita, quis levá-la para cama naquele exato momento. Ter o prazer de domá-la. Os sentimentos vieram depois, exatamente cinco meses depois, quando passou a vê-la quase todos os dias a noite na academia.

Foi aí que perdeu seu coração para ela, o problema é que, desde então, Dani nunca tinha lhe dado uma segunda chance. Uma pequena oportunidade.

Manteve-se relativamente longe, respeitando a decisão dela e se tornando um bom amigo. Apesar de que algumas vezes a irritava... tudo bem, foram mais do que algumas vezes.

Vinicius sorriu ao vê-la se aproximando novamente espantando seus pensamentos. Sentou-se no chão ao seu lado. Aceitou o saca rolas que ela lhe entregou.

— Vai me contar o real motivo da visita? — Dani perguntou se sentando ao lado dele.

Colocou as taças que trouxe da cozinha na mesa de centro e o observou.

— Já disse — torceu o saca rolas e abriu a garrafa. — Uma vez te ofereci pizza e ficou furiosa comigo — riu.

— Acha que eu não tinha razão? — perguntou ela.

— Claro que tinha — serviu as taças. — Mas eu estava tentando remediar a situação por ter estragado nosso encontro.

— Nada que fizesse iria remediar aquele fracasso. — Dani disse fazendo uma carranca ao lembrar *novamente* do quase encontro.

— Está na hora de superarmos aquele dia. — Vinicius disse e lhe entregou uma taça.

Dani sorriu de leve.

— Acredito que vou ter que concordar — disse ela.

— Nossa, fiquei lisonjeado — brincou Vinicius. — Primeira vez concordando comigo sem uma briga antes.

— Estou cansada de pensar naquele encontro — suspirou. — Vamos seguir em frente.

— Gostei disto — sorriu.

Bateram suas taças levemente em um brinde.

— Ao seguir em frente. — Vinicius disse.

— Ao seguir em frente. — Dani repetiu concordando.

Sorriram um para o outro e beberam o vinho.

Vinicius foi o primeiro a fazer uma careta, o sabor do vinho não era muito bom.

— Aonde comprou isto? — Dani perguntou rindo.

— No único mercado aberto a essa hora que apareceu na minha frente — contou. — Que coisa horrível — enrugou o nariz em desgosto.

Dani gargalhou divertindo-se quando ele tomou a taça de sua mão.

— Não vamos beber isto — afirmou franzindo a testa. — Deus que me livre, vai que nos dá uma dor de estômago daquelas?

Dani riu mais alto.

— Pare de rir — pediu ele. — Quem vende uma porcaria desta?

— Não consigo — gargalhou.

A indignação de Vinicius era completamente engraçada. Pela primeira vez, em dois anos, ela o viu levemente irritado e achou muito divertido.

— Está rindo de mim? — perguntou chocado.

Dani sentiu os olhos encherem de lágrimas, estava literalmente chorando de rir.

— Não tem graça, pare — pediu ele, mas também já ria contagiado pelo riso dela.

— Tem... muita... graça. — A voz de Dani saiu falhada.

No entanto, o que Dani não esperava era que ele a faria parar de rir de um jeito inimaginável.

Inclinou-se sobre ela, segurou seu rosto com ambas as mãos e a beijou.

Dani congelou, perdeu o resto do fôlego que ainda tinha e arregalou os olhos. Se encararam paralisados, pois até mesmo Vinicius não imaginava que faria aquilo. Afastou-se alguns centímetros para que pudesse analisá-la melhor. Ele deslizou as mãos para os seus cabelos ruivos, fazendo que se soltassem de seu coque e caísse sobre suas costas e levemente sobre o rosto.

*Linda*, foi o pensamento mais coerente que teve.



Não conseguiu desviar o olhar, manteve-se firme aceitando de que ela precisava de um tempo para recuperar o ar. Notou que mesmo ele precisava recuperar o ar, pois sentia-se como se Dani tivesse tomado tudo dele com sua beleza. Claro que ela não era a mais bela do mundo, mas inacreditavelmente se tornou a mulher mais bela do mundo de Vinicius.

*Como era possível?* Não tinha uma resposta para aquela pergunta tão simples.

Vinicius apreciou seus devaneios e voltou a se aproximar dos lábios de Dani. Sem desviar o olhar, buscando por sua aprovação. Quando ela fechou os olhos, ele teve a certeza de que Dani também sentia a mesma emoção do que ele.

Decidido a não estragar o momento, Vinicius encostou sua boca na dela. Pensou em seus lábios como um delicioso vinho, assim pelo menos poderia dizer que degustou algo com um sabor especial. Algo que passou por seus sentidos, alcançou o cérebro e tomou seu coração.

Ela lhe deu passagem, abrindo levemente sua boca. Provou a maciez de seus lábios aprofundando o beijo suavemente. Aperfeiçoando-se para guardar em sua memória todas emoções que experimentava.

Beijando-a mais profundamente, com a mesma delicadeza, aprendendo a traduzi-la. Descrevê-la. Usando de si, toda a concentração necessária para

apreciar aquele contato tão íntimo que era melhor do que a sua imaginação um dia criara.

Sobretudo, a paixão o consumia.

Isto foi motivo suficiente para se afastar, entendia que Dani merecia mais do que ele a jogando no chão e tirando suas roupas. Não que fosse uma ideia ruim, mas depois de tudo o que passaram, sabia que não poderia pular etapas.

Ofegante e com o coração batendo fortemente no peito, Vinicius não desviou o olhar do rosto dela. Ainda com os olhos fechados e os lábios entreabertos, o hipnotizava. Suas pálpebras deslizaram lentamente abertas, dando a Vinicius a visão de seu olhar brilhante marcado pela mesma paixão que o consumia.

Ele sorriu de leve, gostando de saber que era correspondido com a mesma intensidade.

— Pizza?

Dani mordeu o lábio inferior por um segundo e depois sorriu concordando.

— Espero que tenha acertado no sabor. — Dani o desafiou.

— Calabresa? — perguntou.

Ela fez uma careta.

— Estou brincando, quatro queijos — garantiu. — Achei que combinaria

com o vinho, mas não imaginei que o vinho não combinaria com nenhum paladar.

— Exagerado.

— Não me diga que gostou daquela merda — enrugou o nariz.

Dani negou com a cabeça, havia odiado o sabor tanto quanto ele. Levantou-se e foi em direção a cozinha para pegar pratos e talvez um suco, sabendo que os olhos de Vinicius estavam em sua bunda. Ele nem mesmo disfarçava mais a forma como a analisava.

No entanto, Dani não se importava. Sua mente estava ocupada pensando no beijo que ganhou. Sempre se questionou como seria beijá-lo, chegou à conclusão que sua imaginação não se comparava a realidade.

Encostou-se no armário sentindo as pernas bambas e o coração acelerado. Aquele primeiro beijo a marcou como se fosse ferro quente, marcando-a com sua intensidade.

Soltou exasperadamente o ar que nem sabia que prendia, ofegou tentando recuperar-se. Olhou em direção a sala e a única coisa que conseguiu pensar era em como queria beijá-lo novamente.

...

As horas passaram mais rápido do que Vinicius e Dani desejavam. Comeram pizza e tomaram o resto do suco de caixinha que tinha na geladeira

dela, enquanto conversavam sobre vários assuntos.

A conversa, com muitas implicâncias, mas sem brigas fez com que ambos crescessem mais em seus próprios conceitos. Amadureceram em seus julgamentos tornando a amizade mais forte, resistente.

O amor nascia ali, devagar. Como uma flor desabrochando lentamente depois da longa espera pela primavera, delicada e silenciosa. Tornando o campo mais florido, suave e com aromas que entorpecem a alma.

— Boa noite, Dani. — Vinicius disse assim que passou pela porta.

Virou-se em seus pés e a encarou.

— Boa noite, Vini.

Ele queria sorrir por enfim ela o chamar pelo apelido, mas não conseguia fazer nada além de encará-la. Deus era testemunha que tentava com muito esforço manter suas mãos longe dela.

Contudo, não tinha tanta certeza que poderia se manter assim. Deu dois passos para mais perto e ela não se moveu, ergueu o rosto e não desviou o olhar.

— Dani — murmurou perdido em seu olhar castanho tão claro quanto o mel.

— O que é, Vinicius? — Dani sussurrou.

— Vou beijá-la novamente se não se afastar de mim — disse em um tom rouco cheio de promessas.

Dani pensou que poderia estar cometendo uma loucura, mas não pôde evitar. Envolveu seus braços ao redor do pescoço dele e estremeceu quando Vinicius a abraçou pela cintura. Segurando-a firme contra seu corpo. Uma de suas mãos subiu lentamente por suas costas, deixando para trás um arrepio por seu toque tão intenso.

Segurou-lhe pela nuca, inclinando de leve sua cabeça antes de seus lábios se encontrarem mais uma vez naquela noite. Ao contrário do primeiro beijo, esse não foi suave ou delicado.

Seus lábios lutaram por cada instante, como se estivessem em um ringue de apostas altas. Suas línguas batalharam por mais espaço, por mais sabor.

Dani tremeu, ansiando por mais, mais borboletas no estômago. Por mais daquele frio que atravessava sua espinha. Por mais dos lábios que a devoravam.

Insanamente, pensou estar descendo ao inferno. Sentia o calor infiltrar em sua pele, da forma mais prazerosa possível. Ofegou ao ser pressionada contra a parede ao lado da porta. O corpo tentador e rijo dele a cobria com perfeição.

O beijo se tornou mais ousado expandindo os sentimentos mais crus que haviam em seus corações. Mostrando-lhes que o destino sabia o que fazia.

Que o tempo foi essencial para acender aquela chama que ardia entre eles.

A verdade mesmo, era que o destino amava pregar peças, mas o que não sabíamos era que o tempo tem uma forma maravilhosa de mostrar o que realmente importa.

Aquele desastroso encontro foi somente para moldá-los, ensiná-los que a amizade torna tudo mais fácil. Pois um relacionamento não é nada sem cumplicidade, companheirismo... amizade. Apesar de que muitas vezes Dani ficou tentada a arrancar a cabeça de Vinicius, eram amigos.

E agora... pois bem, agora eram mais.

— Por Deus. — Vinicius exclamou ao se afastar dela. — Não me deixe beijá-la assim — ofegou.

Dani demorou mais do que esperado para entender o que ele havia dito. Completamente sem fôlego o encarou.

— O quê?

Vinicius deu dois passos para trás.

— Vou levá-la pra cama — afirmou, seu peito subia e descia rapidamente.  
— Não posso fazer isto agora — resmungou.

Ela o olhou ainda mais confusa do que antes.

— Seja mais claro, Vinicius — disse séria.

— Eu só... droga... estou fazendo uma bagunça — puxou os cabelos de leve antes de voltar a falar. — Te pedi uma chance, mas não quero estragar tudo perdendo o controle. Apesar do vinho ruim, foi uma noite incrível. A primeira noite de paz entre nós dois, tem que ser especial, não algo que eu faria com qualquer outra mulher.

— Confesso que estou surpresa. — Dani disse sorrindo e se aproximou dele.

— Você merece mais do que sexo casual. — Vinicius afirmou.

— Disto eu não duvido — abraçou seu pescoço novamente.

Vinicius segurou seu rosto e lhe deu alguns beijinhos rápidos.

— Preciso ir — gemeu frustrado.

Precisava se afastar dela para conseguir seu propósito de não fazer algo que o antigo Vinicius estava tão acostumado a fazer, sexo sem compromisso e ir embora.

— Está tornando isto mais difícil ao me tocar — disse tentando afastá-la.

Mas Dani se manteve firme, o entendia, mas iria se afastar só porque ele pedia. Sorriu para ele, beijou sua bochecha e o abraçou com carinho. Entendia o que ele propunha a fazer, mas depois daquela noite incrivelmente tranquila, ela queria abraçá-lo.

— Obrigada — agradeceu por seu cuidado.

Por se esforçar a ser alguém melhor, para criar um relacionamento real baseado em bons sentimentos.

— Não me agradeça, estou morto de vontade de arrastá-la para dentro — brincou retribuindo seu abraço.

Vinicius sentiu o coração desacelerar, acalmando-se ao sentir o carinho que vinha daquele abraço que recebia. Não era algo vazio e sem emoção. E sim um abraço de confiança, cheio de ternura.

Onde pode respirar devagar, sentir o cheiro levemente adocicado dela e apreciar a tranquilidade daquele ato tão comum entre as pessoas, mas que nunca param para senti-lo com todas emoções que o envolvia.

Abraçar alguém é tão importante, não precisamos amar ou desejar para dar um bom abraço, mas quando se tem sentimentos é capaz de expressar uma enorme gama de anseios que não fazemos nem ideia de sua dimensão. Envolver os braços ao redor de uma pessoa e deixar que ela se refugie num pequeno momento de paz.

— Boa noite, Vini. — Dani disse ao se afastar.

Ele a encarou nos olhos antes de sorrir.

— Boa noite, Dani.

...

— O que está acontecendo com ele? — Letícia perguntou a Guilherme.



Observavam Vinicius de longe, estava na frente da TV com os meninos ouvindo Rock dos anos 90 e ensinando-os a balançar a cabeça no ritmo da música.

— Por que estaria acontecendo algo com ele? — Guilherme questionou para provocá-la.

Letícia colocou as mãos na cintura e o olhou com impaciência.

— Ele está mais calado que o normal — disse pensativa.

— Por Deus, mulher! — exclamou rindo. — Ele está ensinando nossos filhos a cantar *Best of You*.

Ela riu entendendo.

— Você me entendeu, tem algo diferente nele.

Voltaram a encarar Vinicius e os gêmeos, pulavam animados na frente da TV.

— Isto aí, Pestinhas San! — Vinicius exclamou rindo. — *Is someone getting the best. The best, the best, the best of you?*

Os meninos balançaram as cabeças no ritmo, cantando em um idioma desconhecido, e enchendo o tio de orgulho.

— Ele está apaixonado. — Guilherme contou.

Letícia arregalou os olhos surpresa e encarou o namorado.

— Por quem?

— Danila.

— A gerente da academia?

— Sim, estão namorando.

Letícia bateu no braço dele.

— Por que não me contou antes, homem?

— Que mulher agressiva essa sua. — Vitor disse ao se aproximar, havia visto Letícia bater em seu irmão. — Essas Donas Onças não são fáceis.

— Está me chamando de Dona Onça? — perguntou chocada.

— Nunca faria algo assim. — Vitor jurou cínico. — O que fazem aqui parados?

— Observando Vinicius ensinar Rock pros meus filhos. — Letícia gemeu.

Sua cabeça doeria no dia em que eles crescessem e colocassem o som na maior altura. A música acabou e começou a tocar *Smells like Teen Spirit do Nirvana*.

— Nem pensar! — exclamou ela. — Muito pesada.

— Você é tão sem graça cunhada. — Vinicius disse e mudou de música.

*Hotel Califórnia* começou a tocar e ele sorriu animado.

— *Pestinhas San*, ouçam seu mestre — disse fingindo estar sério. — Esse

é um hino que nunca podem esquecer.

Letícia revirou os olhos quando viu seus filhos atentos ao que o tio falava.

— Pare de chamar meus filhos de Pestinhas — apontou um dedo ameaçador.

— *Welcome to the Hotel Califórnia*. — Vinicius cantou a ignorando.

— Por que não me conta sobre sua namorada? — Letícia disse tentando provocá-lo.

— Não tenho nada a contar — piscou para ela e se sentou no sofá observando os meninos curtindo a música.

— Jurava que Danila queria lhe arrancar as bolas. — Letícia disse.

— Isto vai ser interessante. — Vitor disse para Guilherme, que acenou concordando.

— Agora ela quer outra coisa com minhas bolas — retrucou sem pudor.

— Vinicius! — Ela exclamou.

— Você foi a única a colocar minhas bolas nesta conversa — apontou rindo.

— Você não tem solução — protestou brava.

— Talvez esteja enganada — deu de ombros.

— Que lindo, está apaixonado — riu animada.

Ele não respondeu, a ignorou novamente e voltou a cantar para irritá-la.

— *So I called up the Captain, please bring me my wine.*

## Capítulo Seis

Sabe aquele ditado que fala que as mães sempre sabem de tudo e que não adianta esconder? Então... Dona Elis não ficava muito longe desta realidade. Observou seu filho Vinicius distraído a ajudando com a louça da janta.

— Quando vai me contar? — perguntou ela.

— Contar o quê? — Lhe entregou um prato limpo.

— Que está namorando — ergueu uma sobrancelha.

Vinicius riu baixinho.

— Alguém andou falando muito por aqui — brincou.

— Era um segredo? — perguntou Elis.

Ele pensou por um pequeno instante.

— Não — respondeu.

Franziu a testa quando Elis colocou duas panelas dentro da pia.

— Ei — protestou. — Eram só os pratos.

— Não reclame ou vou arrumar mais — ameaçou.

— Você não dá moleza, mãe — afirmou rindo.

— Só agora que descobriu? — questionou tentando soar séria.

— Não — balançou a cabeça. — Mas acredito que devia pegar o Pedro

para essas tarefas domésticas.

— Posso saber o porquê?

— Oras — riu. — Ele é o caçula, deve ser mais explorado.

Elis riu e bateu nele com um pano de prato.

— Está tentando desviar o assunto — acusou estreitando os olhos para o filho. — Está apaixonado.

Não respondeu, fingindo se concentrar na panela que estava lavando.

— Não adianta mentir para mim, eu conheço meus filhos.

— Não estou mentindo — deu de ombros.

Ela sorriu animada.

— Meu filho encontrou a mulher certa — beijou sua bochecha. — Acabou a procura de cama em cama — riu alto.

Vinicius riu, mas não disse nada.

— Não foi com ela pra cama? — perguntou percebendo que ele estava calado demais.

— Mãe! — protestou. — Eu não vou falar sobre isto com você — riu. — É mais do que poderia compartilhar.

— Não precisa, já disse, conheço meus filhos — deu de ombros. — Sei de tudo só de olhar para vocês.

— Sempre soube que lê mentes. — Vinicius disse.

— Sou mãe. — Elis respondeu como se fosse óbvio.

Ele não disse nada, lavou o fundo da pia e se encostou nela para encarar sua mãe.

— Estou apaixonado — confessou com um sorriso bobo. — É uma mulher incrível que talvez me mate nos próximos quinze dias, mas vou tentar minha sorte.

— Devo me preocupar? — perguntou rindo.

— Claro! — exclamou. — Sou seu filho.

— Não me entendeu — riu ela. — Devo me preocupar com sua namorada?

— Mãe!

— Conheço você, Vinicius — fez uma careta. — Deve estar enlouquecendo a pobre coitada.

— Só pensam mal de mim — cruzou os braços.

— Por que será? — jogou um beijo para ele e se afastou. — Assim que voltar das férias, traga ela aqui. Quero conhecer a mulher que conseguiu domar meu filho.

— Não sou um cavalo — protestou.

— Às vezes age como um — retrucou rindo.

Balançou a cabeça rindo sozinho na cozinha, sua mãe era incrível, mesmo quando o insultava.

...

No sábado de manhã Vinicius buzinou na frente da casa de Dani, não precisava ser um gênio para concluir que ele estava atrasado. Combinou com Dani que a buscaria as cinco da manhã, no entanto, já eram oito horas.

Desceu do carro e abriu o porta-malas, minutos depois ela apareceu puxando duas malas grandes.

Apressou-se para ajudá-la.

— Bom dia, linda — disse sorridente.

Beijou a bochecha dela e ignorou seu olhar furioso.

— Temos um longo caminho pela frente — disse pegando as malas dela e colocando no carro.

Dani o encarou com raiva e depois entrou no carro, bateu a porta sabendo que ele não gostava. Queria irritá-lo de alguma forma, viu pelo retrovisor a careta que Vinicius fez e se sentiu um pouco melhor.

Ela precisaria aprender uma forma de fazê-lo pagar por todas as horas que a deixava o esperando. Acordou cedo, *bem cedo*, para sair, mas Vinicius não



chegou na hora combinada.

*Como sempre*, pensou revirando os olhos.

— Não ganho nenhum beijo de bom dia? — Ele questionou quando se sentou ao lado dela.

— Beijo? — questionou. — Vai ganhar é uns tapas se atrever a me irritar mais.

— Você é tão carinhosa — sorriu com ar de inocente.

— Vamos logo — olhou pela janela. — Vamos pegar muito trânsito pelo seu atraso — protestou.

— Nem demorei tanto — disse ele.

Ela o olhou brava.

— Quer mesmo discutir isto? — Dani perguntou séria.

Vinicius observou o maxilar trincado dela e seu olhar, o desafiando a tentar dar continuidade a aquele assunto. Sabiamente ficou calado, não rendendo o assunto.

*O que falaria?* Estava atrasado como sempre.

— Vamos lá — murmurou virando a chave na ignição.

A primeira hora na estrada piorou o humor de Dani. A quantidade de carros e grandes caminhões na rodovia a deixava tensa. Ao contrário dela,

Vinicius estava relaxado atrás do volante. Era visível que o trânsito rápido da via não o incomodava, pelo contrário, parecia animá-lo.

Pouco depois um acidente na rodovia os deixou parados atrás de uma fila gigante de carros. Entretanto, isto não tirou o bom humor de Vinicius. Ele curtia o rock que tocava em seu som e parecia não ter nenhum problema no mundo.

— Está tão quente. — Dani murmurou limpando o suor da testa.

— Sinto muito, mas como não está andando — apontou para os carros na frente. — Ficar com o ar condicionado ligado vai consumir muita gasolina.

— Eu sei — bufou.

— Atrás do meu banco tem um cooler com água gelada e umas latas de refrigerante. — Vinicius informou.

— E somente agora que você me diz? — arregalou os olhos.

— Você não perguntou — deu de ombros.

— Eu ainda mato você.

— Não duvido — riu. — Pegue, estou seco de sede.

Ela se inclinou para trás no banco, abriu o cooler e pegou uma garrafa de água.

— Me estressei tanto com seu atraso que me esqueci de pegar água —

murmurou.

— Ainda bem que sou um gênio — gabou-se.

Dani o ignorou, torceu a tampa da garrafa e bebeu um longo gole de água. Suspirou e bebeu mais um pouco, mais um pouco e... mais um pouco.

Vinicius franziu a testa a olhando com indignação.

— Eu também quero — protestou.

Ela o olhou, sorriu e bebeu o resto da água.

— Sua malvada! — exclamou. — Mulher sem coração!

— Isto tudo — gesticulou. — É culpa sua.

— Minha culpa?

— De quem mais seria? — questionou erguendo uma sobrancelha. — Se tivéssemos saído cedinho não pegaríamos trânsito.

— Mas aconteceu um acidente — protestou. — Não foi minha culpa.

— Sim, mas uma hora dessas já estaríamos chegando lá na fazenda. — Dani o repreendeu.

Pegou outra garrafa de água, torceu a tampa e entregou para ele.

— Olhe só, um pouco de bondade — brincou.

— Sou uma pessoa boa, você é quem provoca meu lado mal. — Dani o acusou.

— Mas seu lado mal está sempre na ativa. — Vinicius respondeu.

— Precisa que eu o diga porquê? — replicou.

Ele gargalhou alto.

— Não — respondeu e colocou o carro no neutro quando pararam totalmente de andar. — Sei que me odeia na maioria das vezes, mas tem que admitir que sua vida não teria tanta graça sem minha presença.

— A única coisa que admito é que minha vida seria bem mais tranquila — disse com petulância.

— Amo essa sua boca inteligente — sorriu e se aproximou. — Venha aqui — segurou sua nuca. — Estou louco por um beijo, mas você é tão malvada que está me deixando de castigo.

Dani pensou em negar só para provocá-lo. Contudo, os lábios bem desenhados dele tão próximos eram tentadores. Aproximou como ele havia pedido e sentiu um frio em seu estômago.

Sua boca encontrou a dele em um beijo estalado, riram baixinho. Vinicius sugou levemente o lábio inferior dela e aprofundou o beijo quando lhe deu passagem. Foi um momento rápido, não podia se distrair do trânsito. No entanto, cada vez que ficavam tão íntimos, mesmo que fosse por um breve momento, valia a pena cada segundo.

Vinicius piscou para ela e lhe deu um sorriso cafajeste.

— Eu te disse que teria muitos beijinhos entre nós — afirmou arrogante.

Ela bufou.

— Eu ainda te mato, Vinicius.

Ele arrancou com o carro pelos poucos metros livres na sua frente.

— De beijos? — sorriu. — Pode me afogar neles, até que eu dê meu último suspiro.

Dani desistiu de insistir com aquela conversa, sabia que não o venceria. Minutos depois uma pista foi liberada e o trânsito voltou a andar para o alívio dela. Ficar em um espaço fechado com Vinicius por muito tempo era muito perigoso. Ela o estrangularia até a morte por seu humor irritante.

Pelo caminho precisaram parar em um restaurante, mas logo estavam de volta a estrada. Seguiram por mais duas horas até que Vinicius desviou, entrando em uma pequena cidade.

Dali até a fazenda levou quase meia hora.

— Estou faminto. — Vinicius disse. — Comería um desses bois sozinho — apontou para o gado do pai de Dani que pastava a distância.

— Também estou com fome.

— Comería cru — enfatizou para mostrar o tamanho de sua fome.

— Bobo.

— É sério — riu. — Diga-me que sua mãe é uma boa cozinheira.

— Não muito — respondeu Dani rindo.

— Não importa — respondeu e parou o carro na frente da grande casa. —  
Com a fome que estou, qualquer gororoba é lucro.

Riram juntos e desceram do carro.

A família de Dani já os aguardava na porta visivelmente ansiosos.

— Que demora! — Seu pai exclamou.

— Não foi minha culpa. — Dani garantiu o abraçando.

— Nem minha. — Vinicius se defendeu. — Teve um acidente na rodovia.

Dani revirou os olhos.

— Deixa-me adivinhar — brincou Lara. — Teriam saído mais cedo se  
alguém não se atrasasse.

— Como soube? — Dani provocou abraçando a irmã.

— Chegaram bem a tempo para o almoço. — Isis, mãe de Dani, disse.

Ela abraçou Vinicius com carinho.

— Estou faminto — dramatizou ele.

— Tão faminto que disse que qualquer gororoba é lucro. — Dani o  
dedurou.

Sua mãe estreitou os olhos para Vinicius.

— Nunca disse isto — garantiu. — Mas se é para dedurar, a Danila disse que a senhora não é uma cozinheira tão boa.

— Não me chame assim. — Dani protestou. — E eu nunca disse isto, mãe — riu.

— Sei. — Ela respondeu rindo. — Não se preocupe, Vinicius, nossa cozinheira tem mãos de anjo.

Isis enlaçou seu braço ao dele.

— Já vi que o almoço vai ser agitado — brincou Marcos, o pai de Dani.

— Estarei de camarote — informou Heitor.

— Vai ser divertido — disse Renan, irmão de Dani.

— Eu ainda estou com fome. — Vinicius os lembrou. — Onde posso lavar minhas mãos e sentar para comer?

— Esse é dos meus! — Marcos disse orgulhoso. — Venha, vou te mostrar — puxou o novo genro para longe de Isis.

O almoço foi divertido e cheio de provocações. Marcos e Isis não esconderam nenhum segredo da vida de Dani, contaram tudo o que ela já aprontou na infância. Dando munição suficiente para Vinicius irritá-la ainda mais.

O que Dani não esperava era que seus pais dariam seu quarto para um dos convidados de Lara. Sua irmã fez questão de trazer algumas pessoas para passarem a semana na fazenda.

Em choque ela encarou a bonita cabana que seu pai mandou construir anos atrás.

— Vão ficar mais confortáveis aqui do que na casa — disse Isis.

— Eu vou dividir a cabana com Vinicius? — murmurou.

— Não sou uma companhia tão ruim assim. — Ele protestou adorando a ideia.

— Claro que vai, ele é seu namorado. — Isis revirou os olhos.

— Aonde estão os pais conservadores que cuidam de suas filhas solteiras?

— Dani questionou.

— A última coisa que eu e seu pai somos é conservadores — afirmou virando em seus pés. — Não se matem antes do casamento — andou para longe.

Vinicius riu e puxou as malas.

— Ouviu ela, neh? — balançou as sobrancelhas. — Não me mate antes do casamento.

— Que Deus me ajude. — Dani disse ainda pasma com a atitude de seus



pais.

— Oremos — brincou Vinicius. — Amém!

Riu alto e entrou na cabana.

— Wow!

Dani o seguiu assim que ouviu sua exclamação.

— As melhores férias — disse ele e se jogou na cama.

A cabana tinha uma decoração rústica toda em tons de marrom para valorizar a madeira de sua construção. Uma grande cama, um banheiro confortável e uma pequena sala com televisão. Tudo perfeitamente dividido no mesmo espaço.

— Saia desta cama — ordenou. — Vai dormir no sofá.

Dani não se sentia confiante para dividir o mesmo espaço com ele, imagine só a cama.

— Nunca — garantiu Vinicius. — São as minhas férias, namorada.

— Vamos tirar na moeda. — Dani ofereceu. — Se eu ganhar, fico com a cama.

— Se eu ganhar, você fica na cama comigo. — Vinicius desafiou.

Ela mordeu o lábio inferior tentando decidir se era uma boa aposta.

— Tudo bem — acenou. — Mas eu vou ganhar, você vai para o sofá.

Vinicius piscou para ela e se sentou na cama.

— Não se iluda tanto — retirou uma moeda do bolso. — Cara eu ganho, coroa você perde.

Dani acenou, colocou as mãos na cintura e aguardou. Vinicius jogou a moeda para cima, pegando-a em seguida para ver o resultado.

— Coroa — sorriu abertamente. — Espero que tenha uma camisola bem bonita nessas malas, pois vai dormir comigo.

Dani bufou irritada.

— O que vamos fazer hoje? — Vinicius perguntou. — Podemos cavalgar?

— Sim — disse ainda indignada.

Dani colocou a mala em cima da cama.

— Trouxe botas? — Ela questionou.

— Claro — ergueu os pés mostrando os tênis. — As melhores.

— Vai sujar tudo.

— Trouxe reservas — sorriu.

Ela abriu a mala e começou a separar as roupas para a cavalgada, só então percebeu o que havia acontecido. Como tinha sido enganada. Pegou uma almofada e bateu em Vinicius.

— Seu desgraçado! — exclamou. — Me enganou!

Ele gargalhou alto e tentou desviar da almofada.

— Cara eu ganho, coroa você perde! — gritou batendo nele. — Cretino!

— Estava me perguntando quando ia perceber — riu alto.

— Vou te matar, Vinicius!

Ele pulou para fora da cama, colocando espaço entre eles.

— Esqueceu que sua mãe disse? — perguntou. — Não pode me matar antes do casamento de sua irmã.

— Não me importo — jogou a almofada. — Seu cretino de uma figa!

Vinicius não resistiu e gargalhou mais alto, seus olhos até encheram de lágrimas. Nem mesmo percebeu que Dani deu a volta na cama com outra almofada na mão para acertá-lo. Estava furiosa. Ela bateu nele duas vezes antes de ser agarrada pelas mãos fortes dele e caírem na cama.

Dani arfou assustada com a queda e ficou sem ar com o peso de Vinicius em cima dela. Ele aliviou segundos depois, mas não saiu do lugar.

— Você não pode querer que me controle e ficar debaixo de mim — disse ele com um enorme sorriso provocador nos lábios.

— Nunca pedi isto — retrucou com petulância.

— *Ahh* é mesmo — abaixou mais o rosto. — Sou eu quem quero me controlar, mas você é tão gostosa.

— E você indiscreto — acusou sentindo as bochechas corarem.

— Discrição nunca foi o meu forte — deu de ombros.

— Se não tivesse falado, não teria percebido — ironizou.

— Você fala demais — resmungou ele.

Ela iria retrucar a altura, mas Vinicius a calou com um beijo. Pressionou seus lábios contra os dela e deslizou sua língua para dentro da boca de Dani. Encontrou a dela e iniciou uma sensual dança entre suas línguas.

Vinicius separou suas pernas com os joelhos e não recebeu nenhuma objeção. Empurrou Dani mais para cima na cama, ficando mais confortável. Estremeceu de prazer quando ela abraçou sua cintura com as pernas, deixando que tivesse mais contato com ela.

Lentamente deslizou sua mão pelo braço dela, que rodeava seu pescoço, encontrou sua cintura e ousadamente segurou sua bunda. Forçando-a a não se afastar dele enquanto se entregavam totalmente naquele beijo.

Queria devorá-la.

Precisava possuí-la.

Necessitava tomá-la.

Marcá-la como sua.

Fazê-la implorar por mais.

Beijá-la até que recobrasse sua sanidade, pois havia perdido sua mente, assim que a teve tão perto.

Vinicius deslizou seus lábios, mordiscando o queixo dela e descendo por sua garganta. Sentindo as vibrações dos suaves gemidos de Dani enquanto beijava sua pele.

— O que fez comigo? — Ele murmurou. — Não consigo resistir a você, Dani.

Ela não respondeu, seus dedos o apertaram quando Vinicius pressionou a prova do seu desejo contra o centro de suas pernas. Se ele não parasse, acabariam sem as roupas muito em breve.

Os lábios dele encontraram o decote de sua camiseta, beijando os montes reunidos ali.

— Pare — pediu ela. — Vinicius, pare — gemeu seu nome.

Ele ergueu o rosto, estava ofegante e seus olhos tomados por uma intensa paixão.

— Só se me prometer que vai dormir comigo, nesta cama e de conchinha.

— Você sempre joga sujo? — Dani perguntou.

— Sempre que me convém — garantiu olhando os lábios inchados dela.

— Vai me enlouquecer — afirmou ela.

— Sim — balançou o quadril contra ela.

Ambos gemeram.

— Mas prefiro te enlouquecer na cama — garantiu sorrindo cafajeste.

— Não quero sexo casual. — Dani estremeceu de prazer.

— Não é isto que estou te oferecendo — garantiu. — Apesar de ser a coisa mais difícil que estou prometendo — mordeu o lábio. — Apenas beijos, beijos quentes — prometeu. — Mas você dorme comigo.

Ele tinha certeza que tinha enlouquecido de vez, mas sabia que precisava mais do que beijos quentes e sexo rápido. Queria conquistar Dani, apesar de que sexo era uma boa arma. Porém, não seria suficiente se ela não conseguisse ver que ele era um homem de palavra.

Precisava que ela confiasse nele para não ferir seus sentimentos.

— Durmo — jurou ela.

Vinicius sorriu satisfeito e se deitou ao lado dela.

— Bom — murmurou ele. — Vá se trocar, preciso de alguns minutos longe de você.

Dani riu e ficou de joelhos na cama.

— Não vou demorar.

— Demore — pediu ele.

Ela se inclinou e beijou os lábios dele rapidamente.

— Não faça isto — gemeu frustrado. — Só consigo olhar para o seu decote com a imaginação cheia.

## Capítulo Sete

— Tem certeza que não precisa de ajuda? — Dani questionou pela quarta vez, estava preocupada com Vinicius.

Apesar de querer matá-lo muitas vezes durante um dia, ela não queria que ele caísse do cavalo.

— Já disse que sei montar — revirou os olhos impacientes.

— Tudo bem — bufou. — Seja firme com o Cooper, ele é um garanhão.

Vinicius se virou para ela.

— Está me dando um garanhão para montar?

— Você disse que sabe montar — deu de ombros.

— E você me dá um garanhão — balançou a cabeça.

— Quer uma égua mansa? — zombou. — Se sabe montar, o Cooper não será um problema — fez um carinho no cavalo. — Estava com saudades de você, garotão.

— Saia daí! — Vinicius brincou. — Você é minha, Dani.

— Ele é um idiota. — Dani disse ao cavalo. — Mas não o deixe cair.

— Não vou cair. — Vinicius afirmou.

Ela o ignorou.

Um dos funcionários de seu pai se aproximou com o seu cavalo.



— Oi, Pirata. — Ela o abraçou. — Como senti sua falta, menino. Vamos dar uma volta?

O cavalo marrom parecia animado em ver Dani.

Vinicius ficou observando ela com o Pirata enquanto deixava que Cooper se acostumasse com seu cheiro. Fez carinhos nele e lhe deu uma maçã. Queria garantir que o cavalo não o visse como uma ameaça.

Quando se sentiu confiante, colocou o pé no estribo e subiu no belo cavalo de cor malhada.

— Segure firme as rédeas dele. — Dani instruiu. — Pode ser um pouco teimoso.

— Também sou. — Vinicius respondeu, mas fez o que ela disse.

Cooper se agitou um pouco, mas Vinicius não cedeu.

— Vamos? — ergueu uma sobrancelha arrogante.

Ela riu.

— Parece um playboy no campo — zombou.

— Só por que não uso botas? — questionou ele. — Não julgue um cowboy por seus sapatos.

Dani gargalhou.

— Essa é nova — subiu em seu cavalo. — Vamos.

Vinicius a seguiu, primeiro passearam ao redor da fazenda. Dani o mostrou cada canto, orgulhosa por tudo aquilo que seu pai conquistou com trabalho duro. Depois seguiram para a trilha em uma montanha. Ela observava Vinicius com atenção, de início estava com medo dele cair e se machucar, mas logo percebeu que ele era um ótimo cavaleiro. Tinha claro domínio sobre o animal.

Dani revirou os olhos.

Apesar de estar de tênis e o boné virado para trás. Todo errado para o ambiente em que estavam, porém, pareceu perfeito. Tinha mãos firmes e postura correta para cavalgar.

Dani percebeu que ele a olhava com um sorriso travesso nos lábios.

— O que está pensando? — perguntou ela.

— Não vai querer saber — sorriu travesso. — Mas saiba que sou um filho da puta pervertido.

Ela precisou de um tempo para entender do que ele estava falando. Seu olhar marcado por malícia mostrou que ele realmente pensava em algo pervertido.

— Vinicius!

— Foi você quem perguntou — deu de ombros.

— Não sei o que faço com você. — Dani disse balançando a cabeça.

— Eu sei, mas ainda não é o momento.

— Você só pensa em sexo — acusou.

— Pelo jeito, você também! — riu. — Já que não disse nada de sexo antes.

— Está impossível — balançou a cabeça.

Ele fez cara de inocente.

— Mas você me ama assim mesmo.

— Esse sentimento está mais para ódio — afirmou ela.

— Já está bom, o amor muitas vezes nasce no meio do ódio. — A provocou.

— Não se iluda — deu-lhe um olhar arrogante. — Diga-me onde aprendeu a montar tão bem?

— Já quer conhecer todos meus segredos? Sabia, isto é amor. — Vinicius a provocou.

— Conte logo — insistiu revirando os olhos.

— Já te disse da casa do lago dos meus pais — disse ele. — Crescemos naquele lugar, eu e meus irmãos. Naquela região tem algumas fazendas — contou. — Fugimos da nossa mãe algumas vezes para ir montar.

— Tem postura de profissional — observou ela.

— Fui cobaia de um amigo — riu. — Ele treinava cavalos, o ajudei muito.

Pararam lado a lado quando terminaram de subir a trilha. A vista era de tirar o fôlego.

— Uau — disse Vinicius.

— Lindo, não é?

— Sim.

Ficaram em silêncio olhando o horizonte. Admirando com serenidade a beleza natural que os rodeava, as montanhas que se perdiam na imensidão do céu. Deixando que a paz que a natureza transmitia o invadissem.

Dani foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Vamos descer dos cavalos e fazer um lanche debaixo daquela árvore — disse já pulando de seu cavalo.

Vinicius fez a mesma coisa. Amarraram os cavalos debaixo de uma sombra. Ela puxou a bolsa que trouxe, Vinicius se apressou para ajudá-la. Fez questão de segurar sua mão quando caminharam para a sombra da árvore.

— O que trouxe aqui? — perguntou curioso.

— Alguns lanches que Francis fez — contou. — Sabia que ficaria com fome depois de cavalgar. — Dani disse enquanto estendia uma grande toalha no chão para se sentarem.

— Esse é o segredo — imitou o personagem Hulk. — Estou sempre com fome.

— Bobo — riu.

Ele piscou para ela e abriu a bolsa térmica, retirando de dentro tudo o que encontrou.

— Crescer nesse lugar deve ter sido incrível — disse Vinicius.

— Mais do que imagina — garantiu ela. — Minha mãe ficava louca quando sumíamos por essas terras em cima de um cavalo — riu. — Mas ela nunca nos segurou.

— Sua mãe é incrível.

— Diga isto a ela e vai ser amado pelo resto da vida — brincou Dani.

— Essa é a minha intenção. — Vinicius disse.

Dani deu um sorriso discreto.

— Eles já gostam de você — confessou ela.

— É recíproco — afirmou ele. — Nunca duvide.

— Bom, não quero que eles se ferem.

— Isto não vai acontecer — deu de ombros. — O que pode acontecer é se cansarem de me aturar e me mandarem embora — riu.

— E você iria? — ergueu as sobrancelhas.

— Claro que não — fingiu estar ofendido. — Só vou embora amarrado — riu alto. — Chutado para fora.

— Deus — riu ela.

— Acha que desisto fácil?

— Sei que não.

Vinicius olhou para o horizonte perdendo todo o humor. Percebendo que aquela conversa mostrou que Dani estava aflita com os sentimentos de sua família. Preocupada que ele fosse feri-los.

Não a julgava por sua precaução, entendia que agiria da mesma forma se estivesse no lugar dela.

No entanto, isto o deixou mais determinado a dar o melhor de si para não fazer nenhuma besteira. Mostraria para Dani que ele não estava brincando. Ele a queria para ela totalmente, como sua. E tinha consciência que para conseguir isto tinha que querer sua família também.

E Vinicius queria fazer parte da família de Dani, se empenharia muito para conseguir. Não faria somente por Dani, mas por ele também.

— Sabe — começou Vinicius. — Nascer em uma fazenda explica suas pernas tortas.

Dani estreitou os olhos para ele.

— Não tenho pernas tortas — protestou.

— Tem sim — riu alto. — Resultado de suas cavalgadas.

— Não são tortas — afirmou brava.

Ele riu e pegou um sanduiche.

— São sim — afirmou ignorando o olhar furioso dela.

Dani protestou por mais algum tempo, mas nada faria Vinicius retirar o que disse.

Ele ria em pensamentos ao ver sua indignação. Assumiu em pensamentos que não eram tão tortas, mas não disse nada. Vê-la irritada era um dos seus pensamentos favoritos.

...

Ao voltar do estábulo, depois de escovar os cavalos e deixá-los em suas baias, Vinicius estreitou os olhos ao ver o Fusca azul turquesa se aproximando.

— Meus avós — comentou Dani.

— Adoro fuscas — disse ele sorrindo. — Mas nunca compraria um para mim.

— Como se você coubesse dentro de um — brincou ela.

— Dá pra dar um jeito — protestou com arrogância.

Sua estatura alta e o corpo desenvolvido em músculos ocupava bastante espaço como Dani havia sugerido.

— Vovó! — exclamou Dani quando viu a pequena senhora de cabelos brancos sair de dentro do antigo carro.

— Viemos ver com nossos próprios olhos o seu namorado — disse Dona Olga ao abraçar sua neta.

— Olhe só, Olga! — exclamou Edson. — Ele é real.

Vinicius riu e abraçou o gentil senhor.

— Em carne e osso — garantiu ele. — Muito prazer conhecê-los.

— Acredite, meu rapaz, o prazer é todo nosso — gargalhou Edson.

Olga se aproximou e abraçou Vinicius com carinho.

— E tem braços fortes — comentou a avó de Dani.

— Estou precisando de um desses para ajudar com a lenha. — Edson brincou.

— Já querem explorá-lo. — Dani beijou o rosto do avô e ficou ao lado de seu namorado. — Vinicius, esses são meus avós, Edson e Olga.

— Seja bem-vindo a família. — Edson bateu de leve no ombro de Vinicius.

— É uma loucura, mas uma boa família. — Olga completou.



— Esperem só até conhecer a minha — disse Vinicius rindo. — Vão ver o que é uma família louca de verdade.

— Será um prazer — garantiu Edson sorrindo.

Olga enlaçou seu braço ao de Dani.

— Precisamos conversar sobre algumas coisas — disse ela.

— Se for sobre sexo, pode desistir, já sou bem grandinha. — Dani protestou rindo.

Vinicius riu alto.

— Talvez ela precise de algumas dicas, mas eu posso ajudar — provocou ele.

— Vinicius! — Dani exclamou.

Seus avós gargalharam.

— Não é sobre isto — garantiu Olga. — Mas...

— Não preciso — afirmou Dani interrompendo.

— Olga quer mexer na minha garagem — contou Edson com certo mau humor.

— E qual é o meu papel nesta história? — Dani perguntou.

— Vai me ajudar a limpar aquela bagunça. — Olga disse.

— Vou? — questionou.

— Não vai não. — Edson protestou.

— Não se meta, é minoria aqui. — Olga apontou um dedo para ele. — Vamos limpar aquele lugar e jogar fora toda aquela tralha.

— São as minhas tralhas — afirmou Edson.

— Que eu vou jogar fora — afirmou ela. — Vamos, quero ver o porquê minha filha não veio me receber.

— Com certeza tem mais o que fazer do que jogar as coisas do Marcos fora — provocou Edson.

— Eu só não jogo você fora porque gastei anos da minha vida nesse casamento — zombou ela.

— E eu achando que era amor. — Edson disse rindo.

— E é — acenou ela. — Mas isto não vai salvar as tralhas daquela garagem de irem para o lixo.

— Mulher sem coração — apontou ele. — Está vendo só, meu rapaz — disse Edson a Vinicius. — A gente casa, ama e não podemos nem ter uma garagem bagunçada.

— Uma bagunça que é organizada para você — brincou Vinicius.

— Sim! — exclamou sorridente. — Você me entende.

— Mas nada os salvará da faxina na terça — apontou Olga.

Edson resmungou, algo que fez Vinicius segurar o riso, mas ambos acenaram concordando. Afinal, o olhar determinado de Olga os impedia de reclamar. Nenhum dos dois eram corajosos suficiente para desafiá-la.

Dani riu alto e prometeu que ajudaria a avó na terça-feira. Sabia que a garagem do seu avô tinha mais tralhas do que se poderia imaginar. Elas dariam um jeito na bagunça dele e jogariam toneladas de coisas fora.

Encontraram Isis na cozinha ajudando a preparar o jantar. Sua mãe estava determinada a fazer deliciosas refeições para os convidados de sua filha Lara. Claro, Francis, a cozinheira da família fazia a maior parte do trabalho, no entanto, não diminuía a determinação de Isis.

Dani se despediu de todos dizendo que voltaria mais tarde, precisava tomar um bom banho antes do jantar.

De mãos dadas, caminhou ao lado de Vinicius para a cabana onde estavam hospedados. Ele roubou alguns beijos dela pela trilha de pedra, mas se comportou quando chegaram. Sabia que não teria tanto controle se a tocasse na privacidade daquele quarto.

Foi um cavalheiro ao permitir que Dani tomasse banho primeiro, aguardou sentado no sofá somente de cueca e ignorou o olhar estreitado dela quando o viu seminu. Suas roupas estavam sujas, ele não sairia espalhando a sujeira por toda a cabana.

Quando ela saiu, enrolada em uma grande toalha branca. Vinicius engoliu em seco, acreditando não ter forças suficiente para ignorar a pele rosada dela. Queria levantar, agarrá-la e não largar até que todo aquele desejo reprimido que estava sofrendo fosse liberado.

Porém, o que Vinicius não imaginava, era que sua determinação era bem mais do que a paixão que o queimava. Estava determinado a fazê-la feliz, a mostrar que não queria nada casual e que, seus sentimentos eram sinceros. Sendo assim, levantou-se devagar, ignorando a ereção potente presa no fino tecido de sua boxer e fechou-se no banheiro.

— Um banho frio vai ajudar — murmurou levemente ofegante.

## Capítulo Oito

— Você está roubando! — exclamou Dani levemente embriagada.

— Não estou não! — protestou Vinicius. — Você é uma péssima perdedora.

Ela estreitou os olhos para ele.

— Você é um trapaceiro — acusou. — Ainda não me esqueci do cara eu ganho coroa você perde.

— Você caiu nesta? — perguntou Renan, o irmão dela.

Dani não respondeu, tomou o resto do vinho em sua taça.

— Ficou furiosa — contou Vinicius fazendo o cunhado gargalhar.

— Tia, é a sua vez de jogar — disse Igor levemente irritado com a demora dela em pegar os dados.

— Mas se eu jogar vou ficar sem dinheiro nenhum — protestou.

— Péssima investidora. — Vinicius provocou.

Estavam jogando Banco Imobiliário e Dani tinha perdido quase todo o dinheiro. Sem contar o fato de conseguir comprar somente um imóvel que não estava gerando dinheiro para ela.

— Vocês três estão roubando — afirmou ela.

Lara se aproximou com a garrafa de vinho e encheu a taça da irmã

novamente.

— Deixem ela ganhar — ordenou Lara aos três.

— Tia, não piore a situação — implorou Igor.

— Jogue os dados, Dani, vou te ajudar roubar deles. — Lara sentou bruscamente no chão ao lado da irmã.

As duas estavam bebendo vinho desde o jantar, o que resultava em duas garrafas vazias. Vinicius bebeu duas taças, mas parou quando o avô de Dani começou a lhe dar doses de cachaça a cada meia hora, ou menos. Renan e Heitor estavam mais firmes, mas somente porque estavam acostumados com a bebida destilada que Edson oferecia como se fosse água.

*Água que passarinho não bebe*, foi o que Vinicius disse depois da terceira dose. Ele observou com atenção o rosto corado de Dani, encantado com sua beleza única. Ela pegou os dados, os balançou nas mãos e jogou em cima da mesa de centro em que estavam usando para brincar.

— Seis — disse ela com a testa franzida.

Todos olharam para o tabuleiro e contaram mentalmente onde ela iria parar. Vinicius foi o primeiro a gargalhar. Lara xingou alto e Dani ainda não tinha entendido, o álcool em seu sangue não estava ajudando.

— Ah, merda! — exclamou ao perceber.

— Vá para a prisão, tia. — Igor mandou.

— A culpa é da Lara — protestou Dani.

— Minha? — Lara questionou confusa.

— Sua — apontou um dedo para ela. — Disse que me ajudaria a roubar.

— E já está indo presa. — Renan concluiu rindo.

— Vá logo para a prisão, Dani. — Vinicius a provocou.

— Eu não vou nada! — exclamou. — Quero jogar os dados de novo.

— Não pode. — Renan disse.

— Mas eu vou para prisão! — exclamou emburrada.

— Vai. — Igor afirmou. — São as regras.

— Péssima perdedora. — Vinicius afirmou.

Dani ia protestar, mas viu seu avô se aproximando com mais duas doses.

Uma para Renan e outra para Vinicius.

— Vô, desse jeito ele não vai nem conseguir levantar. — Ela disse a ele.

Vinicius desviou o olhar e riu.

— Dê-me essa cachaça aqui, meu amigo — pegou o copo e virou de uma vez só.

Renan fez a mesma coisa, no entanto, não fez uma careta igual a Vinicius, já acostumado com o sabor.

— Vinicius ainda está bem — disse Edson. — Eu não diria a mesma coisa de Heitor.

— Heitor? — Lara questionou.

— Seu noivo não aguentou me acompanhar e está dormindo no sofá — contou com um sorriso travesso.

— Vô! — exclamou Lara. — Quanto desse veneno o fez beber?

— Não fiz nada — fingiu de bobo.

— Não se faça de planta — acusou Dani. — O senhor tá trazendo bebidas para o Vinicius e o Renan desde que acabamos de jantar.

Ele riu.

— Pro Heitor cair deve ter bebido quase uma garrafa inteira — disse o Renan.

— Ainda tem metade — protestou Edson.

— Vô. — Dani riu alto. — O senhor trouxe uma garrafa pet de dois litros e meio direto do alambique.

Todos riram.

— Vou buscar mais uma — afirmou ele se afastando.

— Meu fígado não vai me perdoar depois de todo esse álcool — brincou Vinicius.



— Eu vou tentar levar meu futuro digníssimo marido para a cama. — Lara disse tentando se levantar.

As gargalhadas foram altas quando ela não conseguiu.

— Que merda tinha nesse vinho? — perguntou brava.

— Álcool — afirmou Renan.

— Seu pai é um idiota, Igor. — Lara resmungou.

— E tia Dani é uma foragida — zombou o garoto.

— Não foi ainda para prisão? — Vinicius questionou franzindo a testa. —  
Vá logo, mulher.

— Não quero.

— Ela não sabe perder — disse Renan.

— PAAAI! — gritou Lara assustando todo mundo.

Ela estava de quatro no chão e parecia prestes a desabar.

— Que susto, sua égua. — Dani disse.

Marcos apareceu dois segundos depois, com a testa franzida e o olhar preocupado.

— O que aconteceu? — questionou.

— Não consigo me levantar — disse Lara em um bufo de irritação.

— E com esse monte de gente aqui, você me gritou para te ajudar — disse ele.

— Nenhum deles consegue se levantar, pai. — Lara disse em um tom zombeteiro.

— Só tem bêbados nesta casa! — exclamou segurando a cintura da filha e a ajudando ficar de pé.

— O senhor não bebeu nenhuma dosezinha? — Dani o provocou.

— Meu fígado é amigo da cachaça do seu avô. Nem me afeta mais — provocou.

— Bom — disse Lara o segurando com força. — Assim me ajuda a levar Heitor para o quarto.

— Eu não — disse para provocá-la.

— Não se preocupe, pai, não vamos te dar um neto antes do casamento — brincou.

— Como se você conseguisse fazer alguma coisa essa noite. — Renan riu.

— Ninguém aqui consegue — retrucou ela.

— Não fale por mim. — Vinicius brincou.

— Quero estar bem aqui. — Lara apontou para o banco. — Quando você tentar se levantar.

— Até lá, já vai estar babando em cima do Heitor. — Vinicius retrucou.

— Eu não babo — protestou.

— Não é o que seu digníssimo futuro marido diz. — Renan a provocou.

— Ele fala isto de mim? — estreitou os olhos. — Vou castrar aquele bêbado imbecil.

— Trouxe a garrafa. — Edson disse ao se aproximar.

— Você, se comporta. — Dani disse.

— A intenção dele é derrubar todos — contou Marcos.

— Um já foi — disse Edson. — Só faltam mais dois.

— Ele nem conta o Marcos. — Vinicius murmurou.

— Já passei nesse teste. — Marcos brincou.

Edson serviu mais duas doses, uma para Vinicius e outra para Renan. Depois bebeu a própria dose e relaxou na cadeira em que se sentou.

— Consegue andar sozinha? — Marcos perguntou a Lara.

— Claro que consigo — disse teimosa. — Se você me ajudar — riu. — Vamos levar Heitor para o quarto.

— Eu vou fazer o serviço pesado. — Marcos protestou.

— Por isto que te amo muito — disse Lara em um tom bajulador.

— Podemos voltar a jogar? — Igor perguntou emburrado.

Dani gemeu frustrada, mas levou seu pião para a prisão do jogo. Continuaram até todas as propriedades terem sido compradas. Dani pulou de alegria quando conseguiu comprar mais uma, no entanto, seu dinheiro acabou e tornou a participação dela no jogo difícil. Recebeu uma vez o aluguel quando Renan parou em sua propriedade, mas o valor não era quase nada.

O senhor Edson continuou dando doses até que Vinicius negou. Não tinha mais condições de beber. O avô de Dani ficou bravo quando Renan também negou, mas depois os deixou de lado e foi atrás de Marcos. Queria ver se o genro ainda dava conta de algumas doses de cachaça.

Igor juntou tudo sozinho e foi para cama em seguida. Renan foi o primeiro a se levantar, não foi fácil, mas ficou de pé. Ofereceu as mãos para Vinicius e depois de uma dança de falta de equilíbrio nada bonita conseguiu colocar o rapaz de pé. Vinicius cambaleou algumas vezes e foi até Dani. Ela tinha bebido mais vinho do que poderia contar e também precisava de ajuda.

Ele segurou suas mãos e a puxou para cima de uma única vez. A cabeça de Dani girou e seu equilíbrio não era um dos melhores. Agarrou-se a cintura dele até se sentir confiante para afastar.

— Boa noite, casal — murmurou Renan. — Conseguem chegar a cabana?

— Sim — disse Dani.

— Posso acompanhá-los, mas minha cabana é para o outro lado.

— Também foi chutado do seu quarto. — Dani afirmou rindo.

— Pelo menos não escuto papai roncar — brincou ele.

— Grande vantagem. — Dani disse. — Boa noite.

Vinicius acenou para o cunhado e seguiu Dani. Precisava se concentrar para andar, seus passos pareciam maiores do que realmente eram. Tudo ao redor girava, deixando-o zozado, e sua língua parecia estranhamente inchada.

— Nunca... nunca mais... deixe seu avô me embebedar — disse ele com dificuldade.

Dani o olhou rindo, abraçou sua cintura percebendo que os dois precisavam de apoio. Desceram a escada da varanda e chegaram aos tropeços a trilha que levava para a cabana deles.

— Amanhã — gemeu Vinicius. — Vou estar na merda.

— Vai ser uma ressaca desgraçada — concordou Dani.

— Nada me tira da cama — disse pensativo. — Talvez o churrasco do almoço.

— Só pensa em comer — protestou Dani.

— Não seja má. — Ele a apertou contra ele. — Tenho que comer bem para manter esse físico.

Dani deu um grito surpresa quando tropeçou e se viu caindo. Vinicius tentou segurá-la, mas convenhamos, ele não tinha uma grama de equilíbrio no corpo depois de toda aquela cachaça.

Por sorte, Vinicius tinha um pouco de consciência do próprio peso. Firmou as mãos no gramado impedindo que esmagasse Dani quando caiu sobre ela. Ambos arfaram surpresos.

Dani se sentiu presa no olhar dele e não ousou desviar. Um belo sorriso se formou nos lábios dela.

— Dani — sussurrou ele.

— Oi.

— Se machucou?

— Não, eu acho — riu.

Vinicius ficava encantado cada vez que a ouvia rir. Não deixou de perceber que ela bêbada ria com mais facilidade.

*Muita facilidade mesmo, pensou bem-humorado.*

— Nunca me deixe — pediu ele em um murmuro. — Estou preso em você e quando sorrir... que Deus me ajude... mas me perco.

Vinicius confessou, sem se importar que o álcool o estava fazendo falar as coisas que sentia. Naquele momento, somente queria ter certeza de que ela

ficaria com ele para sempre. Sentiu-se dependente, estranhou, como se sua vida antes fosse vazia. Nunca se sentiu vazio, mas olhando o sorriso dela percebeu que nada que teve antes era o que realmente precisava.

— Meus beijos devem morar em seus lábios — confessou.

Dani sorriu fazendo um carinho no rosto dele.

— Isto é uma música — riu baixinho.

— É? — questionou sorrindo. — Mas não deixa de ser mentira. Como a música mesmo diz, *eu voei tempo demais deixe eu pousar em você*.

— Voou é? — brincou ela.

— Mais do que poderia imaginar — afirmou rindo.

— Safado.

— Sempre fui um pássaro livre — contou despreocupado. — Pulando de cama em cama, como minha mãe gosta de dizer.

— Ela não estava errada.

— Não mesmo — riu alto. — Só que desde o dia em que te conheci, parece que algo mudou — disse confuso. — Não sei explicar.

— Mas você continuou voando por aí — acusou ela.

— Sim — deu de ombros. — Não pode prender um pássaro solto. E o meu passarinho — gargalhou. — Sempre amou conhecer novos lugares.

— Cretino! — exclamou ela.

— Eu sou — concordou. — Cretino, safado, às vezes até cínico — deu de ombros. — Mas estou cansado, estranhamente não existe qualquer outro lugar que eu queria ir. Quero ficar com você, somente com você. E não diga que depois de conseguir sexo vou embora sem olhar para trás, porque seria mentira — fez um carinho no rosto dela. — Você é o meu ponto final, Dani. Eu não vou embora. Te quero não só no sentido sexual, a quero na minha vida. Como minha namorada, minha esposa, a mãe dos meus filhos.

— Vini...

— Eu a quero só pra mim — afirmou a interrompendo. — Talvez seja egoísmo meu — disse pensativo. — Não sou um homem perfeito. Amo uma cerveja gelada e comida caseira. Fico horas em cima de uma moto de trilha no meio do barro. Não ganho muito dinheiro, mas me esforço bastante — deu de ombros. — Já fui pra cama com mais mulheres do que eu poderia contar nos dedos das mãos e *dos pés* — enfatizou rindo. — Ensino meus sobrinhos de quase dois anos a ouvir rock e fazer muita bagunça, o que deixa minha cunhada enlouquecida — riu alto. — E odeio montar coisas que tenham peças ou parafusos pequenos.

Dani riu baixinho encantada com a sinceridade dele.

— Mas apesar de tudo isto, tenho sentimentos por você — confidenciou.



— E estou sendo sincero quando digo isto.

— Sei que está — sussurrou ela.

— Não me deixe, está bem? — pediu ele. — Quebraria meu coração — confessou. — De todas as mulheres que estive, você é a única que tem esse poder.

— Beije-me — pediu ela.

No momento seguinte os lábios dele estavam sobre os dela. De início, delicado e suave, degustando seu sabor alterado pelo vinho. Até que sua língua penetrou a boca dela, exigente e inflexível. Determinado a ter tudo dela, dominá-la com o beijo, fazê-la sua.

As ideias de antes, aquelas de esperar, foram levemente esquecidas com a ajuda do álcool. Tinha um sentimento intenso entre eles, algo que não queriam perder. Precisavam viver, sentir, amar.

No entanto, quando Vinicius pressionou a prova do seu desejo no centro das pernas de Dani, ela afastou ofegante.

— Como consegue ficar duro depois de toda aquela cachaça? — perguntou tentando controlar a respiração.

Vinicius riu baixo e se deitou ao lado dela na grama. A pergunta o fez recuar, estava realmente muito embriagado, embora queimasse em uma paixão que o estava enlouquecendo aos poucos. Porém, queria se lembrar de

cada detalhe quando a tivesse nua a sua mercê.

— O álcool só me deixa embriagado — riu. — Mas eu ainda tenho sangue nas veias.

— Sangue alcoolizado — corrigiu ela rindo.

— Ainda sim sangue — contrapôs Vinicius com os olhos nas estrelas. — Beijá-la aquece meu sangue.

Dani mordeu o lábio inferior.

— Devo confessar que sinto o mesmo — disse ela também encarando as estrelas. — Você me enlouquece, Vinicius.

— Bom — riu baixo. — Esse é o meu propósito de vida.

Ela bateu no braço dele.

— Seu cretino de uma figa!

Vinicius esfregou o braço.

— Mulher cruel, isto doeu.

— Que bom — riu alto. — Deveria acertá-lo mais algumas vezes.

Ele se deitou de lado apoiando a cabeça com uma mão.

— Não entendeu, não é? — questionou ele.

— Como assim? — franziu a testa confusa.

— Nós dois sempre vai parecer errado. Somos completamente opostos — disse baixo. — Mas serão nossas diferenças que manterão esse relacionamento — sorriu de leve. — Se fôssemos iguais, não duraria.

— Como pode dizer isto com tanta certeza? — Dani perguntou sentindo borboletas invadirem seu estômago.

— Eu não suportaria uma versão minha feminina — riu.

— Está enganado — disse ela. — Eu amaria uma versão minha masculina.

— Que tédio! — exclamou Vinicius deitando na grama de novo. — Um homem certinho, que nunca se atrasa.

— Seus atrasos não são normais — acusou ela. — Nunca reclamaria se você tivesse que me esperar, não o contrário como tem sido.

— Me esperar deixa as coisas mais emocionantes — garantiu ele.

Dani bufou e ficou calada olhando para o céu escuro. Chegou a cogitar que ele estava certo sobre que não suportaria uma versão masculina dela. Sorriu de leve. Os dias com ele nunca eram os mesmos. Ela não sabia o que esperar de Vinicius, só sabia que ele se atrasaria sem uma desculpa aceitável e a faria rir. Embora sempre ficasse brava com ele, seus dias não eram mais tão monótonos.

— Dani? — sussurrou ele. — Dormiu?

— Não.

— Acho melhor irmos para a cabana — disse ele. — Estou começando a pensar na quantidade de bichos rastejando nessa grama.

— Com medo? — provocou.

— Claro — riu. — Não sou fã de outras cobras.

— Outras? — questionou confusa.

— Só gosto da minha — gargalhou.

— O que. — Ela se calou quando entendeu a referência. — Você é um idiota.

— Vou ser sempre seu idiota — confessou. — E você minha bruxa malvada.

— Não me chame de bruxa — apontou um dedo para ele.

Vinicius a surpreendeu ao morder a ponta do seu dedo.

— Vinicius!

— Não gosto quando apontam o dedo pra mim — brincou.

Ela se sentou ignorando o jeito que tudo pareceu girar.

— Babaca — resmungou.

Precisou de alguns segundos para conseguir se levantar. Flexionou os joelhos e abriu um pouco as pernas para recuperar o equilíbrio.

— Isto tá engraçado — disse Vinicius. — Ajude-me a ficar de pé.

— Eu não. — Dani fez cara de paisagem.

— Depois não quer ser chamada de bruxa.

— Se vire sozinho, seu babaca arrogante.

— Não sou arrogante — protestou.

— Tem certeza?

— Sim. — Se sentou com dificuldade. — Que merda tinha naquela cachaça? Querosene puro? Está tudo girando.

Dani gargalhou.

— Pare de rir — resmungou. — A culpa é sua — acusou.

— Minha?

— Claro, o avô é seu — disse como se fosse óbvio. — Estou ficando enjoado.

— Não vomite na grama.

— Está preocupada com a grama? — Ele franziu a testa. — Que mulher insensível.

— Levante logo.

— Me ajuda, mulher.

— Se eu me abaixar, vou vomitar em você — avisou ela.

— Quer dizer que em mim pode, mas na grama não — protestou ficando de joelhos. — Meu senhor dos cachaceiros — soluçou alto. — Está tudo girando.

Dani riu alto e segurou as mãos dele.

— Levante logo, homem mole.

— Não tem nada de mole em mim — retrucou e soluçou. — Seu avô me paga — riu. — Vou derrubar aquele velho.

— É melhor nem tentar — avisou Dani rindo. — O fígado dele é bem treinado, acho que nunca o vi tonto ou de ressaca.

— Carcaça velha maldita — resmungou soltando outro soluço. — Nem deve ter um fígado.

— Provavelmente — concordou ela entre os dentes enquanto fazia um esforço para ajudar Vinicius a ficar de pé.

Com muito esforço Vinicius ficou sobre seus pés. Ele fechou os olhos tentando fazer parar a sensação de que tudo girava ao seu redor. Cambaleou um pouco e abraçou Dani em busca de apoio.

— Vinicius! — exclamou brava.

— O quê?

— Está colocando todo seu peso em mim — protestou. — Vamos voltar a

cair.

Ele riu alto e soluçou.

— Vamos dormir na grama — disse decidido.

— E o medo de cobras? — O provocou.

— Tenho uma cobra alfa — soluçou.

— Não diga besteiras. — Dani o repreendeu rindo.

Eles balançaram abraçados, mas não caíram.

— Cobras não andam em bando? — perguntou ele confuso.

— Está mesmo me fazendo essa pergunta?

— Claro — deu de ombros e soluçou. — Eu sou um alfa.

Dani gargalhou.

— Vamos pra cabana, cobra alfa.

— Colocar a cobra pra agir? — perguntou.

— Você não conseguiria — zombou.

— Deixo você fazer todo o trabalho — sorriu do jeito cafajeste que Dani tanto amava.

— Faço todo o trabalho no dia que você não estiver embriagado.

— Estou levemente embriagado — corrigiu.

— Sei — riu.

— É sério! — exclamou. — Ficaria a noite toda acordado.

Dani o ignorou, embora Vinicius não tenha gostado nenhum um pouco de sua atitude. Por isto, ele continuou falando e falando até que chegaram na cabana. Tropeçaram bastante pelo caminho, como se as pedras estivessem se jogando na frente deles com a intenção de derrubá-los... bem... foi isto que Vinicius concluiu depois da quarta vez que quase caiu.

Ao entrar na cabana, Vinicius agiu no automático. Chutou os tênis, puxou a cabeça para fora do corpo e quase rasgou as calças em sua pressa desajeitada. Por fim, caiu de bruços na cama e no segundo seguinte roncou alto.

— A noite toda, sei. — Dani resmungou rindo.

...

Os primeiros raios da manhã infiltraram a janela da cabana, deixando o local claro e aquecido. Dani sentiu a boca seca, estava com sede, mas não conseguiu abrir os olhos. A claridade estava a deixando consciente da ressaca. Não queria acordar. Planejava ficar na cama pelo resto do dia até que se sentisse melhor.

— Apague a maldita luz, Dani.

A voz de Vinicius ecoou em sua cabeça. Ela gemeu de dor e percebeu que



ele estava agarrado a suas costas. Estavam de conchinha. A pele quente dele estava em contato direto com a dela. Lembrou-se que conseguiu vestir sua camisola antes de deitar ao lado do corpo quase morto dele.

Sentia-se levemente consciente da mão possessiva dele em sua coxa e seu braço servindo de travesseiro para ela. Já que de alguma forma ela perdeu o travesseiro. Também não perdeu o fato da rigidez de sua ereção contra sua bunda.

Se tivesse forças, mandaria ele se afastar um pouco. O xingaria por invadir seu espaço e talvez lhe desse até uns tapas, mas sua cabeça estava tão pesada que não pensou que fosse possível se mover.

— Dani — gemeu ele com dor. — Apague a luz, mulher sem coração.

— Pare de gritar — sussurrou ela. — Já amanheceu, eu não acendi nenhuma luz, seu maluco.

— Por que está gritando?

Ela ia responder, mas gemeu de dor de cabeça quando alguém bateu com força na porta. Três batidas firmes que fez os dois estremecerem.

— Danila, abra essa porta!

Dani puxou a coberta até a cabeça ao ouvir a voz de sua avó, Olga.

— Quero dormir mais. — Vinicius resmungou.

— Eu também — concordou ela.

Ouviram a porta se abrir e passos firmes ecoarem no piso de madeira.

— Está na hora de levantar — disse Olga ao parar na ponta da cama.

— Vó, não grite — gemeu Dani.

— Não estou gritando — afirmou ela. — Quero os dois fora desta cama — ordenou. — Trouxe café forte para vocês — bufou. — Não deviam ter bebido tanto.

— Estou começando a concordar — murmurou Vinicius. — Você disse café?

— Sim — respondeu ela impaciente. — Já são oito da manhã.

— Muito cedo. — Dani resmungou.

— Essa vida na cidade te deixou preguiçosa. — Olga repreendeu. — Só falta vocês para o café da manhã.

— Acordou todo mundo. — Dani afirmou em um protesto.

— Tem alguma dúvida? — Olga questionou.

— Nenhuma.

Vinicius respirou fundo. Se afastou um pouco de Dani e se sentou na cama soltando um gemido de dor. Seus olhos nem mesmo queriam se abrir com a claridade. Encarou a avó de Dani com os olhos estreitados.

— Pelo menos tem café — resmungou ele.

Olga lhe entregou uma caneca de alumínio com o líquido quente e forte.

— Sua neta só faz cappuccino, aquela merda não é café — continuou resmungando.

— Continue reclamando e eu não te dou nem água — ameaçou ela com a voz abafada debaixo da coberta.

Olga riu e entregou a Vinicius um comprimido para ajudar a curar sua ressaca.

— Estão exalando álcool — disse ela com uma careta.

— Culpa do seu marido. — Vinicius disse baixo.

Sua cabeça dilatava cada vez que falava ou ouvia.

— Edson não toma jeito — riu aumentando a aflição do casal. — Levante e vá para o banho, vocês tem vinte minutos para chegarem a mesa para o desjejum — estreitou os olhos de forma ameaçadora. — Se não volto com um balde de água fria.

— Mulher sem coração. — Vinicius disse. — Igual a Dani.

— Eu quero continuar na cama. — Dani protestou.

— Única diferença.

Olga sorriu e colocou a outra caneca de café na mesinha mais próxima,

assim como uma cartela de comprimidos antes de sair da cabana.

— Minha cabeça dói tanto que parece que bateram no meu crânio com um martelo. — Vinicius resmungou.

— Pare de falar — implorou Dani.

Vinicius suspirou e se levantou lentamente.

— Venha, tome um remédio — murmurou pegando a cartela.

Dani não queria se levantar de forma alguma, mas sabia que sua avó realmente voltaria com um balde. Manter os olhos abertos estava sendo difícil, mas se esforçou muito e se sentou.

— Estou enjoada — disse baixo.

— Eu também. — Vinicius disse e lhe entregou o comprimido e a caneca de café.

Depois se esparramou no sofá e voltou a tomar o próprio café. Permitiu que Dani tomasse banho primeiro e com isto teve mais alguns minutos para manter os olhos fechados. Quando ela saiu enrolada em uma toalha, nem mesmo reparou em sua pele rosada. Somente se levantou e foi para o banheiro.

Queria ficar mais tempo debaixo da água morna, mas sabia que a família de Dani os aguardava para o café da manhã. Mentalmente xingou todos os palavrões que conhecia por ter bebido tanto. Seu corpo estava lento. O

estômago revirado. E a dor de cabeça... bem, nem precisa comentar que estava o matando.

— Você está nu no quarto — ouviu Dani resmungar.

Ela estava sentada onde ele esteve minutos antes.

Percebeu que saiu do banheiro usando a toalha para enxugar os cabelos, não para cobrir seu corpo. Deu de ombros mal-humorado.

— É tudo seu, pode apreciar com vontade — disse pegando sua mala no canto.

Dani estava se sentindo tão mal que pouco reparou em Vinicius. Suas têmporas latejavam. Amaldiçoou todo vinho que bebeu. Se não estivesse sofrendo de ressaca estaria com os olhos bem abertos memorizando cada centímetro de pele nua de Vinicius.

Somente fechou os olhos e esperou que ele ficasse pronto.

— Está bonita.

O ouviu dizer.

Ela suspirou, tinha colocado um vestido solto estampado e curto. Precisava de algo que a desse movimento e nem mesmo colocou um sutiã. Seus cabelos estavam molhados, não tinha disposição para usar o secador. Muito menos aguentaria o barulho. Nos pés uma sandália baixa e pra finalizar, óculos escuros para esconder as olheiras e protegê-la da claridade.

O encarou, observando que já usava uma bermuda e óculos escuros.

— Vou ficar de chinelos — murmurou ele.

Dani acenou lentamente, mas seus olhos estavam focados na formação de músculos de sua barriga sarada.

— Meus olhos parecem querer sair do meu rosto — disse Vinicius.

Ela não perdeu o mau humor em sua voz. Ele se virou e ela engoliu em seco. As costas de Vinicius eram tão bem trabalhadas que pareciam ter sido feitas por um escultor. Praguejou baixinho por não ter olhado direito quando ele estava nu na sua frente.

— Vai ser pior quando sairmos. — Dani disse. — O sol não está se escondendo.

Pouco depois eles caminharam de mãos dadas para a casa da fazenda. A família de Dani estava reunida nos fundos em uma gigante área de lazer. Uma mesa retangular estava posta com muita comida. Murmuraram alguns “bom dia” para os convidados de Lara e depois se sentaram.

Vinicius foi direto para o café. Dani se serviu um grande copo de água. Ambos ignoraram os olhares zombeteiros em sua direção, daqueles que não estavam sofrendo de ressaca.

Bufando, Vinicius cruzou os braços e estendeu as pernas. *O dia seria longo*, pensou mal-humorado. Pelo menos, não seria longo somente para ele.

Lara, Heitor e Renan tinham a mesma expressão que ele e Dani. Todos os cinco desejavam ficar na cama por mais tempo, talvez pelo dia todo. Até que aquela ressaca passasse.

Edson estava sorridente e tranquilo tomando seu café. Não demonstrava nenhum incômodo e parecia pronto para a segunda garrafa de pinga que buscou no alambique.

*Que Deus me ajude, pensou Vinicius, ou não sobreviverei até o casamento.*

## Capítulo Nove

— Você só pode estar brincando comigo — praguejou Vinicius.

— Eu não. — Dani riu. — Minha mãe pediu para pegarmos três galinhas.

— Não vou correr atrás de uma galinha — balançou a cabeça.

— Vai sim.

— Danila, meu cérebro está saindo pelos meus ouvidos — protestou.

— Não me chame assim, também estou com dor de cabeça, mas precisamos das galinhas para o almoço.

— E por que não pediu para os muitos funcionários que seu pai tem? — questionou cruzando os braços.

— Porque eles tem mais o que fazer — revirou os olhos. — Entre logo — ordenou segurando a porta do galinheiro.

Vinicius bufou.

— Está estragando minhas férias — acusou.

— Anotado — sorriu inocente.

Ambos entraram no grande galinheiro. Dani apontou quais galinhas poderiam pegar, havia uma variedade delas. Vinicius caminhou lentamente em direção a uma galinha, tentando parecer despreocupado. Não queria correr atrás delas e sabia que isto aconteceria se as assustasse.



— Pelo menos não estou de tênis — murmurou olhando para o chão sujo.

— Pare de reclamar e pegue uma delas — disse ela. — Três delas.

— Você não vai pegar nenhuma? — Se virou para olhá-la.

Dani estava indo em outra direção onde uma galinha estava ciscando o chão tranquilamente. Mas ela se abaixou rápido demais e a assustou. Dani a perseguiu. O que resultou em todas as galinhas agitadas.

— Está fazendo tudo errado. — Vinicius a repreendeu.

— Faça melhor, então — praguejou ofegante.

— Parem de brigar e peguem essas galinhas de uma vez — disse Igor do lado de fora.

O encarou com o cenho franzido, haviam se esquecido que o sobrinho de Dani tinha vindo com eles.

— Entre aqui e pegue uma. — Vinicius ordenou. — Cada um pega uma — instruiu.

— Não vou entrar aí, é nojento — fez uma careta.

— Igor, entra logo! — Dani ordenou.

O garoto bufou inconformado e entrou.

Apesar da dor de cabeça, Vinicius deu altas gargalhadas ao ver Dani e Igor correndo atrás das galinhas. Talvez ele não devesse rir, já que acabou

escorregando e caindo no chão sujo. Então, foi a vez dele ser o alvo das risadas. Dani piorou a situação quando jogou uma grande quantidade de milho do colo dele. As galinhas vieram para cima dele como loucas.

Praguejando alto, ignorou as gargalhas de Dani e Igor. Escorregou quando tentou levantar na primeira vez. Na segunda, se equilibrou e agarrou uma galinha. Estreitou os olhos e manteve as mãos longe do alcance do bico afiado dela.

— Peguei a minha — disse triunfante. — Agora vou esperar ali fora enquanto brigam pela de vocês.

— Não se atreva. — Dani disse.

— Cada um pegue a sua, esse foi o trato — disse saindo o mais rápido que conseguiu do galinheiro.

Sentou na grama e tirou do bolso um barbante, amarrou os pés da galinha como dona Olga havia instruído. Ele não gostou muito da ideia e protestou até o último segundo, apesar de estar todo sujo e cheirando mal, tinha sua galinha. Isto inflou seu orgulho.

Os próximos minutos foram os mais divertidos do dia. Igor foi o próximo a cair, ao tentar se segurar em Dani, a levou para o chão também. Vinicius gargalhou alto. Lágrimas se formaram nos seus olhos enquanto ria da cena a sua frente.

— Pegue a galinha, Dani. — Vinicius gritou.

— Cale a boca, seu cretino — respondeu ela.

— Está muito mole — riu. — Pegue essa Igor — gritou.

O garoto abaixou para pegar, porém, a galinha foi mais esperta e escapou.

— Por que temos que comer galinha? — Igor perguntou irritado. — Não quero mais galinha.

— Eu também não — respondeu Dani.

— Joguem milho. — Vinicius disse revirando os olhos. — Viram como elas amontoaram em mim quando jogou milho em meu colo?

— Por que não disse antes? — Dani colocou as mãos na cintura.

— Achei que tinha percebido — deu de ombros.

— Você é um idiota.

— Namoro estranho esse. — Igor disse. — Brigam sempre por coisas bobas.

— Essa é a graça do relacionamento. — Vinicius disse despreocupado.

— Ele é um idiota. — Dani falou para o sobrinho.

— Ela me ama. — Vinicius retrucou com um sorriso travesso.

Dani somente revirou os olhos.

Pouco depois ela e Igor conseguiram pegar as galinhas. Dani estava se sentindo mal-humorada com a tarefa. Principalmente por causa de sua ressaca. A dor de cabeça piorou. E agora fedia.

Caminharam de volta para a casa e na área de lazer encontrou algumas pessoas. Sua avó logo correu em sua direção e tomou as galinhas, todas as três. Riu de suas expressões e sujeiras.

— Era só pra pegar as galinhas, não entrar em uma luta com elas. — Olga disse rindo.

— O importante é que vencemos. — Vinicius disse orgulhoso.

— E perderam toda a dignidade — disse Marcos.

Eles bufaram inconformados. Marcos riu e ajudou a sogra com as galinhas. Eles se afastaram rapidamente.

— Igor — chamou Cibele, mãe do garoto. — Venha tomar um banho.

O menino acenou concordando e se afastou.

— Acho que podemos fazer o mesmo — disse Vinicius.

Dani não respondeu, ela estava congelada no lugar olhando para um homem próximo.

— Dani? — chamou o homem. — Quanto tempo.

Vinicius franziu a testa. Olhou para Dani e viu seu rosto pálido.

— Achei que viria somente no final de semana.

— Fábio. — Ela disse sem esconder o desgosto.

— Andou brigando com as galinhas? — brincou. — Mesmo suja assim continua linda.

— Não entendo uma coisa — disse ela com tranquilidade.

— O quê?

Ela sorriu maldosa.

— O por que está falando comigo — respondeu. — Até a última vez que conferi, vermes não falavam.

Fábio colocou as mãos nos bolsos frontais de sua calça.

— Entendo, ainda está com raiva de mim.

— Raiva é algo que sentiria por alguém que me importo, por você eu sinto somente desprezo — afirmou.

— Em algum momento vai ter que superar o passado. — Fábio afirmou.

— Em algum momento vai ter que entender que não temos o que conversar.

— O que está acontecendo aqui? — Vinicius perguntou sério.

Estava ficando irritado com aquela conversa que estava presenciando.

— Quem é seu amigo? — Fábio perguntou agora dando alguma

importância a presença de Vinicius.

— Alguém que não te interessa. — Dani respondeu apontando o dedo para ele. — Fique fora do meu caminho — ameaçou furiosa. — Babaca.

Virou em seus pés e foi embora. Vinicius continuou encarando Fábio, agora com raiva.

— Mulheres são sempre tão rancorosas, não é mesmo? — questionou Fábio.

Vinicius sentiu um músculo saltar em sua mandíbula, só assim percebeu que seus dentes estavam cerrados com as novas emoções que estava sentindo. A pior delas era o ciúmes. Queimava seu peito de um jeito que nunca sentiu antes. Ficou ainda pior por Dani não ter dito que ele era seu namorado. Queria que ela o marcasse, mostrando que agora o pertencia.

Pode parecer idiotice, mas o ciúmes estava cru demais para suportar. Virou em seus pés e seguiu pelo caminho que Dani tinha ido. Ouviu a risada de Fábio em suas costas, mas não se importou. Queria somente encontrar Dani.

— Ei, Vini. — Heitor caminhou em sua direção. — O que aconteceu? Dani passou por mim como um furacão furioso.

Vinicius respirou fundo.

— Quem é aquele idiota? — perguntou apontando para Fábio.

— Merda.

— É o homem que a feriu, não é? — Vinicius questionou.

— Sim.

— Inferno — praguejou.

— Lara brigou com Marcos por causa disto, mas Fábio é filho de um grande amigo dele — apontou para o casal conversando com o pai de Dani em um canto. — E não tinha como mandar um convite que não se estendesse para o filho. Sinto muito, cara.

— O que ele fez para Dani? — questionou respirando fundo.

— Ela não te contou?

Vinicius balançou a cabeça negando.

— Namorava com ela e saía com quase todas as garotas da cidade. — Heitor contou. — Todo mundo ria pelas costas dela, por nunca ter visto as traições. Isto foi o que a motivou para ir embora daqui.

— Filho da puta.

— Ela o amava, descobrir isto a quebrou — contou. — Mas Dani é forte e conseguiu se reerguer sozinha.

— Viu para onde ela foi?

— Parece que caminhou para a cabana de vocês.

— Valeu, cara — bateu no ombro do amigo. — Vou ver como ela está.

— Faça isto e a mantenha longe daquele babaca.

— Deixa comigo.

O ciúmes deixou um sabor amargo em sua boca. Vinicius nunca imaginou que poderia se sentir daquela forma antes. Contudo, a verdade era que nada com Dani dava para comparar com o que já viveu antes.

Tudo era muito novo.

E aquele sentimento de insegurança, não era algo que estava acostumado. Sentia-se dono de si, das próprias emoções. *Arrogante*, como Dani disse algumas vezes.

Era confiante, então, apareceu um ex-namorado dela e não se sentia mais o mesmo. Não gostou daquele sentimento e da forma que o deixava vulnerável. Isto o fez lembrar o que tinha dito a Dani na madrugada. Ela era a única mulher com o poder de machucá-lo. De quebrar seu coração.

Fechou os olhos por um instante sentindo-se ferido de alguma forma. As palavras não ditas dela o feriu. Feriu sua confiança. Feriu seu orgulho. Seu peito se apertou instalando o medo da insegurança.

Parou na frente da cabana e respirou fundo algumas vezes antes de decidir entrar. Assim que passou pela porta percebeu que ela estava no banho. Suspirou lembrando da sujeira em suas roupas.



Tirou a camisa com cuidado para não piorar a situação e logo depois sua bermuda. Dobrou as roupas e as colocou no chão, depois levaria para lavar. Impaciente com a demora dela, começou a andar de um lado para o outro.

Sua mente fervilhava com perguntas sem respostas que o estava enlouquecendo.

Acabou parando na porta do banheiro e dando dois toques suaves.

— Dani?

Não ouve uma resposta.

— Você está bem? — insistiu.

Novamente não teve resposta, abriu a boca para insistir e ela abriu a porta.

— Por que eu não estaria bem? — questionou.

Seus olhos estavam avermelhados, sua pele rosada e seu corpo envolvido em uma toalha.

— Porque o idiota do seu ex-namorado está aqui — retrucou ele impaciente.

— Não quero falar sobre isto — tentou passar por ele.

— Você não quer? — questionou tentando manter o temperamento sobre controle.

— Não, eu não quero. — Dani respondeu e tentou passar por ele

novamente. — Saia do meu caminho, Vinicius.

— Então eu também entro na lista das pessoas que devem ficar fora do seu caminho — disse sem esconder o deboche.

— Eu só quero passar.

— E eu que você converse comigo.

— Vinicius, por favor, agora não.

— E quando vai ser? — questionou. — No dia em que decidir que eu sou seu namorado?

— O quê? — franziu a testa confusa.

— Você não disse a ele que tem um namorado! — exclamou. — Que sou eu! — afirmou com o peito fervendo de ciúmes. — Somente trocou farpas com aquele homem e se esqueceu que existo.

— Vinicius, o que está dizendo? — perguntou ainda mais confusa que antes.

— Eu sou ou não seu namorado? — disse perdendo a paciência.

— Você é — afirmou ela franzindo a testa.

— Por Deus, mulher! — passou as mãos pelo cabelo. — Vai me enlouquecer.

— O que está acontecendo com você? — perguntou preocupada.

— Estou com ciúmes! — esbravejou. — Ciúmes daquele babaca!

O olhar de Dani suavizou.

— Não precisa se sentir assim — disse pacientemente.

— Como não? — franziu o cenho. — Vi vocês dois interagindo, brigando.

E você não teve a coragem de me apresentar como seu namorado.

— Você é meu namorado.

— Sente algo por ele? — questionou ignorando o olhar horrorizado dela.

— Claro que não — afirmou séria. — De onde tirou esse absurdo?

— Eu não sei. — Vinicius suspirou. — Eu estou me sentindo... inseguro.

— Inseguro? — arregalou os olhos.

— Sim — soltou o ar com força. — Não sei explicar.

Dani segurou o rosto de Vinicius.

— Não precisa se sentir assim, eu não sinto nada por aquele homem. Já senti, mas esse sentimento morreu há muito tempo — garantiu.

— Então por que todo esse estresse? — perguntou baixo. — Se o sentimento morreu não deveria se importar tanto com a presença dele.

Dani desviou o olhar.

— O sentimento de humilhação não morreu — confessou baixo. — Cada vez que olho para aquele homem me lembro das pessoas zombando de mim.

Chamando-me de nomes pejorativos — murmurou sem encará-lo. — Rindo da forma que fui enganada, da minha ingenuidade em acreditar nas mentiras dele.

Vinicius segurou o queixo dela e ergueu com delicadeza.

— Esse sentimento tem que morrer também — sussurrou. — Não foi sua culpa, você foi usada. Ele te machucou, ninguém deveria ter feito isto. Ele não tinha esse direito.

— Não sei como esquecer toda aquela humilhação. — Dani disse sem desviar o olhar.

— Eu vou te fazer esquecer — prometeu Vinicius. — Confie em mim.

Dani acenou e aceitou o beijo que ele colocou delicadamente em seus lábios. Suas bocas se encaixaram com perfeição, como se fossem feitas uma para a outra. Iniciando uma dança sensual transbordando com sentimentos que não poderia ser colocados em palavras.

Até que ela se afastou fazendo uma careta.

— Você precisa de um banho — afirmou torcendo o nariz.

— Culpa sua. — Vinicius acusou bufando.

Não gostou de interromper o beijo.

— Minha? Por que a culpa é sempre minha?

— Sua — apontou. — Me arrastou para aquele galinheiro.

— Da próxima vez o levo até o chiqueiro — provocou.

— Não se atreva — estreitou os olhos.

— Tome um banho — ordenou.

— Venha comigo — pediu.

— Já tomei o meu — sorriu inocente.

— Prometo manter minhas mãos para mim. — Ele disse erguendo as sobrancelhas.

— Acredita nisto? — perguntou ela.

— Não.

Ambos riram.

— Me espere, tudo bem? — pediu ele.

— Tudo bem, vou te esperar.

— Bom — murmurou e beijou a testa dela com ternura.

Se afastou deixando que ela passasse, pegou uma toalha e entrou no banheiro. Sua dor de cabeça tinha piorado com o estresse da última hora. Tomaria outro remédio para cuidar de sua ressaca e torceria para que passasse logo.

A água morna ajudou a relaxar seus músculos. Assim como, a sensação de

estar limpo novamente trouxe um pouco de sua confiança de volta. Quando saiu do banho, desta vez, devidamente enrolado na toalha, encontrou Dani deitada na cama já vestida.

Tinha adormecido.

Foi cuidadoso para não fazer barulho, vestiu uma boxer e tomou um comprimido. Trancou a porta para não serem incomodados e se deitou ao lado dela. Lentamente a puxou contra seu corpo e deixou que seu coração encontrasse a segurança que precisava.

Sentiu-se aliviado quando Dani se aconchegou contra ele, o aceitando. Fechou os olhos e dormiu.

## Capítulo Dez

O domingo tinha se passado mais devagar do que eles desejavam. Depois de acordarem abraçados, curtiram o momento por mais um tempo antes de se levantarem. Voltaram para a casa da fazenda para o almoço. Encontraram toda a família reunida com os amigos e convidados.

Entre eles estava o ex-namorado de Dani a observando de longe. Percebendo isto, aumentou o mau humor de Vinicius. Ele não estava gostando daquela situação. Principalmente pela sua falta de humor. No entanto, não saiu do lado de Dani em nenhum momento. Ficou de mãos dadas, a abraçou algumas vezes e roubou beijos.

Estava claro que ele queria marcar o território, seu ciúmes não tinha reduzido quase nada. Se Dani percebeu, não disse nada.

Para o alívio de Vinicius a dor de cabeça aliviou e ele pôde relaxar um pouco tomando uma cerveja gelada. A tarde caiu e boa parte das pessoas foram embora, junto com o indivíduo indesejável. Vinicius agradeceu aos céus por aquele momento, principalmente que pelo decorrer das horas Fábio não tinha mais tentado se aproximar de Dani.

Caso contrário, Deus o ajudasse, pois Vinicius bateria no homem até que todo aquele ciúmes sumisse.

— Está errado. — Igor disse.

— Vinicius, você está colocando a peça no lugar errado. — Dani disse rindo.

— Não está errado — protestou tentando encaixar a peça do quebra-cabeça.

— Esse é o braço do Bumblebee. — Dani informou.

— Ele não é um robô? — questionou impaciente. — O braço dele serve para o Optimus Prime.

— Não seja absurdo, Vini — Dani disse rindo. — Vai estragar o quebra-cabeça — tentou tirar a peça da mão dele. — Pare de forçar a peça.

— Vai estragar. — Igor protestou.

Vinicius o encarou.

— Você quem ficou insistindo para te ajudar a montar esse brinquedo absurdo de duzentas peças — cruzou os braços.

— Só porque a tia Dani pediu — retrucou Igor.

Vinicius a encarou.

— Seu traidor. — Dani disse para o sobrinho.

— Tá tentando me irritar. — Vinicius disse sério.

— Ela já conseguiu. — Heitor disse do sofá. — Dá pra ver o estresse em seus olhos.



As pessoas ao redor riram.

— Como sabe que não gosto de montar coisas? — perguntou ele.

Dani sorriu inocente.

— Você é bem falador quando esta bêbado — contou.

Outra onda de risadas encheu a sala.

— Vou buscar uma cerveja — bufou se levantando.

— Você está precisando é de uma dose. — Edson comentou.

— Hoje não, meu amigo. — Vinicius negou. — Quase morro de dor de cabeça por causa desse querosene que chama de cachaça.

— Tá muito mole. — Renan provocou.

— Por acaso sou o único? — questionou apontando para o copo vazio do cunhado.

Rindo ele se afastou para a cozinha, em menos de dois dias já tinha a liberdade de abrir a geladeira.

— Ei, Vinicius.

Ele se virou ao ouvir a voz do sogro.

— Vai querer um copo também? — perguntou.

— Não — riu. — Já bebi muito hoje.

Vinicius acenou e abriu a geladeira. Pegou uma garrafa e se afastou para o abridor.

— Queria conversar contigo — disse Marcos.

Vinicius o olhou com mais atenção.

— Sei que o dia hoje não foi como esperava — começou Marcos. — A presença de Fábio deixou muitas pessoas desconfortáveis e uma delas é você.

— É sua casa, não tem que se preocupar comigo.

— Você é o namorado da minha filha — retrucou firme. — E o homem que estava aqui hoje a feriu muito no passado. Odeio olhar para ele, mas devo muito aos seus pais e não saberia negar um convite a eles por causa do filho — contou. — Morro de vontade de quebrar a cara daquele idiota — suspirou. — Mas seus pais são meus amigos. São pessoas importantes para mim — explicou. — Por isto, peço desculpas por todo o transtorno de hoje.

— Não tem que me pedir desculpas. — Vinicius disse tranquilo. — Eu sou só o namorado — deu de ombros. — Deve se desculpar com a Dani, pois ela sim se sentiu incomodada ao se lembrar de toda humilhação que passou. Eu não sei nem a metade do que ela passou, Marcos, mas acredito que a feriu mais do que demonstra.

— Você está certo — acenou concordando. — Vou conversar com ela.

— Faça isto.

Marcos passou a mão pelos cabelos.

— Eu só não sabia o que fazer — murmurou. — Eu nunca iria em um lugar que meus filhos não fossem bem-vindos, por isto tentei ignorar a presença daquele verme.

— É uma situação complicada. — Vinicius disse. — Vamos dar um jeito.

— Obrigado.

— Não me agradeça — balançou a cabeça. — Se ele se aproximar de Dani, vai sair da sua fazenda sem os dentes — prometeu. — Não quero mais ver aquela dor em seus olhos.

Marcos acenou e se afastou sem responder. Seu coração de pai estava apertado. Não queria ferir sua filha, ainda mais em um momento tão especial. Depois de anos sozinha, Dani tinha conseguido dar a volta por cima e arrumado um namorado. Ele a queria feliz. Sentiu-se triste em saber que a presença de Fábio voltou a machucá-la.

Encontrou ela na sala, abraçou seus ombros e beijou sua testa com ternura.

— Venha comigo — pediu.

Ela estreitou os olhos desconfiada, mas acenou concordando. Antes de seguir o pai, viu Vinicius voltando para a sala com duas garrafas nas mãos. Ele piscou para ela e lhe deu um sorriso travesso.

— Volto já — disse a ele.

— Não tenha pressa — respondeu com um olhar sincero.

Dani acenou e acompanhou o pai até a varanda. Estranhou o fato dele estar tão sério, não era do seu feitio. Encostaram no parapeito olhando para o redor iluminado da fazenda.

— O que aconteceu? — perguntou ela sem rodeios.

— Queria me desculpar.

Franzindo a testa, Dani o encarou.

— Pelo o quê? — questionou confusa.

— Pela presença de Fábio hoje mais cedo.

Seu coração deu um salto com o rumo daquela conversa.

— Não tem que se desculpar — murmurou desviando o olhar.

— Tenho sim — afirmou ele. — Eu não queria que seus pais se sentissem mal ao aceitarem o convite, são meus amigos — hesitou. — Lara brigou comigo por causa disto e agora vejo que ela estava certa.

— Que ela não o escute. — Dani brincou.

Seu pai riu baixo e a abraçou.

— Vou pedir para que Fábio não apareça mais por aqui, será bom não ter que olhar para a cara daquele idiota.

— Pai...

— Me desculpe por tudo isto, querida.

— Não precisa se desculpar — afirmou ela. — Os pais dele são seus amigos, eu entendo.

— Vê-lo a fere — disse com pesar.

— Sim. — Não negou. — Mas agora eu tenho alguém ao meu lado que não vai me permitir sofrer pelo passado — contou docemente. — Vinicius me faz querer arrancar os olhos dele na maior parte do dia, mas percebeu que não me deixou sozinha em nenhum momento hoje?

— Abraços e beijos roubados — revirou os olhos. — Nem escondeu que estava marcando território.

Eles riram juntos.

— Gosto dele. — Marcos disse.

— Eu também. — Dani acenou. — Talvez eu o mate antes do casamento — deu de ombros. — Mas gosto dele.

— São opostos, isto é legal. — Marcos disse rindo. — Torna as coisas mais divertidas e interessantes.

— Acho que está certo — riu.

Marcos beijou sua testa mais uma vez.

— Vou pedir para que Fábio não apareça mais por aqui. — Marcos disse

sério.

— Não precisa fazer isto, pai. — Dani o encarou para que vesse sua sinceridade. — Estou bem — afirmou. — Não precisa fazer isto, sei que os pais dele ficariam chateados. Vocês são amigos e tenho certeza que serão sempre bem-vindos na fazenda, apesar de ter um verme como filho.

— Eu não quero que se chateie, querida — disse ele com carinho. — Sou seu pai, tenho que cuidar de você.

— Você cuida, pai — sorriu tranquila. — Deixe esse assunto para lá.

— Talvez Vinicius perca a paciência e quebre a cara dele — disse pensativo.

— Pai! — exclamou chocada.

— Seria um grande prazer ver isto.

— Não deixe que Vinicius o escute dizendo isto. — O repreendeu. — Ele realmente o faria.

Marcos riu alto.

— Só alguns dentes quebrados, querida — sorriu inocente. — Me faria sentir tão bem.

Dani tentou conter o sorriso.

— A mim também — confessou rindo.

Mais tarde naquela noite, Dani caminhou de mãos dadas com Vinicius de volta para a cabana deles. Estavam em silêncio, mas confortáveis com o clima. Tomaram banho, separados, e se sentaram no sofá vendo qualquer canal na TV.

Dani tinha a cabeça deitada no colo dele e quase dormia sentindo os dedos dele escovarem seus cabelos. O dia tinha sido longo, a ressaca ignorada não ajudou muito. Apesar das náuseas e dor de cabeça terem passado, seu corpo estava cansado, assim como sua mente.

Os dedos deslizaram por sua testa suavemente, passando por sua bochecha e contornando seus lábios.

— Você é tão linda. — O ouviu murmurar.

Não respondeu, somente ficou apreciando a delicadeza de seu carinho.

— O que fez comigo, hein?

— Nada. — Dani disse baixinho.

— *Ah* você fez alguma coisa — retrucou com diversão. — Eu não era homem de ficar preso.

— Não estou te prendendo “passarinho” — provocou.

Vinicius arregalou os olhos.

— Pare! — exclamou. — Não me diga que eu falei algo do tipo ontem à

noite.

— *Ahh* você falou — riu baixo. — Seu “passarinho” ama voar para muitos lugares diferentes.

— Merda — praguejou. — O que mais eu disse?

Dani abriu os olhos e se levantou, sentando-se de uma forma que ficou de frente para ele.

— Algo como você não tem mais nenhum lugar para ir — contou sem desviar o olhar.

Vinicius segurou seu rosto, deu um beijo em sua bochecha e seus dedos escorregaram para os cabelos da nuca dela.

— O que mais? — perguntou em um sussurro.

— Que eu sou seu ponto final. — Ela sussurrou de volta.

— Tem alguma dúvida? — questionou puxando-a para mais perto.

— Não vai sentir falta da sua vida antiga?

— Que vida? — murmurou. — Só consigo pensar no meu futuro com você.

— Não brinque comigo.

— Jamais faria isto — jurou ele.

Dani se sentou de lado no colo dele e segurou seu rosto cheia de



determinação.

— Então não, eu não tenho nenhuma dúvida — afirmou ela.

— Bom...

Vinicius se calou quando a boca dela juntou com a sua, obrigando-o a corresponder. Diferente de todos outros beijos que tiveram antes, esse era diferente. Havia mais confiança, mais intimidade. Talvez seja o fato que os sentimentos estavam se tornando mais claros a cada dia que passavam juntos.

Não tinha uma explicação.

Na verdade, não queria ter uma explicação. Sentir tudo aquilo já bastava para ele. Mordiscou o lábio inferior dela enquanto segurava seu rosto com carinho. Dani era a sua pessoa, aquela pessoa que o fazia esquecer todas as outras. Não precisaria de mais ninguém, somente ela. Seus lábios moldando os dela lentamente, fazendo seu coração bater mais forte e uma deliciosa sensação de prazer invadir seu corpo.

Quando ela se contorceu em seu colo, ele interrompeu o beijo. Seu controle sempre ficava por um fio quando a tocava.

— Precisamos parar — murmurou ele.

— Não.

— Não? — questionou confuso.

— Quero mais beijos — confessou com um sorriso travesso.

— Quem diria que aquela regra de “nada de beijos” você mesma a quebraria. — Vinicius a provocou.

— Não seja idiota — respondeu ela. — Você foi o primeiro a quebrar essa regra.

— Eu nunca aceitei essa regra — defendeu-se.

— Cara de pau — acusou rindo.

— Sempre soube que quando a beijasse nunca poderia parar — deu de ombros. — Por isto não aceitei aquela regra boba.

Dani se remexeu no colo dele novamente.

— Por Deus, Dani! — exclamou. — Fique quieta.

Ela fez de novo, desta vez de propósito.

— Dani. — Seu tom era um claro aviso.

— Não quero ficar quieta — respondeu com indiferença. — Quero que você quebre sua regra de sem sexo e quero agora.

Vinicius estremeceu levemente com o prazer acumulando em seu corpo.

— Dani...

Ele se calou quando ela se levantou do seu colo e voltou a sentar, o montando. Automaticamente suas mãos foram para as pernas nuas dela, a

camisola preta que usava havia subido um pouco dando-o uma boa visão de suas coxas.

— Pare de pensar, Vini — disse ela com tranquilidade. — Eu quero você.

— Só não quero estragar as coisas — hesitou.

— Então não estrague — disse como se fosse simples.

Ele ficou sem palavras por um momento. Dani beijou levemente seus lábios.

— Já me mostrou que não me quer somente pelo sexo.

— Como pode ter tanta certeza? Estamos juntos a pouco tempo, não tem nem duas semanas — protestou ele.

— Sua crise de ciúmes de hoje — disse ela suavemente. — Você é o homem mais tranquilo que conheço, sempre vi que nunca se importou que as mulheres com que saísse o trocasse por outro.

— Sempre foi sexo casual — justificou. — Sem emoções. Não havia razão para me importar.

— Mas agora tem. — Dani afirmou.

Vinicius ficou calado.

— Se importaria se eu terminasse nosso compromisso agora e amanhã saísse com outro homem?

Ela sentiu as mãos dele apertarem suas coxas em uma reação automática.

— Quebraria a cara do idiota que te tocasse — disse com a testa franzida.

— Então me toque você — ordenou. — Eu quero o seu toque, seus beijos, sua pele contra a minha — sussurrou. — Quero agora, Vinicius.

Dani pensou que ele continuaria a protestar como tinha feito antes. O respeitava por manter sua decisão firme para mostrar a ela que se importava com seus sentimentos. No entanto, não aguentava mais estarem tão próximos e não fazerem o que ambos ansiavam.

Vinicius a assustou quando segurou seu rosto e a puxou para um beijo. Não foi um beijo lento, nem selvagem. Era um beijo sensual marcado por sentimentos que não precisavam ser postos em palavras.

Ele se ergueu lentamente com ela em seus braços, sua boca nunca a deixou. Caminhou com maestria pela cabana e encontrou a cama. Apoiou um joelho e suavemente desceu Dani para o colchão macio.

Seu olhar estava congelado no dela quando a encarou por um momento. Queria gravar em sua memória cada segundo daquele momento tão especial. Dani ergueu uma mão e fez um carinho em seu rosto, inclinou-se mais contra sua palma desejando sentir mais do seu toque.

Eles nunca seriam perfeitos. Não precisa ser um gênio para perceber o quão opostos eram, mas os sentimentos eram iguais. Cada um com seus

defeitos, manias e implicações. Seus dias nunca seriam monótonos naquele relacionamento. E eles aguardavam por isto.

Uma vez Aristóteles, um grande filósofo, disse que “*o amor é o sentimento dos seres imperfeitos, posto que a função do amor é levar o ser humano a perfeição*”. Esse foi o sentimento que Dani e Vinicius experimentaram sobre aquela cama na delicada cabana quando seus corpos se uniram e eles se amaram pela primeira vez. Eram seres imperfeitos separados, mas quando se juntavam... bem, descobriram que a perfeição estava nos mais puros sentimentos.

Perderam-se nos toques, nas peles suadas, nos sussurros apaixonados. Esqueceram do mundo com os mais sensuais beijos, explorando não somente os lábios, mas cada centímetro de pele que encontraram.

O tempo parou. Congelou. Tudo ao redor perdeu a cor, desbotou, não eram capazes de competir com o brilho de Dani e Vinicius quando alcançaram o ápice do prazer. Entregaram-se sem reservas, mesmo sendo tão postos, as loucuras do amor.

## Capítulo Onze

Uma coisa é certa, o amor é uma questão de escolha.

Passar por cima de todas as dificuldades, medos e anseios em busca do tão sonhado final feliz. É uma escolha. Somente quem já teve o coração despedaçado sabe que ser feliz novamente é uma luta diária em que se enfrenta sozinha. Algumas vezes suas forças se esgotam rapidamente e sua mente fica em frangalhos.

Esse foi o primeiro pensamento de Dani ao acordar, nua, ao lado de Vinicius naquela manhã de segunda. Refletiu sobre tudo o que sentiu antes de conhecê-lo. De como foi machucada. E da raiva que sentia cada vez que ouvia as frases “felizes para sempre” ou “final feliz”.

Morria de vontade de encontrar a pessoa que criou tais frases e bater nela até que suas forças acabassem. *Afinal, quem inventou aquela merda?* Pensou Dani segurando um bufo de indignação. Final feliz era a coisa mais difícil de adquirir e só piorava tudo quando não se sentia capaz em confiar novamente.

Porém, como conseguir?

A resposta é simples.

Você sobrevive.

Sobrevive, lutando todos os dias sem deixar a determinação morrer. Espera que um dia a dor vá embora e que todos aqueles ferimentos em seu

coração cicatrizem. Não é fácil, às vezes perdemos as esperanças e nos rendemos percebendo que perdemos a batalha do dia. Chorando e sofrendo mais uma vez sozinha. Embora se encha de determinação para a guerra de amanhã.

Dizem por aí que devemos esquecer e perdoar, parece fácil. *Tão fácil*, pensou Dani soltando um suspiro. Foi machucada e humilhada por uma única pessoa que esquecer e perdoar não é algo que ela está disposta a fazer. Depois de tudo, a raiva era a única coisa que tinha. O único sentimento que sobrou.

No entanto, o que experimentou com Vinicius a mostrou que não precisava ficar mais sozinha. Nem mesmo permitir que a raiva continuasse em seu coração. Ele a fez esquecer o passado com seus toques, carinhos e amor. Não tinha espaço entre eles para nada além daquilo.

E Dani amou.

Lentamente se virou na cama, ficando de frente para Vinicius. Seu rosto estava relaxado, sereno em seu sono. Ele mostrou a ela como confiar novamente. Confiava nele.

Inclinou-se um pouco e tocou a bochecha dele com os lábios. Logo depois seu nariz, a boca e o queixo. Quando ergueu o olhar encontrou os olhos dele abertos, a encarando com ternura.

— Bom dia — disse Dani.

— Bom dia — respondeu com um sorriso genuíno. — Pode me acordar assim todos os dias? — pediu.

— Só se você merecer.

— Eu sempre mereço.

— Depende pra quem pergunta. — Dani retrucou.

— Você é sempre malvada assim pela manhã?

— Estou sendo boazinha — disse dando de ombros.

Ele riu baixo e a puxou para mais perto.

— Tão malvadamente linda.

— Sou um anjo. — Dani se defendeu.

— Depende pra quem pergunta. — Vinicius retrucou rindo.

— Ei! — bateu no braço dele. — Não use minhas frases contra mim.

— Me dê um beijo de bom dia — murmurou mudando de assunto.

— Não escovei os dentes ainda. — Dani protestou.

— Eu também não — sorriu travesso. — Vamos misturar nossos bafos.

— Que horror, Vinicius! — exclamou rindo. — Você não é nenhum pouco romântico dizendo isto!

— Não quero ser romântico — deu de ombros. — Quero te beijar.



Em um movimento rápido ele a tinha presa debaixo de seu corpo. Ignorando seus protestos a beijou com vigor. Depois de tudo o que experimentaram durante a noite, Vinicius ansiava para repetir a dose. Então, ele fez amor com ela por longas horas naquele início de manhã.

...

— Tem certeza que temos que ir? — Vinicius questionou entrando no carro.

— Sim, dirija que eu mostro o caminho.

— Tenho a sensação que dona Olga vai me fazer carregar muita coisa pesada — reclamou. — São minhas férias, só para te lembrar.

— Nossas férias. — O corrigiu. — Vamos logo, antes que ela nos busque — riu. — E você não vai gostar nenhum um pouco de entrar naquele fusca.

— Por quê? — franziu a testa. — Sei que é pequeno, mas me cabe.

— Dona Olga dirige aquele carro como se estivesse em uma pista de corrida — bufou ao contar. — Não sei como ela não caiu barranco a baixo ainda.

— Fusca não é carro. — Vinicius apontou.

— Desafio você dizer isto a ela. — Dani provocou.

— Eu não — virou a chave na ignição. — Não fiquei doido ainda.

Colocou o carro em movimento.

Ao chegar no rancho dos avós de Dani, ambos seguiram direto para a garagem. Olga e Edson estavam lá dentro discutindo sobre um rádio velho.

— Cheguei. — Dani disse alto.

— Isto lá são horas? — perguntou Olga brava. — Disse para chegarem cedo.

— É cedo vó. — Dani disse tranquila.

Ainda eram nove e meia da manhã. Ela sabia que deveria chegar antes das oito, mas ficar na cama com Vinicius a impediu de pensar em qualquer outra coisa.

— Por onde vamos começar? — Vinicius questionou olhando ao redor.

Ele se segurou para não fazer uma careta de desgosto. Tinha tanta coisa no local que um dia não seria suficiente. A maioria deveria ir para o lixo. Mas vendo a expressão fechada de Edson, soube que não seria tão fácil assim.

— Jogando esse rádio fora. — Olga respondeu apontando para a velharia na mão de seu marido.

— Ele ainda funciona, só precisa de uns fios e umas pilhas novas — protestou Edson.

— Não funciona, nada — retrucou ela.

— Não briguem. — Dani ficou no meio. — Eu trouxe umas caixas, vamos separar o que podemos guardar, doar ou jogar fora — olhou para o avô. — Vovô, o senhor precisa entender que a maioria destas coisas não tem utilidade para o senhor mais — hesitou um pouco. — Não quero jogar suas coisas fora, mas precisamos decidir o que é prioridade.

— Tudo bem — resmungou irritado.

Começaram a trabalhar duro, liberaram uma parede inteira separando o que poderiam doar ou guardar. Apesar de não gostar da situação, Edson entendia que precisava ajudar a arrumar a bagunça que ele colecionou por anos. Muitas coisas foram para fora, para o lixo. Outras para a caixa de doação.

A caixa de coisas que ele queria guardar não tinha espaço para mais nada. No entanto, ninguém o impediu de continuar colocando. Na hora do almoço, Dani foi ajudar sua avó a preparar.

Vinicius colocou a cabeça debaixo de uma torneira e deixou a água fria escorrer. O calor estava o matando, mas por incrível que possa parecer, estava gostando de toda aquela atividade. Por mais que fosse suas férias e ele quisesse ficar com as pernas para cima e não fazer nada. Sabia que não aguentaria dois dias à toa.

Se enxugou com a camisa que usava e observou Edson parado perto de um

cercado onde tinha cavalos. Aproximou em passos lentos e ficou ao seu lado. Os cavalos estavam animados ou agitados, não sabia. Corriam de um lado para o outro.

— Estão se exercitando — disse Edson. — Precisam correr para aquecer os músculos.

Vinicius acenou e continuou observando os animais com atenção.

— Parece bobo ficar chateado por ter que jogar aquelas tralhas fora — comentou Edson.

— Não é bobo. — Vinicius respondeu. — São suas coisas.

— Minhas lembranças — disse o senhor. — Cada uma daquelas coisas tem uma lembrança especial — comentou. — Quando se envelhece, a única coisa que se ainda tem são as lembranças. Aquela tralha só ajuda a relembrar memórias perdidas.

Calou-se por um momento. Vinicius se manteve quieto, permitindo que o avô de Dani encontrasse as palavras que precisava.

— Comprei aquele rádio com meu primeiro salário — contou. — Era a coisa mais moderna que tinha em casa — riu. — Passava horas escutando e dançava com minha Olga ao som das mais belas canções.

Vinicius o encarou sorrindo, curioso.

— Isto sim é uma boa lembrança — comentou.

— Você não faz ideia do quanto — sorriu Edson. — As lembranças de um homem são como tesouros, sem elas você se sente pobre, seco, sozinho — disse com clara sabedoria.

— Mesmo com todo aquele querosene, o senhor tem boa memória — provocou.

Edson riu concordando.

— Mas não é a mesma de trinta anos atrás.

— Aí o senhor está querendo demais — brincou Vinicius. — Aquelas tralhas na garagem podem te ajudar a relembrar muitas coisas, mas acredito que as melhores lembranças são aquelas que você se senta e ri. Não precisa de objetos — deu de ombros. — A graça é se esforçar para lembrar.

— Acho que você está certo. — Edson disse pensativo.

— Estou sempre certo — disse rindo.

Foi impossível não se lembrar de dona Lurdes, avó de Sofia. A velha senhora tinha uma arrogância que não caberia em um planeta.

— Vamos almoçar — disse Edson. — E depois ver o que conseguimos salvar das mãos frias daquelas duas.

— Mulheres sem coração — brincou.

— Elas tem pedras de gelo no peito — bufou Edson.

Ao final do dia, Dani e Vinicius estavam implorando para acabar logo. Por sorte Heitor apareceu trazendo Lara e Renan para ajudar. Tinha deixado os outros cuidando dos convidados que estavam na fazenda.

Na terça de manhã voltaram para terminar e mal acreditaram quando viram como a garagem era grande. O chão estava livre de qualquer velharia e as prateleiras estavam arrumadas. Era um novo lugar.

Levaram as doações para a cidade e o lixo para a reciclagem.

— Vamos tomar alguma coisa — disse Vinicius apontando para a lanchonete.

— Não. — Dani balançou a cabeça. — Quero ir para casa.

— Estou morto de sede, Dani. — Vinicius protestou. — Preciso de algo gelado.

Ela mordeu o lábio hesitando.

Vinicius estreitou os olhos para ela, percebeu a tensão de seus ombros. Aproximando segurou seu rosto, forçando-a a encará-lo.

— Qual é o problema? — perguntou sério. — Diga-me, Dani.

— Eu... eu ...

— Você — insistiu ele.

A expressão dela caiu mostrando clara frustração em ter que compartilhar

suas memórias.

— Não entro naquele local há anos — disse baixo. — Da última vez, todos falavam de mim. De como era boba em acreditar em tudo o que Fábio me dizia. — Dor lampejou em seus olhos. — Zombavam de mim.

— Isto é passado, Dani. — Vinicius disse com suavidade. — Olhe para você, é uma mulher incrível. Inteligente, estudada, minha chefe — sorriu para ela. — É independente e namora um cara incrível.

— Nem vou comentar essa última parte — bufou ela.

— Só porque sabe que é verdade — riu. — Você não tem motivos para se sentir inferior a essas pessoas — afirmou ele. — Elas é quem devem se envergonhar de suas atitudes.

— Eu só não quero me lembrar.

— Então não se lembre.

— Não é tão fácil — protestou.

— Diga-me — exigiu ele. — Você é a mesma pessoa de anos atrás?

— Claro que não.

— Então vamos tomar um refrigerante bem gelado — beijou seu rosto. — E mostrar para essas pessoas que você deu a volta por cima — segurou sua mão com carinho. — Não tem razão para se sentir inferior ou se privar de

coisas só por causa de pessoas idiotas.

— Você é impossível — murmurou ela.

— Se fosse eu no seu lugar, já teria esfregado na cara dessa cidade minha felicidade.

— Obrigada.

— Pelo quê? — ergueu uma sobrancelha. — Também estou com fome.

— Você sempre está com fome — pontuou Dani.

— Esse é o segredo.

Vinicius abraçou seus ombros e juntos caminharam em direção a lanchonete. A cada passo Dani foi ficando mais tensa. No entanto se deixou levar, principalmente pelo beijo estalado que ganhou em sua têmpora.

Ao entrar no local de aparência confortável e familiar, uma mulher os encarava de trás do balcão.

— Danila! — exclamou sorridente. — Parece que não a vejo a séculos.

— Como vai, Estela? — Dani perguntou educadamente.

— Muito feliz em vê-la. — Sinceridade brilhava em seus olhos.

Dani se sentiu mal por se afastar de algumas pessoas depois da última vez que esteve naquela lanchonete. Sabia que a dona do estabelecimento, Estela, não tinha culpa pelos clientes mais maldosos da cidade terem se reunido para



zombarem de Dani naquele dia.

— Sou Vinicius. — Ele estendeu sua mão. — Namorado dessa moça aqui — sorriu galanteador.

— Prazer em conhecê-lo — disse Estela.

— Poderia nos trazer o cardápio? — perguntou Vinicius.

— Claro.

— Bom — acenou. — Vamos estar naquela mesa — apontou o local.

Sem esperar por resposta, Vinicius a puxou para a mesa que escolheu. Puxou a cadeira para ela e se sentou ao seu lado. Estela apareceu logo em seguida e anotou o pedidos deles.

— Morto de fome — murmurou ele.

Dani revirou os olhos, mas não respondeu. Agradeceram quando Estela entregou suas bebidas. Vinicius não perdeu tempo em beber metade.

— Uau.

— Eu disse que estava com sede — disse ele.

— Quase não o vejo beber refrigerante — observou ela.

— Sou um personal trainer, tenho que dar bons exemplos — encostou na cadeira de forma despreocupada. — Mas com esse calor, um refri gelado cai bem.

— Amanhã vou te levar em um lugar especial — disse ela. — Tem uma cachoeira nas terras do meu pai.

— Até que enfim algo bom nessas férias — disse erguendo as mãos para céu dramaticamente.

Dani ergueu uma sobrancelha o encarando séria.

— Claro, sem contar o sexo. — Ele se corrigiu rapidamente.

*Homem inteligente*, pensou Dani.

— Acho bom — retrucou ela. — E não tem sido tão ruim assim as férias.

— Não tem — deu de ombros. — Tirando o fato que seu avô tentou me dar um coma alcoólico, uma ressaca desgramada, uma corrida no galinheiro com um belo tombo...

— Também caí. — Ela o interrompeu rindo.

— *E* — enfatizou. — Trabalho pesado na limpeza de uma garagem — franziu a testa. — Dê uma folga pra esse pobre homem aqui.

— Dramático — revirou os olhos.

— Cachoeira soa muito bem para mim — roubou um beijo dele. — Diga-me que vai nadar nua — sussurrou fazendo as bochechas dela corar.

Vinicius riu alto.

— Você vai — afirmou. — Faço questão.

— Não. — Dani respondeu o afrontando.

— Não seja tão má.

Ela deu de ombros.

— A malévola perde pra você — acusou ele.

— Você já disse isto — retrucou Dani.

— É sempre bom lembrar — contrapôs Vinicius. — Se não for nua, vou garantir que fique — sorriu sabendo que tinha ganhado aquela discussão.

— Vinicius! — exclamou rindo. — Você está impossível.

— Tudo por você.

Ele se inclinou e tentou beijar Dani. Ela riu tentando escapar dele, mas Vinicius a segurou e mordeu seu lábio inferior antes de aprofundar o beijo. Quando ele se afastou tinha um sorriso presunçoso estampado no rosto.

Vinicius quase permitiu que seu sorriso se apagasse quando viu Fábio parado pouco a frente os encarando. Mas foi firme em não se deixar abater. Olhando para Dani, percebeu que todo o humor dela tinha sumido. E raiva brilhava em seus olhos.

Vê-lo naquele local era como forçar uma ferida cicatrizada se abrir.

— Bom vê-la de volta na cidade. — Fábio disse tranquilo.

— Não posso dizer o mesmo de ver você. — Dani retrucou forçando seu

corpo a relaxar. — Verme — completou ela.

Vinicius riu baixinho.

— Sua raiva é cativante. — Fábio provocou.

— Não vai ser quando eu lhe quebrar a cara. — Dani retrucou com maestria. — Pare de falar comigo como se fosse meu amigo — avisou. — E se puder fazer a gentileza de parar de nos incomodar, ficaria agradecida.

Fábio estava com uma resposta na ponta da língua, porém, ficou calado quando Estela apareceu na sua frente.

— Se for para incomodar Danila e seu namorado, dê meia volta e vá embora — apontou para a rua.

— Já foi mais gentil comigo, Estela.

— Já foi menos idiota, isto sim! — exclamou. — Agora vá embora e só volte quando aprender a ser menos imbecil.

Ele bufou e saiu.

— Desculpe pelo transtorno. — Estela disse a eles. — O lanche de vocês já está pronto.

— Obrigada. — Dani disse com sinceridade.

Estela acenou e se afastou para buscar o pedido deles. Colocando-os na mesa deles um minuto depois.

Dani olhou para Vinicius e o viu relaxado, sorriu e sentiu o próprio corpo relaxar. A forma como ele não se alterou com a presença de Fábio a mostrou muitas coisas. Uma delas é que ela não deveria se incomodar com a presença indesejada do ex-namorado. Ele que aprendesse a lidar com a dela, pois ela nunca mais deixaria de frequentar os lugares que queria por causa de pessoas como ele.

Desta vez, foi ela quem roubou um beijo de Vinicius. Sentia-se agradecida pela forma que ele a mostrava coisas simples.

— Vai ter que trabalhar muito para conseguir me convencer de tirar o biquíni.

— Isto é um desafio? — questionou interessado.

Dando de ombros comeu uma batata sabendo que estava instigando-o.

— Entenda como quiser — respondeu.

— Vai se arrepender disto — disse ele.

— Provavelmente — concordou animada com a ideia de uma boa disputa com Vinicius.

Seus dias nunca mais seriam chatos e monótonos com ele ao seu lado.

## Capítulo Doze

Vinicius nem mesmo esperou por Dani para se jogar na piscina que se formava abaixo da cachoeira. Simplesmente arrancou seu short e caiu nu na água gelada. Mergulhou fundo e voltou para a superfície um minuto depois. Empurrou seus cabelos para trás e sorriu abertamente para Dani.

— O que ainda está fazendo aí? — questionou.

— Você não estava nem usando cueca — retrucou Dani rindo.

— Não precisava dela, venha logo ou eu vou te buscar — ameaçou.

— Quero ver até onde vai se eu esconder seu short — provocou rindo.

— Volto para a cabana, caminhando bem devagar sem me preocupar em esconder meus bens — deu de ombros.

Dani estreitou os olhos para ele tentando ver se estava brincando.

— Está falando sério — concluiu ela.

— Claro que estou — afirmou rindo. — Talvez seu pai não goste muito de me ver do jeito que vim ao mundo, mas eu passaria por ele e ainda acenaria.

— Você é impossível — acusou.

— Venha para mim, Dani — insistiu ele. — Estou começando a ficar impaciente.

Ela fez cara de paisagem.

— Não estou com pressa — deu de ombros.

— Então vou buscá-la — afirmou nadando na direção dela.

— Fique aí, Vinicius — apontou um dedo ameaçador para ele.

Vinicius nem mesmo hesitou, se ergueu no lugar mais raso sem se importar com sua nudez. Pelo contrário, estava amando a forma que os olhos de Dani desceram sobre seu corpo. O analisando com paixão.

Ela tentou correr no último segundo, despertando com a proximidade dele. Mas foi inútil. Vinicius já a tinha em seus braços e não fez cerimônia ao jogá-la dentro da água no local mais fundo. O grito de Dani atravessou a floresta ao redor o fazendo gargalhar.

— Seu maldito! — gritou indignada. — Molhou toda minha roupa.

— Você disse que não iria tirá-la — deu de ombros e se jogou na água.

Dani o recepcionou com tapas. Ele gargalhava sem tentar se afastar. Agarrou a barra da camiseta dela e puxou para cima, forçando Dani a levantar os braços.

— Folgado.

— Malévola — retrucou jogando a camiseta encharcada na pedra mais próxima.

— Vinicius! — exclamou ela quando sentiu as mãos dele no botão de seu

short jeans.

— Só estou te ajudando — piscou para ela.

— Você é um descarado de primeira!

— E você ingrata — fez cara de inocente. — Só estou ajudando você a ficar confortável — puxou o tecido para baixo nas pernas dela. — E você só pensando mal da minha pessoa.

— Quem te ouve até acha que é inocente assim — riu.

— Eu sou.

— Sei.

Vinicius jogou o short na mesma direção da camiseta e voltou a encarar Dani. Seus cabelos vermelhos estavam bagunçados pela água, mas ele a achou ainda mais linda que o normal.

Segurou sua cintura puxando-a para mais perto dele.

— Ainda veste muita roupa — resmungou ele.

— Não vou tirar — balançou a cabeça em negativa.

Um sorriso perverso se formou nos lábios dele.

— Vou te convencer, então.

— Não vai conseguir — deu de ombros.

— Danila, Danila, não devia me desafiar.



— Não me chame assim.

— Ainda não entendo sua implicância com seu nome — franziu a testa.

— É feio, simples assim — disse conseguindo se soltar dele.

Lentamente indo para a parte mais funda da cachoeira. Vinicius estreitou os olhos para ela em desconfiança.

Dani aproveitou para mergulhar e se afastar dele. Ouviu sua risada cheia de promessas para quando a pegasse. Dani nadou o mais rápido que conseguiu e quando precisou de ar, voltou a superfície. Respirou fundo uma vez antes de grandes mãos a puxarem para baixo novamente.

Era Vinicius. Tentou inutilmente prender a respiração, mas se surpreendeu quando a boca dele tomou a sua. Ele dividia seu ar com ela, beijando-a lentamente enquanto nadavam girando naquela água cristalina.

Juntos emergiram e respiravam com dificuldade.

— Toda vez. — Vinicius puxou o ar com força. — Que fugir de mim, vou encontrá-la — prometeu.

— Espero que sim — sorriu abraçando seu pescoço.

— Tenha certeza disto — garantiu.

Sua boca desceu para a curva do pescoço, mordiscando sua pele, tentando distraí-la enquanto suas mãos desfaziam os laços de seu biquíni.

Dani não era boba, sabia exatamente o que ele estava fazendo e permitia sem inibições. Enrolou suas pernas no quadril de Vinicius, o incentivando a continuar. A água fria que os envolvia não era capaz de resfriar suas peles inflamadas pelo desejo. Queimavam em uma paixão silenciosa que os conectavam com intensidade.

— Você ainda vai me enlouquecer, Dani. — Vinicius sussurrou em seu ouvido.

— Essa é a intenção — respondeu ela sorrindo.

Vinicius a encarou com os olhos estreitados, mas em seus lábios tinha um grande sorriso.

— Pelo menos consegui tirar seu biquíni — disse presunçoso.

— Só porque eu deixei — rebateu ela.

Ele fez uma expressão de ofendido.

— Eu teria conseguido de qualquer forma — afirmou Vinicius.

— Não se iluda tanto.

— Não é ilusão...

— Cale a boca. — Dani ordenou séria.

— E o que eu deveria fazer com ela? — questionou.

— Tenho algumas ideias.

Rindo ele a beijou, sabendo que Dani o tinha enrolado em seu dedo mindinho. Sem se importar, se rendeu a ela. Venerando-a com os lábios, deixando que todos os sentimentos que o invadia quando estava perto dela aflorassem.

Então, fez amor com ela naquela cachoeira até a exaustão. Não se permitindo perder nenhum minuto ao seu lado, entendendo que a cada dia se tornava mais dependente dela. E por mais insano que pudesse parecer, estava amando.

...

— O que está fazendo com a pobre laranja? — Vinicius olhava para Dani com o cenho franzido.

Estavam de volta na fazenda para o almoço.

— Cortando para comer. — Dani respondeu com impaciência.

— Laranja a gente chupa, não come — afirmou ele ainda com o cenho franzido. — Parece um escoteiro cortando assim em X.

— Vinicius. — Dani disse baixo. — Não me perturbe.

— É claro que eu perturbo! — exclamou tentando não rir. — Você não sabe chupar uma laranja.

— Prefiro tirar os gomos e mastigar — deu de ombros.

— Não é a forma certa — protestou para provocá-la.

— Desde quando se importa? — Dani questionou começando a se irritar.

— Desde o momento que assassinou a pobre laranja — retrucou ele.

— Vinicius! — exclamou irritada.

A gargalhada de Marcos, pai de Dani, correu livre na varanda onde estavam sentados.

— Não ria, pai!

— Ele sabe que eu estou certo. — Vinicius disse terminando de descascar a própria laranja.

— Ela não sabe descascar — contou Marcos se sentando na rede. — Deixa a laranja toda ferida.

Vinicius a olhou surpreso, durou somente um segundo, antes dele gargalhar alto.

— O senhor é um maldito fofoqueiro! — Dani acusou o pai.

— Só disse a verdade. — Ele a corrigiu.

— Verdade desnecessária. — Dani protestou.

A risada de Vinicius a irritou ainda mais, pegou algumas cascas e jogou nele.

— Pare de rir ou vai dormir do lado de fora da cabana. — Dani ameaçou.

No entanto, Vinicius já tinha deitado no chão. Literalmente rolando de rir. Dani queria enforcá-lo junto com seu pai. Marcos aproveitou o momento de distração para fugir, antes que fosse alvo da fúria da filha.

— Pare! — exclamou brava.

Vinicius respirou fundo e limpou o canto dos olhos com o braço, já que suas mãos estavam ocupadas com a laranja e a faca.

— Desculpe — murmurou ele tentando se controlar.

— Não está sendo sincero — acusou jogando uma semente de laranja nele. — Cretino.

— Ainda não consigo acreditar que você não sabe descascar laranja — riu.

— É difícil. — Dani se defendeu.

— Difícil para uma criança — retrucou Vinicius em tom de provocação.

— Pare de rir de mim — franziu a testa.

Ele observou o leve beicinho que se formou em seus lábios provocantes. Os olhos caramelos estreitados, fuzilando-o. Vinicius não se importava, estava quase que hipnotizado pelos cabelos ruivos soltos esvoaçantes ao redor de seu rosto.

— Fica tão bonita brava — sorriu de lado.

— Vinicius — disse ela em tom de aviso.

Dani não estava muito afim de se render aos charmes dele naquele momento.

— Só dizendo a verdade — piscou. — E você sempre pode me pedir para descascar uma laranja para você — ofereceu a que estava em sua mão. — Em sinal de paz — disse.

Ela esticou a mão para pegar, mas ele a agarrou antes, beijando-a com determinação. Fazendo com que fosse incapaz de raciocinar com clareza. Ele afastou lentamente, permitindo que ela enchesse seus pulmões de ar. Encaram-se com os olhos brilhando de sentimentos que compartilhavam secretamente.

Ela lhe ofereceu um sorriso sincero.

Ele lhe deu mais um beijo.

O resto do dia passou, como muitos gostam de dizer, voando. Vinicius pode ter exagerado no almoço, comendo mais do que aguentava e depois se jogado no sofá por um longo tempo. Incapaz de se mexer. Mas em sua defesa... eram suas férias e ele fazia o que queria. Bem... nem tudo. Já que Dani o arrancou do sofá meia hora depois e o arrastou para uma cavalgada.

O humor de Vinicius decaiu rapidamente, queria ficar quieto por um momento, mas Dani não deu moleza. O balanço do cavalo não combinava com seu estômago cheio, o que com toda certeza lhe causaria uma indigestão.

Isto o fez se arrepender de comer mais do que realmente necessitava.

Embora bastou olhar para ela uma única vez, montada no grande cavalo ao seu lado, para que nada mais importasse. Nem mesmo seu mau humor. A achou linda. *Ainda mais linda que o normal*, se corrigiu. Era a mulher mais bela do seu mundo. O chapéu em tom de palia contrastava com seus cabelos ruivos, vermelhos fogo.

O cabelo combinava perfeitamente com sua dona, uma mulher quente, determinada e... *que Deus o ajudasse*, pensou Vinicius, *muito mandona*.

— Tá me olhando estranho. — Dani disse conseguindo que ele saísse da prisão de seus pensamentos.

— Nada em mim é estranho — argumentou ele.

Dani bufou e olhou para o céu dramaticamente.

— É muita arrogância para uma pessoa só, meu Deus!

— É tudo charme. — Vinicius se defendeu.

— Não sei quem te contou essa mentira — provocou ela.

— Você mesmo não resisti ao meu charme.

— Nem vou gastar saliva te respondendo — revirou os olhos.

Vinicius sorriu de um jeito travesso.

— *Primeira regra, nada de beijos* — afinou a voz para imitá-la.

— Está tentando me irritar — acusou.

— Longe de mim fazer tal coisa. — Ele arregalou os olhos dramaticamente. — *Nada de beijinhos.* — A imitou novamente.

— Eu ainda mato você — ameaçou ela.

— Não tenho dúvidas — riu. — Mas garanto que vai sentir muito minha falta.

Dani ficou em silêncio fingindo o estar ignorando, manteve o olhar longe do dele. Guiando seu cavalo pela trilha que faziam. Não conseguiu manter o sorriso longe dos lábios.

— É verdade — disse baixo. — Sentiria sua falta.



## Capítulo Treze

Na manhã de sexta-feira, Vinicius acordou com o doce aroma da mulher que dormia em seus braços. Respirou devagar, inalando mais um pouco do seu aroma. *Era perfeito*, pensou ele. *Perfeito para ele*, insistiu em pensamentos.

Vinicius só não esperava sentir aquela pequena pontada de medo que passou por sua espinha. Estava se tornando muito dependente de Dani em tão pouco tempo. Ela estava ficando cada vez mais enraizada em seu coração, queimando sua pele a ferro quente.

Nunca tinha experimentado o amor, o relacionamento mais longo que teve durou dois meses. Esquece isto, durou bem menos, porém, Vinicius se orgulhava em dizer dois meses. Enchia a boca para falar do seu grande feito, mesmo sabendo que não era verdade.

Pulou de cama em cama desde que se tornou consciente de seu corpo, procurava por todas as brechas possíveis para ter a chance de se enroscar na cama de uma bela mulher. Ainda se sentia aliviado de não ter engravidado a filha de ninguém por acidente. Seu pai teria o matado, ser avô tão cedo o havia deixado uma fera. Guilherme sofreu para conseguir sustentar Luan, quando ainda era tão jovem.

Um sorriso desenhou nos lábios de Vinicius com a lembrança dos

inúmeros pais que bateram em sua porta para reclamar de que ele paquerava suas filhas. Luís, pai de Vinicius, ficava furioso e dizia que ainda sofreria um ataque cardíaco por causa dele. Ou talvez o internasse em um colégio interno somente para meninos, para que ele não fosse tão libertino.

*O que poderia fazer?* Se amou tudo o que o prazer proporcionava.

— Você poderia esconder essa cara de safado pelo menos pelas manhãs.

— Dani resmungou sonolenta.

— Não quando você está nua em meus braços — retrucou.

— Bom dia, Vini.

Ele sorriu, inclinou seu corpo contra o dela e a beijou. Seus lábios eram macios enquanto a beijava com ternura.

— Bom dia, Dani — sorriu abertamente. — Dormiu bem?

— Maravilhosamente — afirmou ela.

— Meus braços são mágicos — disse com presunção.

— Besta — riu e então franziu a testa. — Que horas são?

— Quase nove — respondeu Vinicius.

Os olhos de Dani se arregalaram, surpresa por ser tão tarde e um pequeno detalhe... Ela estava atrasada para se encontrar com Lara.

— Merda — tentou se levantar.

— Aonde pensa que vai? — questionou a segurando no lugar.

— Marquei de encontrar com Lara. Solte-me, estou atrasada.

— Você não vai sair assim.

— Claro que não, vou me vestir primeiro — gracejou Dani.

— Não tão rápido, meu bem.

Vinicius se levantou rapidamente e antes que Dani tivesse a chance de correr, ele a tinha sobre seu ombro como um saco de batata. Ela gritou e protestou, mas a mão dele foi dura contra sua bunda.

Gargalhando, ele a levou até o banheiro. Somente para pressioná-la contra o azulejo frio.

— Vinicius! — exclamou tentando escapar do frio em suas costas.

A risada dele era de pura diversão.

— Vou esquentar você em um minuto — prometeu travesso.

Torceu a torneira e água morna os cobriu.

— Você é um cretino.

— Você ama esse cretino — afirmou arrogância.

Dani preferiu ignorar.

— Lara vai me matar.

— Deixa-me aproveitar seus últimos minutos, então.

...

Ela revirou os olhos, sem querer dar o braço a torcer de que ansiava pelo toque dele. Debaixo daquela ducha, Vinicius a amou com todo seu coração. Tomou seu corpo e entregou sua alma. Dando a ela tudo de si sem esperar nada em troca, além do prazer.

Aquele foi o único momento sozinho que conseguiram durante todo o dia. Assim que Dani conseguiu escapar das mãos exigentes de Vinicius, ela foi arrastada por Lara para um dia de SPA na cidade. Não voltaria antes da festa ao anoitecer.

Já Vinicius foi levar Heitor, o noivo, para tomar umas cervejas junto com uns amigos. Passaram boa parte do dia em um bar, Marcos se juntou a eles em algum momento e levou Edson junto. Muita cerveja e sinuca. Vinicius se negou a beber da cachaça que o avô de Dani havia levado.

*Aquela água que passarinho não bebe era para casos extremos, pensou Vinicius. Se bebesse, estaria um bagaço durante a noite na festa e muito pior para o casamento na manhã seguinte.*

No fim da tarde, o desespero bateu em Heitor. Ele estava muito bêbado para a festa de despedida de solteiro que começaria em quatro horas. Se Lara o visse daquela forma o mataria com toda certeza. De quebra, estrangularia

Vinicius também.

Alguns de seus amigos, convidados para as festas, o fizeram beber mais algumas cervejas antes de arrastarem seu traseiro para uma ducha fria. Marcos correu para fazer um café bem forte, uma garrafa foi pouco. Muitos estavam em uma situação deplorável, mas se esforçaram para garantir que as mulheres não percebessem.

Vinicius não ficou para trás, correu para a cabana da melhor forma que conseguiu. Tomou um banho frio de trinta minutos, fez uma refeição e esperou por Dani enquanto tomava café sem açúcar.

Os convidados começaram a encher a fazenda, aceitando bebidas e degustando canapés. Lentamente o som do DJ foi cobrindo todo o espaço e os homens sóbrios.

Foi impossível não perceber quando ela chegou, Vinicius estava com os olhos atentos a cada movimento. E o cabelo vermelho chamativo era fácil de localizar. O vestido preto e justo foi somente um complemento para a beleza que ela irradiava para ele.

Levantou imediatamente, deixando seu copo de água em cima de uma mesa e seguindo em direção a ela. O sorriso que recebeu foi como um soco na cara lhe tirando todo o fôlego.

— Será que eu posso ter a honra de acompanhar você, princesa? —

perguntou galanteador.

— Perdeu a chance quando me chamou de princesa. — Dani desdenhou.

— Vou ter que me virar sozinha.

Ela virou em seus saltos e tentou se afastar, mas Vinicius se apressou em segurá-la. Puxou-a contra seu corpo e a abraçou com possessividade.

— Não tão rápido, princesa — sussurrou em seu ouvido. — Não tem que se virar sozinha, eu estou com você.

— Devo agradecer? — Dani questionou para provocá-lo.

— Não — beijou levemente seu pescoço. — Somente apreciar.

— Que sorte a minha, não?

Vinicius riu e deu nos lábios de Dani um beijo estalado.

— Que mulher sortuda! — exclamou ele.

Recebeu um tapa no braço em troca e um grande sorriso dela.

A noite passou mais rápido do que os convidados queriam. Muita comida, bebidas e música boa. Vinicius e Dani não se desgrudaram em nenhum momento. Mesmo que algumas pessoas tenham tentado levá-los para longe um do outro.

Riram, beberam e dançaram muito. Vinicius perdeu a gravata e o blazer do terno em algum momento. Já Dani, ficou sem a sandália e o penteado em

seus cabelos desmoronaram virando um coque bagunçado no alto de sua cabeça.

Suados e embriagados, seguiram cambaleando para a cabana sem saber como acharam o caminho. Estavam distraídos se beijando e se tocando desesperadamente, mas não tão rápido por causa do álcool. Suas roupas mal saíram do corpo e eles já estavam se amando.

Perdidos na paixão e bem... também nos efeitos do álcool. Talvez não ficassem muito feliz quando acordassem.

...

Eles realmente não ficaram felizes ao amanhecer, mas não tinham tempo para reclamações. O casamento era as onze da manhã e toda a fazenda já estava em pleno vapor nas primeiras horas do dia.

Todo o barulho e conversas não permitiram que ninguém dormisse até tarde. As equipes agitadas para que o dia de Lara e Heitor fosse perfeito.

— Mexa-se, Vinicius.

— Só consigo ficar olhando você.

— Nem mesmo se vestiu ainda — bufou irritada. — Esqueceu que vai entrar comigo? Não podemos nos atrasar.

— Não me esqueci, só estou admirando você. — Se defendeu.

O vestido longo em um tom dégradé de azul claro no topo e azul mais escuro de seus joelhos aos pés. Desenhando e alongando cada perfeita curva que ela exibía com elegância.

— Vou deixar você me admirar e tocar por inteira depois do casamento se ficar pronto em vinte minutos.

Interesse brilhou nos olhos de Vinicius e ele se levantou em um pulo.

— O que ganho se me vestir em quinze? — questionou.

— Só vai saber depois que casarmos Lara e Heitor.

— Fechado.

Por mais incrível que possa parecer, Vinicius ficou pronto em treze minutos. Pasmem, pela primeira vez na vida ele não estava atrasado. Tudo isto por causa de algumas promessas quentes para mais tarde.

Dani riu e ajeitou a gravata dele.

— Safado — afirmou ela.

— Somente um homem determinado — beijou a testa dela. — E inocente.

— Não sei de que inocência está falando — respondeu ela rindo. — Vamos.

— Por favor, senhorita — ofereceu o braço.

Ela sorriu encantada e aceitou o braço dele, saíram da cabana e chegaram



ao gramado em que o casamento aconteceria.

A hora que se seguiu foi perfeita e emocionante. Dani não segurou as lágrimas, era o dia mais importante da sua irmã. Quando ela encerrava uma fase e iniciava outra, com Heitor ao seu lado como seu marido. Unia sua vida a ele e juntos percorreriam uma caminhada juntos, com os mesmos objetivos e sonhos. Lara agora formava a própria família.

Do fundo do seu coração, Dani desejava que sua irmã fosse imensamente feliz em sua união.

Apesar de toda a emoção, Dani era uma irmã e madrinha dedicada. Assim que a cerimônia acabou, foi arrastada de um lado para o outro ajudando Lara em tudo o que precisava. A pior parte foi ajudá-la ir ao banheiro, mas os vestidos de noivas não foram projetados para fazer essa atividade ser fácil.

Vinicius olhou de um lado para o outro com o cenho franzido.

— Ei, sogro.

Marcos revirou os olhos.

— Já está ficando abusado — brincou.

— Viu minha digníssima namorada por aí? — questionou.

— Lara está a fazendo de escrava no lugar da cerimonial. — Marcos acenou para o garçom encher sua taça de cerveja. — As vi entrando na casa há alguns minutos.

— Vou lá ver se consigo cinco minutos de atenção. — Vinicius brincou para provocar Marcos.

Embora, na verdade, ele queria que Dani parasse por um momento. Tomasse pelo menos uma água, ou um champanhe. Que comesse alguma coisa, pensou ele dando de ombros mentalmente.

— Já foi a época que eu fazia alguma coisa com cinco minutos — disse Marcos rindo.

Vinicius se negou a dar continuidade naquela conversa, mas não escondeu a gargalhada. Seu sogro já havia bebido mais do que seria capaz de contar.

Deixou sua taça na mesa, colocou as mãos no bolso e caminhou lentamente em direção a casa. Acenou para algumas pessoas no caminho, parou algumas vezes para conversar e suspirou aliviado quando alcançou a porta de entrada.

Torceu a maçaneta e entrou, alguns passos para dentro e ele congelou no lugar ao ouvir a voz de Dani. Pouco a frente via a silhueta dela, mas ainda não visualizou com quem conversava.

— Saia do meu caminho, Fábio — ordenou ela duramente.

Somente de ouvir o nome daquele homem, Vinicius sentiu seu sangue ferver, mas ainda assim não se moveu do lugar. Queria saber como ela lidaria com a situação.

— Dani. — Fábio soltou um suspiro audível. — Vamos conversar.

— Depois de tantos anos, acredita que ainda temos algo para conversar?  
— questionou ela impaciente.

— Esse é o problema, Dani, nunca conversamos.

— E o que você queria que eu te dissesse? Não havia o que dizer depois de me fazer de idiota.

— Eu fui o idiota.

— Concordamos em algo — retrucou com sarcasmo.

— Sinto muito por tê-la machucado tanto — disse com sinceridade. — Estava me achando o cara naquela época, com tantas mulheres me dando atenção que não pensei em quanto poderia ferir você.

— Eu não quero te ouvir, Fábio. — Dani disse com certo cansaço. — Isto tudo está no passado e eu estou seguindo minha vida. Você deveria fazer o mesmo.

Vinicius chegou a estremecer quando viu Fábio segurando o rosto de Dani com ambas as mãos.

— Dani, te quero de volta.

— O caralho que quer! — exclamou irritada. — Me solte agora.

Fábio não a soltou, se aproximou mais e beijou Dani a força. Ela tentava

se afastar e lutava contra ele. Já tinha visto demais, pensou Vinicius. Suas pernas se moveram em passos duros, agarrou Dani pela cintura e a puxou para longe das mãos do homem que a atacava.

O punho de Vinicius voou direto no rosto de Fábio, atingindo seu olho esquerdo. Queria bater mais no desgraçado, mas o homem não se moveu em sua direção. Apesar da fúria em seu sangue, Vinicius tinha consciência de que não valia a pena bater em alguém que não queria se defender.

— Que porra está acontecendo aqui? — Lara gritou ao se aproximar arrumando o decote de seu vestido.

Ela franziu a testa ao olhar para Fábio.

— Você não foi convidado — disse ela feroz. — Saia!

— Eu tenho que sair? — questionou Fábio. — Esse idiota me agrediu.

Vinicius deu um passo à frente, encarando seu rival frente a frente.

— Se não sair — disse baixo e ameaçador. — Vai acontecer uma coisa entre nós dois que terminará com você saindo daqui carregando os dentes.

— Saia, Fábio, e nunca mais me toque. — Dani disse enquanto seu rosto queimava de raiva.

— Te tocar? — Lara perguntou chocada.

— Dani. — Fábio fez uma última tentativa.

— SAIA! — Dani gritou furiosa.

Ele a encarou por um minuto antes de virar em seus pés e sair da casa. Lara se apressou em abraçar a irmã.

— Ele te machucou? — perguntou preocupada.

— Estou bem — afirmou ela e olhou para Vinicius.

O coração dela perdeu o compasso com medo de que ele entendesse errado o que havia acontecido. Precisava ficar sozinha com ele e se explicar. Dani estava sentindo um medo inexplicável de perdê-lo.

Ainda não entendia como aconteceu tão rápido, mas estava perdidamente apaixonada por ele. E a possibilidade de perder o que construíram naquela semana juntos era assustador demais para cogitar.

Dani perdeu o fôlego quando viu Vinicius se afastar, seguindo direto até a janela no fundo da sala.

— Vou garantir que aquele idiota tenha saído da fazenda. — Lara disse com cautela. — Converse com ele, vai dar tudo certo.

Acenando, Dani observou Lara se afastar. Respirou devagar e caminhou até onde Vinicius estava. Ainda parado na frente de uma janela, calado e com o semblante muito fechado.

— Vini?

Ele demorou a encará-la. Dani quase se encolheu com a falta do brilho de seus bonitos olhos.

— Ele a machucou? — perguntou rouco.

— Não, estou bem.

— Bom — desviou o olhar novamente.

Dani odiou a forma que suas mãos suaram de nervosa.

— Eu não o beijei, ele me beijou — afirmou ela aflita.

Vinicius suspirou e esfregou o rosto com ambas as mãos.

— Por favor, acredite em mim. — Ela segurou seu braço. — Eu nunca trairia sua confiança assim, não o beijei — jurou.

Ele não a olhou, acreditava que não poderia enfrentar as emoções em seu peito. No entanto, odiou a forma como ela parecia insegura com o que ele estava pensando sobre ela. Envolveu seus braços ao redor dela e a abraçou com carinho, pousando seu queixo no topo da cabeça dela.

— Desculpe-me — murmurou ela. — Magoei você, nunca foi minha intenção.

— Não foi sua culpa — resmungou e ficou quieto.

Dani segurou as lágrimas que ameaçavam sair, a reação de Vinicius não era uma que esperava. Mas estava aliviada por estar em seus braços, embora,

ele não parecia o mesmo com aquele silêncio.

Não sabia quanto tempo passaram abraçados, mas Vinicius não voltou a ser a pessoa bem-humorada de sempre. Voltaram para a festa e a cada minuto que não ouvia a voz dele, Dani ficava mais nervosa.

Algo muito grave mudou entre eles, principalmente quando ela reparou que Vinicius evitava encontrar seus olhos. Pouco depois, seu avô Edson chegou com sua garrafa companheira e dois copos de doses. Vinicius não negou, aceitou a primeira dose de cachaça e a segunda, depois a terceira e assim seguiu pelo resto da noite.

O coração de Dani se afundou a cada minuto que se passou. Ao seu lado, Marcos se sentou com um olhar atento em seu rosto. Havia uma clara pergunta silenciosa lá, mas Dani somente deu um aceno de que estava tudo bem.

Marcos não se enganava, estava na cara que Vinicius estava chateado. Seu jeito silencioso e a falta do sorriso entregou que acontecia algo que ele ainda não sabia.

As cinco horas da tarde já não tinha mais tantos convidados, os hóspedes da fazenda foram embora e somente permaneceu os amigos mais íntimos dos noivos. Vinicius se levantou tentando não cambalear e lutou contra o enjoo.

— Pra mim, já deu por hoje — ignorou a forma que sua voz saiu

arrastada. — Vou arrastar meu traseiro bêbado para a cabana e só volto amanhã de manhã.

— Vou com você. — Dani disse se levantando.

— Não, fique. — Ele a interrompeu. — Fique mais com sua família, já que sairemos amanhã cedo.

Mais tristeza encheu o coração de Dani, porém, acenou concordando. Deixou que ele se afastasse sozinho e voltou a se sentar.

— O que aconteceu? — Renan perguntou e sua voz não era muito diferente da de Vinicius.

As únicas pessoas sóbrias naquela mesa eram, Dani e sua cunhada Cibeles.

— Fábio, o idiota, apareceu — fofocou Lara. — Tocou em *Danilaaaa* — arrastou a voz.

Marcos se levantou bravo, esbarrou na mesa e derrubou alguns copos de cerveja. Algumas pessoas exclamaram e tentaram se afastar da bebida que escorregava. A bagunça foi total, o que aumentou a dor de cabeça de Dani.

— Como assim? — Marcos perguntou irritado.

— Estou bem. — Dani afirmou e se levantou querendo se afastar para não falar mais naquele assunto.

— Vou surrar aquele imbecil. — Renan prometeu.



Apesar de embriagados pareciam muito conscientes do que ouviam e falavam.

— Vini socou a cara dele. — Lara contou.

— Foi pouco. — Marcos retrucou. — Eu teria batido nele até a morte.

— Eu ajudava a enterrar o corpo. — Edson afirmou bravo.

— Como pode ele ainda ter a coragem de falar com você? — questionou Isis, sua mãe.

— Não quero falar sobre isto. — Dani pegou seus sapatos. — Não agora.

Ouviu sua família a chamando, mas não deu atenção. Continuou seguindo para sua cabana pensando no que fazer para consertar todo aquele distanciamento que Vinicius colocou entre eles.

Entrou na cabana e o encontrou deitado no sofá seminu. Já dormia profundamente. Tentou acordá-lo, mas foi inútil.

Suspirando, Dani seguiu para o banheiro e tomou um longo banho. Vestiu o pijama com uma sensação de que aquela seria a última noite juntos. *Estava bom demais para ser verdade*, pensou Dani com pesar.

## Capítulo Quatorze

Quantas vezes já ouvimos que o coração e a mente não são bons em se relacionar? Eu não poderia dizer, já ouvi essa expressão mais vezes do que sou capaz de contar.

Nossa mente é boa em lidar com as coisas de forma racional. Encontrar uma solução prática e fácil para qualquer problema que venha acontecer. No entanto, o coração complica... digamos, um pouco mais as coisas.

Ou muito.

Depende.

Envolve as emoções deixando que seja mais difícil resolver aquele pequeno probleminha. Tornando quase que impossível encontrar um meio termo para que tudo volte a ser normal. Para consertar as coisas.

Achar o equilíbrio entre a emoção e a razão era uma tarefa e tanto.

Depois de despedir e agradecer a hospitalidade da família de Dani, antes do amanhecer, Vinicius se encontrava com um estado de mau humor frequente. Mas se manteve cordial e realmente agradecido, foi muito bem recebido por aquela família.

O silêncio no carro rapidamente se tornou desconfortável, algo que nunca havia acontecido entre eles. Mas ambos permitiram que o constrangimento não se tornasse pior tentando quebrar o silêncio.

Tudo bem... talvez não tenha durado tanto tempo. Principalmente porque a estrada estava livre naquele domingo de manhã e estavam avançando rapidamente no caminho de volta para casa.

— Está com raiva de mim? — Dani perguntou depois de quase uma hora em silêncio.

— Não.

— Eu não beijei ele.

— Eu sei.

Ela segurou para não gritar com ele, o homem mais comunicativo que conhecia estava se tornando uma muralha dura de invadir.

— Pelo amor de Deus, fale comigo! — exclamou.

— Não sei o que te falar.

— Não falar comigo está me machucando! Eu não beijei aquele imbecil, não quero ele. Somente você — bufou irritada. — Fale comigo!

— Dani, eu não sei o que te falar. — Vinicius disse baixo. — Estou uma confusão por dentro e não sei explicar o que estou sentindo. Sinto muito.

Ela fechou os olhos, sabendo que não ia muito longe com aquela conversa. Entendeu que Vinicius precisava de tempo para colocar seus sentimentos em ordem. Não que gostasse da situação, mas o deixaria em seu canto até que se

sentisse confortável para conversar sobre o episódio do dia anterior.

Esperava que não durasse muito, pois ela estava ficando muito aflita com aquele distanciamento.

...

Depois de Vinicius deixar Dani em casa, seguiu para seu apartamento e com uma ligação para Guilherme, seu irmão mais velho, descobriu que os rapazes iriam sair para fazer trilha.

Apesar da dor de cabeça terrível de sua ressaca, vestiu suas roupas para trilha e pegou sua moto na garagem. O barulho do cano de descarga piorou a dor em suas têmporas, mas não voltou para casa. A liberdade que sentia em cima de uma moto parecia ser a coisa que precisava para o momento.

— Ei, Vini! — Pedro gritou assim que se aproximou.

— Você parece mais afeminado desde a última vez que te vi. — Vinicius provocou.

Desceu da moto e abraçou seu irmão.

— Babaca.

— Sou seu irmão favorito. — Vinicius afirmou com presunção.

— Eu sou o favorito. — Guilherme bateu nas costas dele. — Como foram as férias?

— Bem.

Seu irmão estreitou os olhos mostrando desconfiança, mas não questionou. Principalmente quando mais três motos se juntaram a eles. Gustavo, Daniel e Rodrigo.

Algumas piadas e tapas nas costas para todos estarem de volta em suas motos. Acelerando para longe da rua e adentrando nas trilhas que frequentavam há anos.

Hoje era um dia de se aventurar para Vinicius. Não seguiu pelos locais fáceis, se arriscou nas trilhas mais difíceis enquanto tentava manter sua mente somente focada no que estava fazendo. Não obteve tanto sucesso. A lembrança de outro homem segurando e beijando sua Dani, trazia um gosto amargo em sua boca.

Sabia que ela não queria, que ela não o beijou. Que lutou para se afastar dele. Mas como aquilo poderia tê-lo machucado tanto? Por que se sentia tão magoado? Tão confuso.

Seus sentimentos estavam uma enorme bagunça. Sua mente entendia que ela não queria beijar Fábio, que não o beijou. Mas seu coração estava inseguro, com medo de que ela tivesse dúvidas em relação a tudo o que experimentaram naquela semana.

*Afinal, ele era o Vinicius!* O cara que sempre chega atrasado e que tem um

senso de humor irritante. Sempre seria muito melhor do que Fábio, qualquer homem seria.

*Mas será que ele era o melhor para Dani?*

Essa ainda não era sua maior pergunta. Tinha outras questões e uma delas, era como podia amar uma pessoa tão intensamente? Não tinha uma resposta. Apesar de ter se apaixonado por Dani com o decorrer dos anos, nunca imaginou que esse sentimento pudesse crescer ainda mais.

Isto o perturbou.

Tudo o que viu ontem, fez com que tivesse um medo terrível de não ser suficiente para Danila.

— Vinicius! — Guilherme gritou.

Confuso, ele teve somente um segundo para olhar para o irmão antes de cair da moto. Sentiu uma dor terrível no braço, mas sem tempo para avaliar já que rolava barranco a baixo.

Chegou a ouvir seus irmãos e amigos gritarem alguns palavrões, mas não chegou a entender de certo o que diziam. Sua testa bateu contra uma árvore e parou um pouco abaixo.

— Puta que pariu! — exclamou irritado e tentou se sentar.

Trincou os dentes com força, quando apoiou os braços no chão para se levantar.

— Porra, Vinicius! — Daniel gritou.

— Vou dar a volta por baixo. — Guilherme informou.

— O que tem na cabeça? Seu idiota! — Gustavo gritou.

— Como assim? — Pedro perguntou. — Ele se jogou no barranco porque quis.

— Isto, não faz dele menos idiota. — Gustavo riu.

— Ei, Vini! — gritou Rodrigo. — Fale alguma coisa.

— Estou bem — respondeu Vinicius.

Desta vez, ele se esforçou para sentar sem forçar o braço machucado. Balançou a cabeça tentando clarear os pensamentos e sentiu o fio de sangue que descia na lateral de sua têmpora. A dor de cabeça de antes se tornou uma explosão dolorosa que estava o deixando zozinho.

Ouviu a moto de Guilherme se aproximando e nem mesmo saiu do lugar. Mal acreditava que tinha caído da moto. Não percebeu o galho baixo da árvore em sua direção, estava tão distraído com seus pensamentos que resultou em sua queda.

*Dani*, pensou nela soltando um longo suspiro.

— Ei! — Guilherme chamou sua atenção.

Desligou a moto e pulou pra fora, correndo até Vinicius.

— Como você não viu aquele galho? — questionou preocupado.

— Me distrai — respondeu Vinicius.

— Machucou algo além desta cabeça dura? — Guilherme questionou.

Só não revirou os olhos porque sua cabeça estava doendo muito.

— Meu braço.

— Me deixa ver.

Guilherme o ajudou a se livrar das luvas, do colete e sua camisa. Os dois praguejaram alto ao ver o braço quebrado de Vinicius. Não era uma fratura exposta, mas dava pra ver o ângulo estranho.

— Mamãe vai ficar tão brava. — Guilherme brincou. — Venha, vou arrastar seu traseiro lá pra cima e vamos para o hospital.

— Pelo menos vou estender minhas férias — resmungou mal-humorado.

Guilherme o ergueu com certo esforço, Vinicius tinha muita massa muscular.

— Foi tudo bem em suas férias mesmo? Você está estranho.

— Claro que estou estranho, quebrei o braço.

— Sabe que não é isto que estou falando. — Guilherme retrucou. — Sua namorada nova?

— Está em casa dormindo. — Vinicius respondeu sem dar mais detalhes.



— Você não me engana, mas não vou forçar a barra. Se precisar de alguma coisa, sabe onde me achar.

— Obrigado.

Guilherme somente acenou, no meio do caminho os outros rapazes vieram correndo até eles.

— Puta merda! — Daniel exclamou.

— Vamos para o hospital. — Gustavo liderou o caminho.

— Vou levar ele até a caminhonete, mas tem que ser caminhando. — Guilherme disse. — Busquem minha moto e a desse idiota.

— Como não viu um galho daquele tamanho? — Rodrigo questionou.

— A idade está afetando a visão dele. — Pedro zombou.

— Calem a boca — resmungou com dor.

Sabia que seus irmãos e amigos queriam somente distraí-lo, mas não estava funcionando muito bem. Por sorte, eles não tinham se afastado tanto de onde Guilherme costumava deixar a caminhonete. Colocaram três motos lá em cima, entraram Guilherme no volante, Vinicius no passageiro e Pedro no banco de trás.

Os outros rapazes seguiram de moto, mesmo sabendo que não deviam andar longas distâncias com a moto de trilha dentro da cidade. A cada

balançada do veículo o humor de Vinicius caía um pouco mais. O bom era que sua mente se focou em algo além de suas inseguranças com o amor que estava sentindo.

Foi fácil ignorar a conversa entre seus irmãos enquanto se focava em segurar o braço machucado. Seus dentes estavam trincados e o corpo tenso.

— Que porra é essa? — Pedro perguntou conseguindo a atenção de Vinicius.

— Caralho, estava correndo demais. — Guilherme praguejou alto e reduziu a velocidade.

Vinicius olhou o retrovisor e viu que seus amigos haviam parado pouco atrás. Uma viatura os cercou. Guilherme freou quando também foi cercado.

— Fiquem no carro — disse baixo e puxou o freio de mão. — Vou resolver isto.

— Coloquem as mãos pra cima. — Um policial gritou.

— Porra. — Vinicius ergueu uma de suas mãos.

— Eu quero as mãos a vista — gritou o policial.

Sabiam que era por causa de Vinicius, mas como ele iria erguer o braço quebrado?

Guilherme bufou impaciente, pegou rapidamente sua carteira no painel do

carro e jogou pra fora.

— Caralho! — resmungou antes de gritar. — Sou tenente da Força Tática, estou tentando levar meu irmão para o hospital.

Olhando pelo retrovisor, viu um policial se abaixar. Pegou sua carteira e conferiu seus documentos. Quando comprovou a identidade de Guilherme se sentiu seguro para aproximar.

— Desculpe, tenente. — O policial apareceu na janela e devolveu a carteira. — Estamos caçando um assaltante em uma caminhonete.

— Acabei chamando atenção, ainda mais com motos me seguindo. — Guilherme afirmou.

— Sim.

— Peço desculpas — disse Guilherme. — Estávamos fazendo trilha e meu irmão caiu, quebrando o braço.

O homem inclinou um pouco para frente e viu o braço de Vinicius.

— Vou liberar o caminho — acenou para os policiais da frente. — E pedir para que ninguém os pare novamente.

— Agradeço — acenou. — Vou levá-lo para o hospital e meus amigos vão levar as motos para casa na caminhonete.

— Estão muito no centro da cidade.

Guilherme endureceu as feições rapidamente entendendo que o policial estava o repreendendo. Ele era um tenente e deveria ser respeitado.

— Isto é um problema? — Guilherme questionou em um tom de voz duro e autoritário.

O policial chegou a empalidecer.

— Não, senhor.

— Bom — disse ríspido. — Se não tem mais nada que me segura aqui preciso levar meu irmão ao hospital.

Quando o policial se afastou da janela, Guilherme fez questão de acelerar. Queria ver quem teria coragem de pará-lo novamente. Muito irritado com a ousadia do soldado em questionar sua conduta com a lei. Entendia que não podiam andar com motos de trilha no centro da cidade, mas não podiam deixá-las em um lugar para serem roubadas ou não dar prioridade a Vinicius.

Viu que os rapazes nas motos foram liberados e o seguiam.

— Vamos ter história para contar. — Pedro riu do banco de trás.

— Não estou achando graça. — Vinicius resmungou.

— Não me diga! — exclamou fazendo drama. — Ele está tão mal-humorado, não é mesmo, Gui?

— Idiota. — Vinicius praguejou.

— Será que é por causa do braço ou da namorada? — Guilherme entrou na brincadeira.

— Acho que a namorada já deu um pé na bunda dele. — Pedro zombou.  
— Quem o aguenta por muito tempo?

— Talvez ela seja tão louca quanto ele — disse Guilherme rindo.

— Parem. — Vinicius resmungou.

— Engraçado como ele está sem paciência. — Pedro disse.

— Meu braço está quebrado e doendo — tentou se justificar.

— Pelo menos não está chorando como um bebê. — Guilherme provocou.

— Eu ia amar ver ele chorando. — Pedro riu. — Seria uma lembrança a mais desse dia.

— Suas lágrimas estragariam a imagem de seus músculos. — Guilherme disse. — As mulheres não gostam de chorões.

— Elas me consolariam com prazer. — Vinicius afirmou com presunção.

— Eu não diria isto perto da sua namorada. — Pedro riu. — Você ainda tem uma namorada, não é?

— Tenho.

— Devia ligar pra ela. — Guilherme disse.

— Ainda não — murmurou olhando pela janela.

## Capítulo Quinze

Dani quase corria enquanto seguia pelo corredor do hospital. Havia ligado para Vinicius e seu irmão, Guilherme, foi quem atendeu. A informou com grande naturalidade que havia caído da moto e quebrado o braço.

Simples assim.

Ela ficou assustada... corrigindo... muito assustada. Mas seu irmão não aparentava estar preocupado.

— Ele entrou para cirurgia agora e não deve demorar mais do que duas horas — informou com a voz calma.

O coração de Dani chegou a parar por um breve momento, cheia de aflição. Piorou tudo quando se lembrou de como ele parecia chateado com ela. Depois de a deixar em casa, ainda sem falar nada, Dani se deitou em sua cama e não conseguiu dormir. Louca para resolver o problema entre eles, no entanto, Vinicius não estava muito falador.

Este simples fato foi bastante perturbador. Mas não importava no momento, ela só queria saber se ele estava bem. Encontrou na sala de espera um grupo de homens vestidos com roupas de motocross.

— São os irmãos de Vinicius? — perguntei ao parar na frente deles.

— Sou Guilherme — estendeu a mão. — Danila?

— Somente Dani — ofereceu. — Como ele está?

— Ainda não sabemos — respondeu. — Ele fraturou o braço em dois lugares e precisou de procedimento cirúrgico.

— Como isto aconteceu? — perguntou franzindo a testa.

Sabia que Vinicius amava as trilhas e tinha muita experiência.

— O idiota não viu um galho — respondeu um rapaz. — A propósito, sou Pedro.

— Um galho? — ergueu as sobrancelhas.

— Eu não devia ter deixado ele seguir. — Guilherme passou as mãos pelo cabelo. — Estava distraído, o que resultou em rolar um barranco inteiro.

— E quebrar o braço — murmurou um rapaz. — Ainda não acredito que ele tem uma namorada — riu em seguida.

Dani percebeu como todos eles pareciam despreocupados.

— Desculpe os modos, esses são. — Guilherme apontou para os rapazes. — Gustavo, Daniel e Rodrigo.

Aceitou os cumprimentos e ao se afastar ouviu a voz irritada de uma mulher.

— O que vocês aprontaram desta vez? — perguntou furiosa.

Dani chegou a arregalar os olhos ao ver a senhorinha colocar as mãos no

quadril. Atrás dela um senhor, parecendo seu marido, sorriu abertamente como se soubesse que os garotos estavam muito encrencados.

— Calma, mãe — disse Pedro.

— Ele está bem — garantiu Guilherme.

— Então, por que estamos em uma sala de espera? — questionou brava.

— Ele está em cirurgia — contou Gustavo.

— Cirurgia? — Ela arregalou os olhos.

Guilherme olhou feio para o amigo.

— Só vão colar o braço dele, mãe — disse.

— Vocês só ficam aprontando! — exclamou irritada. — Vinicius voltou e nem foi me ver.

— Seja razoável, mãe. — Pedro murmurou. — Ele chegou hoje de manhã e foi dar uma volta com a gente.

— Razoável — bufou irritada.

— Nem percebeu que a namorada dele está aqui, Dona Elis. — Rodrigo disse apontando para Dani.

— Oh, meu Deus, vou matar aquele meu filho idiota — resmungou. — Desculpe meu jeito, querida, mas quando se tem quatro filhos homens a gente perde o jeito — brincou.



— Tudo bem, sou Dani.

— Muito prazer em conhecê-la, Dani, sou Elis e esse é meu marido Luís.

— A abraçou com carinho. — Seja bem-vinda a família.

— Uma pena nos conhecermos nesta situação. — Dani disse com gentileza.

— Vá se acostumando — aconselhou. — Esses meninos amam passar a noite neste hospital.

— Nunca fiz isto. — Pedro se defendeu. — Só Vitor e o Gui.

— Agora o Vinicius — ofereceu Daniel.

Foi aí que ela entendeu que Gustavo, Daniel e Rodrigo eram amigos de Vinicius.

— Vocês dois já aprontaram bastante também. — Elis disse em um tom acusador para Gustavo e Daniel.

— Sou a única pessoa comportada nesse grupo — afirmou Rodrigo com presunção.

Elis bufou.

— Não vai demorar muito pra experimentar a gelatina de limão — brincou Luís.

— Guilherme ama gelatina de limão. — Pedro provocou.

Dani riu quando Guilherme deu um tapa na nuca do irmão.

— Idiota.

— Isto doeu — reclamou Pedro.

— Parem com isto. — Elis os repreendeu. — Não sei quando vão crescer.

Apesar da preocupação com Vinicius, Dani acabou relaxando na presença da família dele. O pior de tudo, foi que ela não conseguiu deixar de rir quando os rapazes narraram o que havia acontecido. Claro que exageraram um pouco... quero dizer, exageraram muito nos fatos.

Um tempo depois, o médico veio até a sala de espera e informou que correu tudo bem. Deixaria Vinicius em observação em um período de vinte e quatro horas, logo depois seria liberado e de quinze a vinte dias ele estaria livre do gesso.

Aliviada, Dani se ofereceu para ficar com Vinicius. Apesar de sua família afirmar que não precisava, ela fez questão mesmo se sentindo insegura. Seus familiares o visitaram e depois foram embora com a promessa de voltar.

Vinicius não queria muito falar com ela antes, mas Dani insistiria. Ele não iria ignorá-la depois de fazê-la se apaixonar.

*Não iria mesmo, pensou irritada.*

Mas logo se acalmou quando entrou no quarto em que ele estava. Dani se aproximou devagar, quase com medo de acordá-lo. Tinha o braço engessado

descansando no peito, alguns arranhões no outro e um pequeno curativo na testa.

Não gostou de como o rosto de Vinicius estava pálido. Desejou ter o homem irritante e bem-humorado de sempre de volta. *Precisavam conversar*, pensou e soltou um suspiro alto.

Dani puxou a poltrona para bem perto da cama e se sentou. Se encostou e bocejou alto, estava cansada. Ao lado dele, se sentiu confortável para dormir um pouco.

...

Vinicius estava há alguns minutos acordado observando Dani dormindo ao seu lado em uma poltrona e não parecia muito confortável. *Linda*, pensou ele com admiração.

— Dani. — A chamou baixo.

Ela remexeu na poltrona e resmungou alguma coisa que ele não entendeu.

— Dani.

Ele sorriu quando ela abriu os olhos.

— Dormiu bem? — questionou para provocá-la.

— Vinicius! — exclamou assustada. — Graças a Deus acordou.

— Só estava cochilando — brincou.

Dani sorriu e se inclinou na direção dele, seus lábios foram direto para os dele. Ele os recebeu com enorme satisfação, segurou o rosto dela com a mão boa trazendo-a para mais perto.

Envolvendo Dani em um beijo delicado e cheio de palavras não ditas. Ela o beijava de volta com grande alívio, sentindo que encontrava o Vinicius pelo qual se apaixonou.

Quando se afastou, o olhou atentamente.

— Está bem? — perguntou ela.

— Ficaria bem melhor se continuasse me beijando — respondeu com um sorriso travesso.

— Nenhuma dor?

— É só um braço quebrado — deu de ombros levemente.

Dani estreitou os olhos para ele.

— Tenho a sensação que essa não foi a primeira vez.

— Quebrei a perna quando tinha dezoito anos. — Vinicius falou com naturalidade.

— Isto explica o porquê sua mãe estava tão brava quando chegou — contou Dani.

Vinicius estremeceu.

— Ela deve ter ficado furiosa — riu baixo.

— Você não tem ideia — brincou Dani.

— *Oh*, meu bem, eu tenho sim — gargalhou.

— Você é impossível, Vinicius.

— Mas você me ama — retrucou despreocupado.

— Eu amo. — Dani afirmou com sinceridade.

Ele se aconchegou em seu travesseiro sem deixar de olhá-la.

— Eu também te amo, Dani — confessou.

Se inclinando, Dani o beijou novamente. Beijou-o com alívio. Com amor. Com tudo de si. Desejando que ele estivesse sentindo tudo o que ela experimentava. Apesar de preocupada que ele tenha se machucado fazendo trilha, Dani não conseguia evitar o egoísmo em perceber que ele havia a perdoado. Mesmo que ela não tivesse culpa.

Dani se afastou, ignorando o protesto dele.

— Não está mais com raiva de mim? — perguntou odiando a hesitação em sua voz.

Ele chegou a franzir a testa por um segundo antes de entender a que ela se referia.

— Eu não estava com raiva de você, Dani. — Vinicius falou com

suavidade na voz. — Fiquei furioso ao ver aquele homem te tocando, mas eu vi que você não queria retribuí-lo.

— Estava lá? Viu tudo.

— Sim.

— Por que não interrompeu? — Dani cruzou os braços sentindo certa raiva. — Devia ter ido me ajudar.

— Eu fui.

— Depois que ele me atacou — acusou.

Vinicius mordeu o lábio inferior sabendo que devia um pedido de desculpas a Dani.

— Me perdoe, Dani — disse com sinceridade. — Quando entrei na casa, vi vocês dois conversando e acho que paralisei.

— Paralisou? — ergueu uma sobrancelha. — Você queria saber como eu lidaria com aquele imbecil!

— Pode ser — acenou concordando. — Mas não desconfiava de você, fiquei muito orgulhoso de como você agiu. Desculpe-me por não ter a tirado daquela situação mais cedo.

— Você ainda ficou com raiva de mim! — exclamou furiosa sem entender.

— Não estava com raiva de você — afirmou.

Ela se levantou brava e incapaz de se manter quieta por muito tempo.

— Então, o que foi todo aquele silêncio? Por que estava me ignorando?

Vinicius precisou se esforçar para não se distrair do assunto. Dani o encarava com as mãos na cintura e parecia muito brava. Precisava se explicar.

— Só não sabia como colocar em palavras o que estava sentindo — hesitou. — Estava sentindo uma possessividade agressiva. E meus sentimentos pareciam ter se tornado muito maior do que já eram.

— Seus sentimentos?

Acenou de leve.

— Depois que começamos a trabalhar juntos, fui me apaixonando por você a cada dia que se passava — confessou.

Dani suspirou e sentou ao lado dele na cama.

— Por que não me contou? — perguntou suavemente.

— Você merece um cara melhor do que eu — deu de ombros.

## Capítulo Dezesseis

O sorriso de Dani foi imediato, seguido por uma gargalhada. Tentou evitar, principalmente pelo olhar sério que Vinicius tinha no rosto.

— Não estou achando graça, Dani.

— Cruzaria os braços se pudesse, neh. — Ela o provocou e riu mais alto.

— Pare de rir. — Vinicius exigiu.

Dani respirou fundo prendendo o riso.

— Desculpe — limpou os cantos dos olhos. — Eu te entendo, Vini. Você não foi o homem certo para mim durante todos esses anos, mas isto não o impedia de mudar se fosse sincero sobre seus sentimentos.

— Pode estar certa. — Ele disse baixo. — Mas depois de vê-la tão determinada a enxotar aquele verme, me senti inseguro. Sem saber se sou o cara certo para você, mas o amor que sinto por você se tornou tão grande que fez meu peito doer — calou-se parecendo envergonhado. — Doer com a possibilidade de perdê-la. De entender que não sou bom pra você. De que perceba isto.

Dani suspirou e entrelaçou os dedos ao do homem que a encarava com insegurança.

— Vinicius — disse suavemente. — Não se rebaixe tanto. Você é mais do



que suficiente para mim. É um homem sincero, forte e que na última semana se esforçou muito para me fazer feliz — sorriu para ele. — Mesmo que sua intenção principal era me deixar nua.

— Não tenho culpa — retrucou. — Sou homem e sempre tenho segundas intenções quando o assunto é você.

— Safado, como se isto explicasse — riu.

— É uma reclamação, Danila? — provocou.

— Quer ter o outro braço quebrado?

— Mas seu nome é tão bonito — sorriu galanteador.

— Dizem que a gelatina de limão daqui é muito boa, vou arrumar algumas para você.

— Que mulher maldosa! — exclamou. — Aquilo é uma porcaria.

— Que vai comer se continuar me irritando — ameaçou.

Ele fez uma expressão fingida de ofensa e a puxou para perto. Tão perto que sentiam a respiração um do outro.

— Queria ser nobre e dizer que você deveria encontrar alguém melhor do que eu — sussurrou. — Mas eu amo você, Dani, se esse alguém aparecer pode ter certeza que vou socar a cara dele — riu. — Pois você é minha.

— Eu sou.

— Deveria se casar comigo — afirmou ele com presunção.

— Isto é um pedido? — Dani questionou erguendo uma sobrancelha.

— É uma afirmação — respondeu Vinicius.

— Presunçoso.

— Realista — contrapôs. — Amo você, Dani.

— Também te amo.

— Lembra de como tinha medo de que eu fosse machucá-la no início desse nosso namoro?

— Sim — sussurrou Dani.

— Hoje, sou eu quem peço para que seja cuidadosa — roçou seu nariz delicadamente no dela. — Pois você é a única pessoa capaz de me machucar, eu lhe darei o mundo se me pedir. Mas se me deixar, arrancará tudo de mim com um ato tão simples.

— Promete nunca me trair ou me enganar?

— Sim — afirmou com determinação.

— Então eu nunca vou deixar você — jurou Dani. — Eu te amo.

Vinicius se inclinou um pouco para frente tomando os lábios dela com os seus. Beijando-a com delicadeza enquanto suas línguas se envolviam sensualmente. Aproveitando lentamente cada sensação que se espalhava entre

eles.

Prolongando o máximo aquele beijo apaixonado, como se quisessem marcar suas almas com aquele contato tão íntimo em um momento tão revelador. Transmitindo doçura e afeto, além do amor que compartilhavam tão intensamente.

— Deus! Você não pode ficar sozinho um minuto com uma moça bonita!

Ambos se separaram e olharam para a porta onde Letícia, mulher de Guilherme, estava parada. Atrás dela, Guilherme sorria descaradamente.

— Você é tão encantadora, cunhada. — Vinicius disse.

— Por que acha que seu irmão se apaixonou? — retrucou entrando no quarto. — Sou Letícia, prazer em conhecê-la Dani.

Dani a encarou surpresa e recebeu seu abraço com carinho.

— Digamos que seu nome foi muito falado nas últimas semanas — disse Letícia. — Ontem, então — bufou. — Não ouvi outra coisa.

— E de mim? — questionou Vinicius. — O que ouviu?

— Que você é um idiota cego — afirmou ela.

Guilherme gargalhou e se encostou na parede do fundo.

— O galho surgiu do nada. — Vinicius se defendeu.

— Ele estava com a mente na ruiva — apontou Guilherme.

Dani sorriu zombeteira.

— Pensando em mim, Vini? — questionou.

— Em quem mais eu pensaria? — respondeu com outra pergunta.

Letícia fez um barulho estranho.

— Preciso me sentar, o mundo deve estar realmente acabando — disse ela e olhou para Guilherme. — Acha que devemos buscar os meninos? Colocá-los em um lugar seguro enquanto o apocalipse toma a cidade?

— Devemos nos apressar. — Guilherme zombou.

— *Hahaha*, você é tão engraçadinha. — Vinicius ironizou.

— Vocês tem filhos? — Dani perguntou curiosa.

— Sim, dois garotos que acabaram de aprender a andar — respondeu Guilherme com orgulho.

— Que legal, gêmeos. — Dani sorriu.

— Temos o Luan também — disse Leth. — Meu enteado, mas adotei como filho.

— Casa cheia é muito bom. — Dani disse.

— Muito. — Leth afirmou com um sorriso apaixonado para Guilherme, que piscou para ela.

— Viu se minha moto sofreu algum dano? — Vinicius perguntou para

Guilherme.

— Está preocupado com a moto? — Dani arregalou os olhos. — Quebrou o braço em três pontos e está preocupado com a moto?

— Vá se acostumando. — Leth aconselhou.

Dani chegou a tentar, inutilmente, argumentar que a moto não poderia ser tão importante assim. Afinal, ele havia se machucado em um nível grave. No entanto, Vinicius nem mesmo a escutou. Já planejava com Guilherme tudo o que precisavam para o conserto da moto.

Ela chegou a bufar de indignação e Letícia a consolou, mostrando como lidar com os homens daquela família. Pouco depois mais alguns rapazes se apertaram dentro do quarto, haviam conseguido passar escondido pela entrada. Já que era permitido somente duas pessoas para cada paciente, mas eles eram bons em burlar algumas regras.

Como Pedro mesmo havia dito, qual seria a graça de existir regras se não poderiam ser quebradas?

Dani somente concordou para não render o assunto, apesar da personalidade irritantemente bem-humorada de Vinicius, os outros rapazes não eram diferentes.

No início da manhã de segunda-feira, Vinicius foi liberado para ir para casa. Dani achou incrível como ele não parecia incomodado com o braço

engessado. Nem mesmo demonstrava dor, mas ela sabia que não duraria muito. Logo os remédios não fariam tanto efeito como naquele momento e Vinicius iria ficar com um humor terrível.

Ao contrário do que ela imaginou, Vinicius não quis ir para casa descansar. Exigiu que Dani o levasse a um mercado, pois não tinha nada em sua geladeira. Ela insistiu que ele fosse para a casa dela, mas Vinicius acordou bem teimoso naquela manhã.

Talvez era só pra irritar Dani, algo que ele amava fazer.

— Eu poderia fazer isto sozinha — protestou Dani enquanto empurrava o carrinho pelos corredores. — Devia estar de repouso, fez uma cirurgia ontem.

— Só parafusaram meu braço — disse com pouco caso. — Vou ficar em casa por mais quinze dias e preciso de comida.

— Já disse que pode ficar lá em casa.

— Eu quero que você fique na minha — retrucou distraído. — Assim eu vou ficar mais à vontade.

— Está usando o braço quebrado para me convencer. — Dani protestou.

— O que importa é se está funcionando — riu. — Mas ainda assim eu quero meu apê. — Se calou olhando para o fundo do corredor. — Ei, viado! — gritou.

— Vinicius! — Dani o repreendeu.

— Quanto que é o programa? — perguntou alto.

Dani olhou para o rapaz que parou quando ouviu Vinicius, depois riu.

— Já sou casado, meu bem — respondeu se aproximando. — Fui no hospital e você já tinha saído. Não me diga que fugiu, eu não lhe darei cobertura contra a mamãe.

— Você já foi melhor, Vitor. — Vinicius afirmou e abraçou o irmão. — Como foi a lua de mel? Já fez um bebê lindo pro tio preferido?

— Pratiquei bastante.

Eles riram com aquela cumplicidade masculina inegável.

— Esta é Dani, minha namorada. — Vinicius apresentou. — Esse é Vitor, meu irmão.

Dani nem mesmo se surpreendeu com a gentileza de Vitor se apresentar com um beijo no rosto dela. Todos os outros haviam a tratado da mesma forma.

— A mulher que domou meu irmão — brincou.

— Já ouvi isto e volto afirmar que não sou um cavalo. — Vinicius protestou.

— Mas costuma agir como um. — Vitor afirmou.

— Eu disse isto a ele, mas parece que não me ouviu. — Dani disse e

abraçou a cintura de Vinicius. — Parabéns pelo casamento.

— Obrigado, foi a melhor coisa que fiz em toda minha vida. — Vitor sorriu orgulhoso.

— Onde está Soh? — Vinicius perguntou.

— Em casa, vim buscar umas coisas para ela.

— Estou na mesma situação, geladeira vazia em casa — disse Vinicius.

Vitor sorriu olhando o gesso no braço do irmão.

— Fiquei sabendo que devemos levá-lo em um oftalmologista — brincou.

— Idiota. — Vinicius protestou e Dani riu.

Vitor deu uma risada.

— Está bem? — perguntou com cautela.

— Já estive pior — respondeu. — Estou aproveitando enquanto os remédios que me deram no hospital ainda estão fazendo efeito.

— Aproveite, vai ser um inferno.

— Não me diga que também já teve sua cota de hospital. — Dani murmurou. — Sua mãe é uma santa.

Os rapazes riram.

— Vai se acostumar. — Vitor brincou. — Depois passo na sua casa — informou ao irmão. — Preciso voltar, Soh está me aguardando. Foi um prazer



conhecê-la, Dani, apareça lá na minha casa qualquer dia desses.

Se despediram com algumas promessas. Dani e Vinicius voltaram para suas compras o mais rápido que conseguiram. Ele a arrastou para seu apartamento, insistindo que deveria cuidar dele.

Claro, Dani não caiu muito na sua conversa, pois bastou fecharem a porta para que Vinicius a arrastasse para o quarto. Ele fez amor com ela por todo o tempo que conseguiu manter suas forças. Chegou um momento que seu braço começou a doer, foi forçado a tomar um remédio e acabou caindo em um sono pesado.

## Capítulo Dezesete

Como esperado, o humor de Vinicius caiu muito durante a semana. Ficar sozinho em casa não ajudou muito, Dani tinha voltado ao trabalho e quase não se viam. Mas ela se esforçava para estar com ele sempre que podia, Vinicius sempre acabava a convencendo de passar a noite em seus braços. Ou melhor, braço, já que o gesso continuava imobilizando seu braço quebrado.

O tédio era tanto que depois de não ter mais espaço para desenhar em seu gesso branco, ele começou a ir visitar todas as pessoas que conhecia. Começou com Sofia, fez a cunhado o levar para um café com sua avó Lurdes. A senhora precisou largar tudo o que estava fazendo na sua floricultura para atender Vinicius. Pois ele ficou a seguindo por todos os lados dentro da pequena loja, irritando-a, até que cedeu as suas vontades.

— Traste!

Foi o que Lurdes disse antes de caminhar até a cozinha da floricultura com Vinicius em seu encalce. Ele sorria satisfeito com o resultado de sua insistência.

— Você é uma mulher sem coração, Lurdes! — exclamou ignorando o bufo dela. — Não posso fazer um café com uma mão só, vai que eu me queimo?

— Besteira — desdenhou. — Você nem sabe fazer café!

— Duvidando de meus dotes culinários? — Se fez de ofendido.

— Sim.

— Só não te mostro meus dotes, pois estou com um braço a menos.

Lurdes bufou ao perceber o duplo sentido de suas palavras.

— Tenho certeza que já vi melhores, traste — resmungou brava.

Vinicius gargalhou e se sentou enquanto ela preparava o café que ele tanto queria. No final do dia quando se cansou de irritar as mulheres da floricultura, foi embora para casa já pensando no que fazer no dia seguinte.

Arrastou Gustavo para fora do consultório algumas vezes. Fez Pedro de motorista. Invadiu a casa de Vitor. Ensinou alguns rocks para os gêmeos deixando Letícia com dor de cabeça. Pediu, ou melhor, insistiu que Carlos levasse sua moto para consertar o que havia quebrado.

Bom... a lista de coisas que ele aprontou durante a semana foi bem grande, mas seus dias passaram um pouco mais rápido do que esperava. E durante todas as noites, teve Dani em sua cama, fazendo-o amá-la mais a cada segundo que passavam juntos.

Ao amanhecer de sábado, Vinicius acordou primeiro que Dani. Estava ansioso para chegar na casa do lago. Com isto cutucou a namorada até que ela abriu os olhos furiosa por ele não a deixar dormir.

— Você só pode estar de brincadeira comigo! — exclamou brava.

— Sai desta cama, Dani. — Se levantou sem nem mesmo dar um beijo de bom dia nela. — Deixa de ser dorminhoca, o sol já está lá fora.

Abriu as cortinas deixando a claridade entrar no quarto.

— São sete da manhã, Vinicius — disse inconformada.

— Momento perfeito para sair da cama.

— Por que está tão ansioso? — perguntou escondendo a cabeça debaixo do travesseiro. — Só mais uma hora. — Dani implorou.

— Nada disto — puxou o travesseiro. — Lá eu vou ter coisas para fazer.

— Que homem! — exclamou irritada. — Vai me deixar dormir quando chegarmos lá?

Dani estava quase cedendo, entendia que ele estava aflito em ficar em casa. Principalmente por não poder fazer muitas coisas com um braço quebrado. Mas que Deus a ajudasse, o homem era mais ansioso do que qualquer pessoa que conhecia.

— Acha que consegue? — retrucou. — Eu tenho uma família barulhenta.

— Vini — choramingou Dani. — Não vejo a hora de você se livrar desse gesso.

— Eu também — acenou ansioso. — Levante.

— Nenhum beijo de bom dia pelo menos? — questionou erguendo as

sobrancelhas.

O sorriso que recebeu valeu a pena acordar tão cedo. Vinicius tinha aquele sorriso jovial que encantava qualquer pessoa por perto. E deixava Dani ainda mais apaixonada, mesmo quando ela queria esganá-lo como naquele momento.

Se aproximou dela, descontraído e nu, inclinou-se até que seus lábios estavam nos dela. Tomando-a em um beijo rápido, sem esconder sua pressa. Quando se afastou a encarou com a mesma ansiedade de antes.

— Podemos ir agora? — perguntou.

Dani bufou.

Ele parecia uma criança ansiosa para conhecer algo novo.

— Gostava mais de quando você tentava me manter na cama — acusou.

— Eu ainda quero te manter na cama, linda, mas não nesta aqui — deu aquele sorriso safado. — Preciso sair desse apartamento.

— Mas você estava tão ansioso pra sair do hospital na segunda. — Ela provocou. — Como foi mesmo que você disse? — fez uma expressão pensativa. — Morto de saudades de casa.

Vinicius revirou os olhos.

— A casa do lago também é minha casa.

— Seu argumento não foi aceito. — Dani brincou.

— Me ajuda a vedar o gesso para que eu possa tomar um banho? — pediu rindo.

— Não. — Dani cruzou os braços atrás da cabeça sabendo que estava o provocando.

O lençol em que estava enrolada deslizou para baixo desnudando seus seios e conseguindo o olhar atento de Vinicius.

— Está fazendo de propósito — acusou ele ainda sem erguer o olhar.

— Não sei do que está falando — sorriu inocente.

— Dani.

— Estou bem aqui.

Vinicius conseguiu erguer o olhar.

— Estou vendo — afirmou.

Dani sorriu satisfeita e chegou a pensar em se levantar e o ignorar para puni-lo por acordá-la tão cedo. Mas vendo o olhar totalmente interessado dele e a ereção crescente, a fez empurrar o lençol de lado. Era um convite claro para que ele se juntasse a ela.

Ergueu uma sobrancelha, questionando a demora dele e depois riu quando ele caminhou apressado até a cama. Deitou com cuidado ao lado dela, para

não forçar o braço engessado, e permitiu que Dani o montasse.

Sorriram um para o outro, antes de se esquecerem do sono de Dani e principalmente da pressa de Vinicius. Ela se estendeu em cima do corpo dele, permitindo que suas mãos passeassem lentamente pelo peitoral de Vinicius, o explorando.

— Amo você, Vini — sussurrou Dani. — Fico feliz que você tenha sido tão persistente em garantir os beijinhos em nosso namoro quase falso.

Ambos riram.

— Devia ter me beijado desde aquele primeiro encontro — afirmou com arrogância.

— Nunca — retrucou ela com determinação.

— Acho que devia me beijar agora.

— Acha?

— Acho — riu. — Ou vamos ter que sair desta cama.

— Você já foi mais persistente. — Dani o provocou.

— Não julgue um homem com um braço quebrado — afirmou Vinicius.

— Eu vou quebrar o outro se continuar usando esse braço de desculpa. — Ela o ameaçou.

A mão de Vinicius que descansava na cintura de Dani apertou com um

pouco mais de força, enquanto elevava um pouco o quadril.

— Tem alguma dúvida? — questionou ele sério.

Além da paixão que brilhava nos olhos dele, Dani sentia a rigidez de sua ereção pressionando duramente contra ela.

— Nenhuma — afirmou com um olhar apaixonado.

...

Dani mal tinha descido do carro e uma senhora sorridente caminhava em sua direção.

— Eu sabia que ela ia ser linda demais para aquele traste — afirmou.

— Eu sou lindo, Lurdes. — Vinicius protestou.

Os braços gentis da Lurdes envolveram Dani em um abraço apertado.

— Como você o suporta? — brincou Lurdes.

— Grande esforço. — Dani respondeu rindo.

— Eu estou aqui. — Vinicius acenou e foi ignorado.

— Seja bem-vinda, Dani. — Lurdes beijou sua bochecha.

Dani não se surpreendeu que a senhora soubesse o nome dela, aparentemente aquela família era muito boa em passar informações. Manter um segredo escondido daquela família parecia ser uma missão quase que impossível.



— Obrigada, dona Lurdes.

Vinicius gargalhou deixando Dani confusa.

— Deus me livre! — exclamou Lurdes. — Nada de dona, senhora ou qualquer outra coisa que me faça parecer velha.

— Você é velha — acusou Carlos ao se aproximar.

— Lá vem o palhaço da família. — Lurdes disse para Dani. — Eu não sou velha.

— Lurdes tem alma jovem, Carlos. — Vinicius disse rindo.

— Você realmente está ficando cega. — Carlos a provocou. — Não reconhece um dragão quando vê um?

Lurdes chegou a ficar vermelha de raiva e beliscou o genro.

— Isto doeu! — Carlos exclamou.

Dani riu e permitiu que Lurdes enlaçasse seu braço ao dela.

— Venha, não dê ouvidos a esses homens — puxou Dani. — A testosterona acaba com todo bom senso desses homens.

— Eu sou um homem de bom senso. — Vinicius protestou.

— Você fique calado, projeto de traste. — Lurdes o repreendeu.

Os rapazes estavam parados pouco a frente de braços cruzados prontos para se defenderem das acusações de Lurdes. Mas ela nem mesmo se abalou

com as expressões ofendidas.

— Aqui eles andam em bando — disse Lurdes.

— Pelo menos não nos rastejamos no chão. — Carlos a provocou. —  
Naja!

Vinicius riu da expressão brava de Lurdes.

— Vocês nunca se comportam! — disse Lucia, filha de Lurdes e esposa de Carlos. — Sempre me fazendo passar vergonha com essas brigas.

— Sua mãe quem começou — acusou Carlos.

— Eu não! — Lurdes exclamou. — Traste!

Rindo, Dani aceitou o abraço de Lucia e se deixou ser levada para o meio daquela família incrível. Os pais de Vinicius a receberam de braços abertos e ela foi apresentada as outras pessoas que ainda não conhecia.

Sofia, uma doce mulher era sorridente e chegou a dizer que ela se acostumaria com a loucura que era aquela família. Até mesmo afirmou que a culpa maior era dela, pois Carlos era seu pai e Lurdes sua avó. As implicâncias entre eles só contribuía para a diversão alheia. Mas Dani não se enganava, Carlos amava a sogra apesar de deixá-la furiosa.

Os pais de Gustavo e Daniel também estavam presentes, foram tão gentis com Dani que ela chegou imaginar sua própria família entre eles. Aquilo sim se tornaria uma loucura completa, mas tinha a sensação que iria amar.

Apesar da vontade de Vinicius em ir para a casa do lago, logo se mostrou frustrado quando viu seus irmãos e amigos saindo para fazer trilha. Frustração era uma coisa fácil de ver em seu rosto. Ele queria segui-los, montado na própria moto e se aventurando por entre as trilhas.

— Meu braço não para de coçar, isto está me deixando louco — resmungou ao lado dela.

Dani estava relaxada sentada na grama perto do lago. Observou ele pegar um graveto e enfiar na borda do gesso.

— Sabe que não deve fazer isto — disse baixo.

— Mas está coçando — protestou. — Nunca mais fico desatento em cima de uma moto.

— Fico feliz em ouvir isto — deitou na grama. — Me deu um maior susto aquele dia.

Vinicius bufou distraído com a coceira no braço, Dani acabou rindo. Ele era um menino crescido, quando frustrado, agia igual uma criança mimada. Ela revirou os olhos, ele era mimado e nem escondia o fato.

— Só te perdoo porque estava pensando em mim.

— Estou sempre pensando em você — garantiu ele.

Ela se sentiu satisfeita, apesar do seu jeito desatento naquele momento. Vinicius estava a ouvindo. Caso contrário, ela ficaria muito brava.

— Preciso fazer alguma coisa, estou ansioso.

— O que pretende?

— Acho que vou nadar.

Dani chegou a se levantar, surpresa com o que ele queria fazer.

— Você tem um braço engessado — apontou para o gesso desenhado.

— Se eu posso tomar banho, posso nadar — franziu a testa.

— Não é a mesma coisa, sabe disto. — Dani disse.

— É só enrolar o braço com plástico — disse como se fosse óbvio.

— Vai encharcar o gesso e ainda conseguir uma inflamação! — Dani estava começando a ficar sem paciência.

— Mas...

— Não! — O interrompeu. — Pare de agir como uma criança mimada. — Ela o repreendeu. — Caiu da moto, quebrou o braço e vai ficar de castigo por vinte dias.

— Quinze.

— O tempo que o médico disser — retrucou brava. — E até lá eu não quero ouvir e muito menos ver você aprontando por aí. Ou que Deus me ajude, pois vou prendê-lo ao pé da cama.

— Não ligo de ser preso, desde que você esteja comigo — deu de ombros.

— O que você não sabe, é que eu farei greve de sexo até o dia que seu braço estiver livre.

— Você não faria isto. — Vinicius estreitou os olhos.

Ela sorriu e voltou a deitar na grama.

— Vá nadar no lago e teste o quão sério eu estou falando.

— Como eu fui me apaixonar por uma mulher tão cruel? — questionou franzindo a testa. — Greve de sexo não é uma coisa boa de se fazer.

Ela nem mesmo respondeu, somente continuou com o sorriso no rosto e o olhar no horizonte. Bufando, Vinicius se deitou ao lado dela.

— Vou me comportar — prometeu.

Dani riu baixinho.

— Bom ou vou colocá-lo de castigo.

— Malévola.

— Mimado.

— Aí, essa doeu — dramatizou.

Ela fechou os olhos, deixando a tranquilidade daquele lugar invadir seus sentidos. Pouco depois, os lábios de Vinicius tocaram os seus, beijando-a com delicadeza.

Os próximos dias seriam longos com a evidente frustração de Vinicius,

Dani tinha certeza disto. Ele era ansioso demais para ficar quieto e esperar os ossos do braço colarem. Seria preciso muitas ameaças para que Vinicius se comportasse, não tinha a menor dúvida.

*Estava ficando louca,* pensou Dani.

Pois sentia que estava gostando do jeito mimado de Vinicius e ansiosa para as chantagens que faria com ele. Ao lado dele, Dani tinha certeza de que seus dias não seriam mais monótonos.

Abraçou o pescoço dele, puxando-o para mais perto e aprofundando o beijo. Podia querer matá-lo na maioria das vezes, mas o amava. Muito.

Ficou feliz quando Vinicius relaxou e curtiu o sol daquela manhã ao seu lado. Permaneceram deitados na grama, apreciando os beijos muito mais do que a vitamina D dos raios de sol. Foi um dos poucos momentos de tranquilidade que tiveram naquele final de semana, logo a família barulhenta e brincalhona de Vinicius estava toda reunida novamente.

E gastaram boa parte do tempo criando histórias sobre como Vinicius quebrou o braço na semana anterior. Foi muito divertido, vê-los o provocando. Mas Vinicius aceitava as brincadeiras facilmente, algumas vezes até ajudou aumentando o fato.

Como Dani mesmo gostava de dizer, ele era impossível.

Embora o amasse ainda mais, a cada característica que conhecia.

## Capítulo Dezoito

Quase um mês depois Vinicius estava sem o gesso e só precisava de algumas sessões de fisioterapia, mas sentia-se livre daquele pequeno incômodo. Com o braço novo novamente, agora ele voltava a se sentir ansioso. Mas por motivo diferente.

Tocou a campainha da porta da casa de Dani e aguardou por um momento. Logo ela apareceu na sua frente, com os cabelos amarrados de forma selvagem. Uma camiseta velha que tinha um furo na barriga. Um short desbotado e largo, e seus pés estavam descalços.

Mas na opinião de Vinicius, era a mulher mais linda que já viu. Sempre seria, afirmou em pensamentos.

— Pra você — estendeu as flores que segurava.

Os olhos de Dani estavam arregalados, surpresa demais para aceitar o buque que ele oferecia.

— Você está usando um terno?

— Estou bonitão, não é? — sorriu daquela forma jovial que fazia Dani derreter. — Não vai aceitar? — questionou mostrando as flores. — Lurdes disse que você amaria as astromélias. — Seu sorriso aumentou. — Ela me fez gravar o nome.

Abriu mais a porta para que ele entrasse, o seguiu fechando-a em seguida.

— São lindas, obrigada — aceitou as flores. — Mas aonde vai desse jeito?

— A um encontro — disse despreocupado e colocou as mãos no bolso da calça.

O coração de Dani chegou a gelar com a resposta de Vinicius.

— Como assim? — perguntou ainda chocada.

— Não sabe o que é um encontro? — zombou e se sentou no sofá. — Duas pessoas saem para beber, conversar e tentar conseguir pelo menos um beijo no final da noite.

Dani respirou fundo e devagar, tentava engolir a vontade de matar Vinicius.

— E com quem você pretende ir a um encontro? — questionou colocando as mãos nos quadris.

Vinicius teve a ousadia de rir.

— Com você, bobinha — respondeu. — Com quem mais eu iria? Vestiria um terno, traria flores e não me atrasaria?

Dani franziu a testa.

— Não marcamos nada.

— Por isto que não estou atrasado — riu. — Tudo por você, meu amor.

— Mas olha como eu estou! — exclamou nervosa.



Vinicius cruzou as pernas.

— Vá se arrumar — disse tranquilo. — Hoje sou eu quem vou te esperar.

Dani precisou piscar, duas, não, três ou quatro vezes para ver se tinha realmente entendido certo o que ele disse.

— Você está bem? — Dani chegou a perguntar.

— Melhor do que nunca — afirmou. — Vai se arrumar ou quer ir assim?

— Idiota — praguejou. — Vou demorar — avisou.

— Não tem problema, hoje estou aqui sem a menor pressa — sorriu. — É o nosso encontro.

Depois de alguns segundos que mais pareceram uma eternidade para Dani, ela sentiu uma alegria que não havia experimentado antes. Vinicius estava mostrando que se esforçava para ser um homem melhor.

Se aproximou, sentou no colo dele e o beijou. Ele segurou seu rosto com delicadeza retribuindo na mesma intensidade o beijo. Cobrindo seus lábios com o dele, desenhando sua boca com a língua.

Vinicius se afastou com um sorriso safado.

— O beijo era para o final do encontro — disse em um falso tom de repreensão.

— Quer que eu o beije somente no final da noite? — tentou sair do colo

dele, mas Vinicius a segurou.

— Acho que não vou poder cumprir essa fase do encontro — apertou ela contra seu corpo. — Sempre quero beijar você, desde o dia que abriu aquela porta — apontou. — Há dois anos me encarou furiosa por ter a deixado esperando por tanto tempo.

— Mas aquela não foi uma noite feliz.

— Foi uma noite marcante — afirmou. — Conheci você.

— Sou uma mulher marcante. — Dani deu de ombros.

— Arrogante, mas marcante — brincou. — Vá se arrumar, estou muito tentado a tirar nossas roupas, não quero estragar esse encontro também.

— Não estragaria — estalou seus lábios nos dele e se levantou. — No entanto, eu quero muito ir a um encontro com você.

— Bom, estarei te esperando bem aqui — afirmou Vinicius.

— A ideia de deixá-lo me esperando é muito excitante — riu se afastando.

— Isto é uma fantasia sexual?

— Não — gargalhou. — Só satisfação em dar o troco.

— Malévola.

Vinicius ouviu a risada dela, mas Dani já tinha chegado em seu quarto. Ele queria dar uma noite incrível a ela, mesmo sabendo que Dani demoraria de

propósito. Somente para vê-lo sofrer enquanto aguardava.

Não precisava ser um gênio para descobrir que a paciência de Vinicius não era tão longa. Vinte minutos mexendo no celular. Cinco minutos olhando o que tinha na geladeira. Quinze andando de um lado para o outro. Dez minutos foleando as revistas que ficavam no canto da sala. Nove minutos procurando dentro dos armários da cozinha algo para comer.

Roubou uma calcinha do varal dela com um sorriso safado e travesso. Guardou no bolso sabendo que ela ficaria bem brava quando descobrisse. Voltou para a sala e não guardou a curiosidade ao ver o armário da estante. Abriu e encontrou álbuns de fotos de quando Dani era criança.

Aquilo sim o ajudou passar o tempo, riu alto e sozinho várias vezes enquanto passava as imagens. Conheceu Dani em cada fase importante de sua vida, mas confessava que queria ouvir as histórias da maioria daquelas imagens.

Quando acabou, foleou o álbum uma segunda vez e depois o guardou. No entanto Dani ainda não tinha voltado, ela estava o frustrando de propósito e nem conseguia ficar bravo sabendo que merecia aquele pequeno maltrato dela.

Vinicius voltou na cozinha, serviu um copo de água gelada e bebeu devagar. Somente se apressou quando ouviu o som de saltos vindo do

corredor. Parou no meio do caminho ao vê-la linda e deslumbrante sorrindo para ele.

Vinicius não sorriu de volta, encantado demais com a beleza dela para poder formar palavras. O cabelo vermelho, agora escovado e ondulado, combinava com seu vestido justo na cor vinho.

— É a mulher mais linda do meu mundo — sussurrou agora conseguindo fazer suas pernas funcionarem. — Linda.

— Obrigada.

— Pronta?

— Tem um carro lá fora me esperando? — questionou brincando.

Eles riram lembrando do primeiro encontro de anos atrás onde Vinicius foi de moto e queria que ela subisse ou trocasse de roupa para saírem.

— Não sou mais tão babaca assim.

— Fico aliviada em saber.

— Mas eu tenho a mesma intenção daquela noite — segurou a cintura dela, puxando-a para bem perto do seu corpo.

— Que seria? — ergueu a sobrancelha zombeteira.

— Continuo querendo retirar suas roupas no final do dia.

Dani o beijou rapidamente e se afastou.

— Roupas — disse ela caminhando para frente.

— O quê?

— Não estou usando mais que esse vestido, então, o certo seria dizer que tirei minha roupa, não roupas — deu de ombros. — No singular, não no plural.

Vinicius não se moveu do lugar, a ousadia de Dani em revelar aquele pequeno detalhe era para enlouquecê-lo. Tinha certeza.

— Quê? — Dani perguntou fazendo cara de inocência.

Ele deslizou o olhar pela extensão do corpo dela, desnudando-a com os olhos.

— Naquela noite, você também só usava o vestido? — perguntou com a voz levemente rouca.

O sorriso de Dani foi imediato.

— Sim, uma lingerie marcaria o vestido.

Vinicius chegou a gemer de desejo e frustração.

— Vai me matar — resmungou.

— Você é muito mais forte que isto — zombou.

Ele respirou fundo e ofereceu o braço.

— Vamos logo ou o único encontro que teremos é com sua cama —

bufou. — Nus.

Dani teve a ousadia de rir, mas aceitou o braço que ele ofereceu. Caminharam para fora, trancaram a porta e surpreendentemente, Vinicius abriu a porta do carro para ela.

Foi impossível não sorrir com aquela gentileza, estavam refazendo a noite de seu primeiro encontro, mas desta vez tudo estava bem diferente. Hoje daria tudo certo e Dani ansiava por isto.

Vinicius dirigiu por quase vinte minutos até estacionar na frente de um dos restaurantes mais elegantes da cidade. Dani estava encantada com a escolha dele. A ajudou sair do carro e de mãos dadas caminharam para dentro do estabelecimento.

Sorrindo, Vinicius informou a hostess seu nome e sua reserva. Dani chegou a revirar os olhos, ele havia se programado muito bem sabendo que ela o faria esperar bastante enquanto se arrumava.

A mulher elegante os guiou até o segundo andar do prédio, uma área aberta e com somente cinco mesas. Aconchegante e particular, com uma vista muito bonita da cidade.

Vinicius puxou a cadeira para Dani com um sorriso orgulhoso. Olhando em seus olhos, ela entendeu que aquela noite prometia. O beijou no rosto, agradecida por todos os cuidados dele com ela.

— Obrigada.

— Tudo por você.

## Capítulo Dezenove

O restaurante podia ser chique, sofisticado e elegante, mas não ofuscava a simplicidade do relacionamento que Vinicius e Dani criaram. Apreciaram o jantar, conversaram degustando um bom vinho e esperaram pela sobremesa com a ansiedade de uma criança.

Sorriram animados quando os pratos foram servidos, saborearam com grande satisfação uma saborosa torta de limão. Permitindo-se sentir o sabor com calma para que não perdessem nenhum pouquinho daquele doce.

Quando terminaram, o garçom limpou a mesa e o casal estava quase pronto para ir embora.

Mas Vinicius precisava fazer uma última coisa. Lentamente, retirou do bolso de seu terno uma pequena caixa de veludo. Dani chegou a arregalar os olhos quando ele saiu de sua cadeira e pousou um joelho do chão.

— O que está fazendo? — perguntou baixo.

— Eu disse que você tinha que casar comigo. — Vinicius sorriu com gentileza para ela.

Dani ficou pálida com o susto ao ouvir a resposta dele.

— Mas não é um pedido ainda. — Vinicius disse sorrindo. — Acalme-se, Danila.



— Não estrague o momento.

Ele riu e abriu a caixinha, havia um pequeno e delicado solitário dentro.

— É simples. — Ele disse baixo.

— É lindo — afirmou Dani.

— Queria te dar uma noite especial.

— Conseguiu.

O sorriso deles se abriram juntos e abertamente.

— Quero me casar com você, mas entendo que é muito cedo para isto.

A seriedade que ouviu na voz de Vinicius, fez o coração de Dani perder uma pequena batida. Via a honestidade em seu olhar espelhado pelo amor que compartilhavam.

— Quando comecei a planejar esse nosso encontro, desejei que você tivesse algo meu. Um presente que mostrasse o tamanho do meu compromisso com você — segurou a mão dela e deslizou o anel por seu dedo. — Esse ainda não é um anel de noivado — sorriu jovial. — Mas é um de compromisso.

— É um pedido de namoro? — Dani o provocou.

— Não — balançou a cabeça. — Você já é minha namorada, só estou afirmando o que sabemos.

— Convencido — acusou rindo.

— Você é minha.

— Eu sou. — Dani segurou seu rosto com carinho. — E você é meu.

— Todinho seu.

— Me beije — pediu em um sussurro.

Ele não precisou de outro pedido, se aproximou um pouco mais e tomou os lábios de Dani com os seus. Selando aquele compromisso que acabaram de firmar, com grande estilo.

O amor não era tão difícil de entender, era? Acredito que quem complica tudo é nós mesmos. O amor é simples, só precisamos construí-los e trabalhar para mantê-lo firme, incapaz de se abalar com coisas triviais.

Esses sentimentos, quando tratado com respeito e cuidado, torna o relacionamento mais forte. O casal mais companheiro. A vida mais feliz. Os dias mais alegres.

Vinicius e Dani estavam dispostos a conseguir aquele objetivo. Beijando-a lentamente, ele mostrava com suavidade promessas para um futuro ao lado dela.

— Amo você, Dani — sussurrou contra seus lábios.

— Também o amo.

Vinicius ergueu o olhar.

— Podemos ir agora? — disse sem esconder sua ansiedade de estar sozinho com ela.

— Sim.

Ele acenou para o garçom trazer sua conta e voltou a se sentar em seu lugar enquanto esperava. Pagou o valor alto sem nem mesmo pestanejar. Puxou a cadeira para Dani, entrelaçou seus dedos nos dela e caminhou para fora. Ambos relaxados e tranquilos com o desenrolar daquela noite.

*Perfeita*, pensou Dani sem deixar de sorrir.

— Vinicius?

*Não tão perfeita assim*, se corrigiu rapidamente ao ouvir uma mulher chamando o nome do seu namorado. O sorriso de seu rosto logo se fechou enquanto observava a mulher de corpo esguio se aproximar.

— Quanto tempo não o vejo.

— Como vai, Thaís?

*Quem era Thaís?* Dani se perguntou.

— Bem melhor agora.

Dani chegou a ficar rígida de tensão quando a mulher abraçou Vinicius. Estava com ciúmes, mais ciúmes do que um dia foi capaz de sentir antes. Ela

iria matar Vinicius se permitisse que Thaís o tocasse novamente. Por sorte, dele, Vinicius afastou a mulher rapidamente.

— Essa é minha namorada, Dani.

— A gerente da academia. — Thaís disse e sorriu aparentemente amigável.

— A mais linda gerente de todas — afirmou Vinicius com orgulho. — Foi bom te ver, mas precisamos ir.

— Claro.

Vinicius não era um idiota, percebeu com clareza que Dani estava tensa e pretendia acalmá-la imediatamente. Sendo assim, quando Thaís tentou se aproximar novamente para tocá-lo, ele se afastou. Deu um sorriso simpático e levou Dani para fora.

Ela estava em completo silêncio, presa em seus próprios pensamentos e ainda rígida. Vinicius a levou para o carro e olhou para ela algumas vezes durante os primeiros minutos do percurso.

Mas como sabemos, Vinicius não era bom em se manter calado por muito tempo.

— Dani?

Ela nem mesmo o olhou.

— Hm.

— Está com ciúmes — afirmou Vinicius.

— Você transou com aquela mulher. — Dani afirmou olhando para a janela.

— Ela e muitas outras. — Vinicius disse sério. — Muitas mesmo.

Sabia que assim conseguiria que ela o olhasse. Dani o encarou no segundo seguinte com os olhos em chamas de uma raiva contida. Vinicius deu de ombros e voltou os olhos para o trânsito.

— Tive um passado, Dani — disse com suavidade. — Nunca escondi isto, saí com inúmeras mulheres. Não deixei maus entendidos e nem filhos perdidos, nos meus casos de uma noite. Nenhuma delas teve importância para mim, não tive nenhum tipo de sentimento ou algo parecido — reduziu o carro em uma parada de sinal. — Não me apaixonei por nenhuma daquelas mulheres.

Dani suspirou alto.

Vinicius segurou sua mão.

— Me apaixonei por você — afirmou. — Somente por você. Não tem com o que se preocupar.

— Vai ser sempre assim?

— Assim como?

— Encontrando suas ex-parceiras por onde formos?

— Sinto muito por isto, Dani, mas não posso mudar esse fato.

Ele soltou sua mão quando precisou arrancar com o carro no sinal verde. Dani não disse mais nada, mas Vinicius estava consciente de que precisava mostrar a ela que podia confiar nele. Acabar com suas inseguranças e fazê-la entender que ela o tinha, completo.

Ele pertencia a ela e a mais ninguém.

— Esse não é o caminho para minha casa. — Dani observou minutos depois.

— Não é.

— Aonde vamos?

— Para o meu apartamento.

— Vinicius, não sei se é uma boa ideia. — Ela resmungou.

— Claro que é uma boa ideia — disse Vinicius. — É a nossa noite perfeita.

Dani segurou a língua para não dizer o que estava pensando. Ela estava com ciúmes, mas não seria injusta com ele. Vinicius sempre mostrava honestidade em suas ações e não escondia seu passado. Sem contar que o

esforço de Vinicius naquela noite era muito mais do que notável.

Ela tentou, mas ele percebeu.

— Foi perfeita sim, está sendo perfeita — reafirmou ele. — Estou amando seu ciúmes.

— Vinicius!

Ele riu.

— Amo você, Dani, não duvide disto.

— Eu não duvido, só que. — Ela se calou prensando os lábios.

— Está com ciúmes — completou ele rindo.

— Sim — engasgou Dani. — Eu estou! Aquela mulher estava tocando em você.

— Que possessiva — sorriu orgulhoso.

— Idiota.

— Ciumenta.

— Não sou a única. — Ela apontou.

— Não, você não é.

## Capítulo Vinte

Quantas vezes uma mulher pode ser surpreendida em uma noite? Uma? Duas? Talvez três ou quatro? Existe um número certo? Sinceramente, espero que não. Pois a surpresa traz aquela mudança inesperada e um friozinho na barriga inexplicável.

Ser surpreendida por alguém faz o momento tomar um rumo diferente por um simples ato de alguém e uma inesperada reação sua. Por uma emoção repentina.

Ao entrar no apartamento de Vinicius, Dani não tinha expectativas. Quero dizer, não esperava por aquilo que tanto a emocionava. No mínimo, aguardava uma taça de vinho, muitos beijos. Roupas arrancadas e uma noite muito, muito quente nos braços dele.

Em vez de vinho ou cerveja, havia champanhe em um balde de gelo sobre uma mesinha na lateral da cama. Um grande arranjo de flores pousava de forma elegante em cada canto do quarto levemente perfumado, onde deveria estar seus equipamentos de esporte. E sobre a cama algumas pétalas de rosas sobre suaves lençóis claros, arrumados.

*Meu Deus! Sua cama estava arrumada!* Dani pensou quase que congelada no lugar. Aquilo sim era uma surpresa! *E das grandes.*

Pouco depois, ela sentiu Vinicius se aproximando por trás. Abraçando sua



cintura e pousando seu queixo no topo da cabeça de Dani. Ela já não sentia mais ciúmes, havia se esquecido completamente da mulher que a deixou insegura sobre o que sentia. Mesmo depois de todas aquelas declarações durante o jantar, o ciúmes havia derrubado um pouco das emoções.

— Eu te disse que seria uma noite especial — sussurrou no ouvido dela.  
— Tive um monte de trabalho aqui.

— Estou vendo. — Dani murmurou. — Mas estou realmente surpresa em ver sua cama arrumada.

Vinicius riu baixinho contra seu pescoço e a beijou tão suave quanto o toque de uma pluma.

— Vê? As coisas que faço por você?

Dani somente acenou com a cabeça, incapaz de formar palavras. Distraída com o deslizar suave e quase que imperceptível dos dedos dele por seu braço. Ela se sentia mais sensível ao seu toque que o normal.

— Eu amo você, Dani. — Ele beijou a curva do seu pescoço. — Somente você.

Ela queria dizer que também o amava, mas sua voz estava presa em sua garganta. Suas pernas começaram a tremer levemente com a porção de adrenalina que corria por suas veias.

A sedução era uma arma poderosa, tinha um efeito ainda mais intenso

quando feito com amor. Vinicius deslizou os cabelos de Dani para o lado, buscando ter mais acesso ao pescoço dela. Seus lábios voltaram a tocá-la, deixando um rastro molhado de seus beijos. Queimando a pele dela, arrastando arrepios.

O abrir do zíper do vestido de Dani foi extremamente alto entre as paredes do quarto. As mãos de Vinicius eram amorosas ao despi-la, puxando lentamente o tecido para fora dos ombros dela até que caísse aos seus pés.

Segurou suas costas e passou um braço por seus joelhos erguendo seu corpo nu. Abraçando-a com a necessidade de senti-la tão perto, antes de deitá-la sobre a cama. Voltou a se afastar somente para vê-la lá, estendida e com os cabelos espalhados por seu travesseiro.

— Venha. — Dani sussurrou com a voz fraca.

Tomada por desejo. Ansiando por ele.

No entanto, Vinicius não estava com pressa. Pretendia tornar aquela noite longa e memorável. Sem correria. Sem afobação.

Aos poucos se livrou de cada peça de roupa que vestia sob o olhar atento de Dani. Até que se juntou a ela no colchão macio e lençóis suaves. E fez amor com ela. Com sua namorada. Com sua Dani. Sua futura esposa.

Naquela noite, Vinicius foi muito mais atencioso do que já tinha sido antes. A beijou com imensa ternura. Tocou-a com grande afeto e carinho,

deslizando as mãos suavemente por cada centímetro de Dani. Instigando a sensibilidade de sua pele.

Levando beijos amorosos, lambidas e até mesmo mordiscadas. Provocando-a, com prazer intenso, deixando ela na borda e não permitindo que o encontrasse. Repetindo várias vezes, empurrando-a além da beirada quando Dani não foi mais capaz de se segurar. Para só então juntar seu corpo ao dela, unindo-os como um só. Buscando juntos o êxtase maior, o clímax. Sem desviar os olhos. Com seus dedos entrelaçados, se amaram por horas com a promessa de nunca deixarem nada atrapalhar o amor que crescia cada vez mais entre eles.

Naquela noite, o ciúmes de Dani se mostrou desnecessário. Principalmente quando Vinicius apagou o rastro de insegurança que ela sentiu. Sussurrou em vários momentos o quanto a amava. Que ele pertencia somente a ela. Eles eram um só, naquele momento ou em qualquer outro.

Quando os primeiros raios de sol surgiram pela janela, Vinicius segurou o rosto de Dani, levando uma mecha de cabelo para trás de sua orelha. Beijou sua testa e olhou-a com ternura.

— Como posso amar você tanto assim? — perguntou baixo.

— Quando descobrir, me conte.

— Não vou contar — sorriu com jovialidade.

— Por que não?

— Não quero correr o risco de você não me querer mais.

— Bobo. — Dani sorriu. — Você não corre esse risco.

— Tem certeza?

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Tem alguma dúvida? — Dani questionou.

— Nenhuma. — Vinicius respondeu sério e sem nem ao menos pensar.

— Bom, pois eu vou te suportar pelo resto da minha vida. — Ela o provocou.

— Me suportar? — Se fez de ofendido.

Dani gargalhou, se aconchegou mais contra o corpo dele.

— Eu te amo, seu bobo, mesmo quando quero te matar.

Ele riu alto abraçando-a.

— Não me solte. — Dani pediu em um sussurro.

— Nunca.

Era uma promessa que ele cumpriria pelo resto de sua vida. Enquanto vivesse estaria grudado nela, como cola quente.

Fim

## Epílogo

### Seis meses depois

A casa da fazenda dos pais de Dani estava cheia, seus amigos e familiares se reuniram para comemorar o noivado dela com Vinicius. Como podemos imaginar, ele não aguentou muito tempo para voltar a pedi-la em casamento. Ou melhor, afirmar que Dani se casaria com ele.

Dani nem mesmo pensou duas vezes para responder. Acordou no meio da madrugada com Vinicius andando de um lado para o outro dentro do quarto escuro de seu apartamento. E quando perguntou o que estava acontecendo, ele passou as mãos pelo cabelo de forma exasperada.

— Precisa se casar comigo — afirmou ele.

— Como? — Sua mente ainda estava entorpecida com a sonolência.

— Casamento Dani! — exclamou impaciente. — Vestido, véu, terno, alianças... lua de mel.

— Calma, Vini.

— Estou calmo.

Ela riu baixo e se sentou na cama.

— Casamento? — ergueu uma sobrancelha.

Vinicius chegou a bufar.

— Você ainda está dormindo? — questionou colocando as mãos nos quadris.

Dani riu.

— Faça o pedido — disse com tranquilidade.

— Que pedido? — Vinicius franziu a testa.

Ela revirou os olhos.

— De casamento.

— *Ahh* sim! — exclamou animado.

O único problema era que ele não tinha uma aliança para aquele momento. Havia perdido o sono no meio da noite e ficado pensando em como a queria como sua esposa. Eles já moravam praticamente juntos, só que em duas casas diferentes. Mas Vinicius queria ter uma casa só. Onde construiriam memórias com bons momentos. Decorariam de acordo com o que gostavam. Comprariam móveis juntos e brigariam pela escolha.

Não queria continuar daquela forma, em casas separadas.

Com a mente agitada, procurou em suas gavetas algo que pudesse representar uma aliança.

— O que está fazendo? — Dani perguntou curiosa.

Não respondeu, continuou vasculhando até que encontrou uma fita fina de

cetim azul. Não se lembrava de ter guardado, veio em um dos presentes que ganhou em seu último aniversário.

Se apressou de volta a cama e ajoelhou no chão ao lado de Dani. Seu coração perdeu uma batida e voltou com impulso total, batendo forte e rápido com as emoções.

— Dani — sussurrou ele. — Sei que não sou o melhor homem do mundo, tenho um monte de defeitos que te deixa com muita raiva. Mas eu amo você, linda — segurou sua mão com carinho. — Aceita se casar comigo?

— Fico brava com as coisas que apronta, no entanto, o amor me deixou mais boba e tolerante — brincou ela. — Eu aceito me casar com você.

Dani riu quando viu o alívio marcar o rosto dele. Estendeu a mão direita e permitiu que Vinicius amarrasse a fita de cetim em seu dedo anelar. Fez um laço delicado antes de voltar a se juntar com ela na cama. Eles fizeram amor até o amanhecer e dias depois, os pais de Dani já estavam planejando aquela festa.

Ela tentou negar, mas Vinicius apoiou totalmente os sogros e era voto vencido.

— Venha. — Ele a tirou de seus pensamentos.

— Pra onde? — franziu a testa.

Vinicius pegou a taça de sua mão e a colocou em um canto.

— Vamos fugir para nossa cabana — contou.

— E a nossa festa? — Dani questionou.

— Eles não vão sentir nossa falta.

Ela iria responder, mas se calou quando viu Carlos andando enfurecido.

— O que aconteceu? — Dani perguntou preocupado.

— Nem a pau! — exclamou Carlos. — Nem a pau.

— O que houve, homem? — Vinicius perguntando já rindo.

— Nem a pau, caralho! — exclamou.

Vinicius gargalhou chamando a atenção de sua família que se aproximava aos poucos.

— O que aconteceu, pai? — Sofia perguntou.

Dani estava encantada com a beleza que ela irradiava em sua gravidez. Pouco depois do casamento dela com Vitor, eles souberam que seriam pais e estavam radiantes com a novidade.

— Nem a pau! — Carlos voltou a repetir.

— Despirocou de vez. — Lurdes disse rindo.

— Vó! — Sofia repreendeu tentando não rir.

— O que aconteceu? — Vitor perguntou ao se aproximar.



— A culpa é sua! — exclamou Carlos.

— Minha? — Vitor franziu a testa.

Seu sogro chegou a bufar.

— O que fez pro homem, Vitor? — Vinicius perguntou curioso.

Nesse momento, mais pessoas já haviam se juntado ao redor. Todos atentos com o desenrolar daquela situação. Principalmente os rapazes.

— Eu? Nada que me lembre — riu.

— Conheceu minha filhinha e trouxe seus irmãos aproveitadores de filhas alheias. — Carlos acusou.

— Como é? — Gustavo perguntou rindo.

— Eu só me aproveito da filha de Marcos. — Vinicius se defendeu.

Dani deu um beliscão nele, não estava ajudando e ainda falava besteira.

— Seu irmão — acusou Carlos. — Pedro estava beijando minha menina Laura.

Houve uma exclamação masculina bem audível, antes dos rapazes se encarem. Claramente procuravam Pedro entre eles e quando não encontraram riram alto. Somente Rodrigo, não se divertia tanto com a situação, já que Laura é sua irmã, mas ainda sim tinha um sorriso discreto nos lábios.

— E você não fez nada? — Vinicius perguntou.

— Claro que fiz! — respondeu Carlos. — Dei um soco na cara dele, mas agora Laura está cuidando do bastardo.

Outra onda de risadas atravessou o local deixando Carlos ainda mais bravo e com ciúmes.

— Quando foi que minhas meninas cresceram? E por que fizeram isto? — perguntou visivelmente frustrado.

— Você é o único que não vê. — Lurdes brincou. — Cego com a idade.

— Velha.

— Traste.

Luís, pai de Vinicius riu discretamente e chamou Carlos para tomar uma bebida. Carlos foi, mas não parecia muito feliz. Principalmente pelos rapazes que o seguiram rindo e zombando de seu ciúmes exagerado.

Dani queria saber o desenrolar da situação, porém, Vinicius aproveitou a distração para arrastá-la para longe das pessoas. Chegou abrir a boca para protestar, ele roubou um beijo que a deixou sem fôlego e sem palavras.

A festa perdeu a importância enquanto ele a levava para a cabana onde  
eles uma vez tiraram

*férias para o amor...*



## Capítulo Bônus

*Por Vinicius*

Primeiro dia de minha lua de mel na praia, consegui convencer minha esposa a fazer aulas de surf e enfrentar algumas ondas comigo. O dia claro, com um sol agradável era perfeito para encarar o mar.

Dani estava impaciente, depois que pedi para mudarmos de instrutor. Revirei os olhos, enquanto treinava na areia ao lado dela. O instrutor anterior não tirava os olhos dos seios dela, apesar de serem lindos cobertos com aquele biquíni florido, eram meus.

*Simples assim.*

O que foi motivo suficiente para que eu tivesse vontade de arrancar os olhos daquele homem. Embora, segundo minha esposa, ele não estava a encarando. *Eu sei*, ela é inocente por não perceber. Mas eu estava atento.

Casar com ela foi a melhor coisa que fiz na minha vida, a imagem do pôr do sol fazendo seus cabelos vermelhos brilharem ainda estavam frescas em minha mente. E eu tinha certeza de que nunca me esqueceria. Principalmente da forma que ela sorriu para mim com os olhos brilhando em uma emoção mau contida enquanto deslizava uma aliança por meu dedo anelar esquerdo. Me tornei seu marido e ela minha esposa.

*Eu a amava muito.*

Dizer sim, no deque da casa do lago, foi mágico para mim. Sabia que o Vinicius de antes, o homem solteiro que amava pular de cama em cama, não existia mais. Agora era a vez do novo Vinicius, do marido que desejava estar sempre na cama da mesma mulher para o resto de sua vida. Esse novo Vinicius, faria qualquer coisa para que sua esposa fosse feliz, realizada.

*Ele vivia para ela, pensei.*

Eu me tornei um novo homem e sentia-me muito satisfeito com aquele final. Ou melhor, aquele início ao lado de Dani.

— Estão prontos? — questionou o instrutor.

— Ansiosa — sorriu Dani.

— Mais do que pronto — afirmei.

Pegamos nossas pranchas e corremos em direção ao mar. Assim que entramos na água gelada dividi minha atenção entre minha prancha e minha esposa. Sentia-me protetor e até mesmo com um pouco de medo de que ela se machucasse, mas fui inteligente em manter minha boca fechada.

Dani seria capaz de me arrancar os dentes caso eu colocasse meus pensamentos em palavras. O que não me impedia de ficar atento a ela. Remamos até certo ponto e aguardamos a próxima onda.

Com orgulho, vi Dani se mover primeiro. Firmando seus pés na prancha, mantendo os joelhos bem baixos e pegando o impulso da onda. Eu não me

movi, hipnotizado com os movimentos dela que quase conseguiu ficar de pé, mas foi derrubada.

Meu coração chegou a parar no peito quando ela caiu da prancha. Não consegui respirar, tenso com a demora dela voltar a superfície. Cheguei a me movimentar na direção em que ela mergulhou, mas parei ao vê-la submergindo.

Meu ritmo cardíaco voltou ao normal e meus pulmões encheram de ar. Aliviado em tê-la ali, na minha frente com um sorriso grande nos lábios e os olhos brilhando de excitação.

— Você viu, Vini? — gargalhou. — Quase fiquei de pé.

— Você é incrível — afirmei apaixonado.

— Deixa de ser preguiçoso e pegue a próxima onda — gritou pra mim.

Concordando, me foquei na onda que vinha em nossa direção. O movimento me incentivou a firmar os pés e flexionar os joelhos. A onda me levou pelo manto azul do mar e com um pouco de equilíbrio consegui ficar de pé por poucos segundos antes de cair.

— Cretino! — Dani disse. — Tinha que conseguir de primeira.

Rindo acenei para voltarmos para as ondas.

Competimos pelas ondas, derrubamos um ao outro e até mesmo trapaceamos algumas vezes. Éramos competitivos, o que tornou o novo

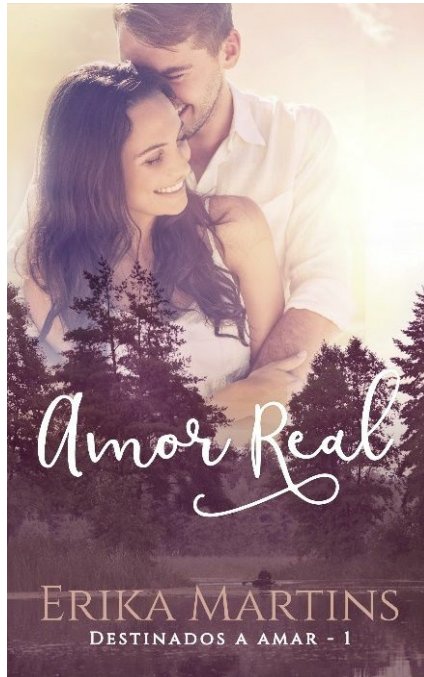
esporte muito mais divertido enquanto curtíamos nossas novas férias, lua de mel, com amor.

Afinal, foi assim que tudo começou, em uma

*férias para o amor...*

***Conheça outros livros da autora***





## **Sinopse**

O quão real é o amor para você?

Já amou alguém em que pode afirmar com todas as letras que aquele sentimento era real?

Vitor e Sofia se encontram por acaso, talvez por obra do destino. Destino este, que os mostrou que estavam destinados a amar. O casal mostra todo o romantismo possível para um relacionamento verdadeiro, autêntico.

Sem muito drama e com uma grande parcela de humor, traz uma delicada história de amor e cumplicidade.

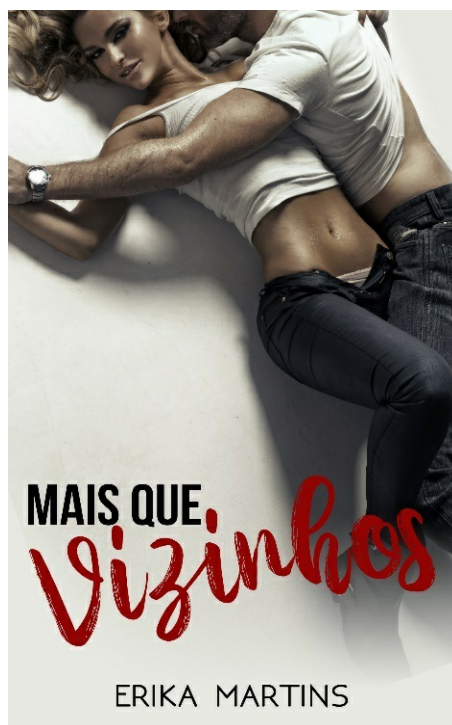


## Sinopse

Já chegou ao ponto de desistir de encontrar sua outra metade? A acreditar que não existisse uma pessoa que se encaixasse perfeitamente a você e simplesmente desistiu?

Guilherme e Letícia desistiram, mas não esperavam que fossem marcados pelo destino para amar.

Mesmo sobre circunstâncias difíceis, os mais puros e belos sentimentos floresceram. E tudo o que eles precisavam fazer era aceitar aquele amor inesperado, aquela oportunidade de ter um amor para recomeçar.



## Sinopse

O que eles tem em comum? Salvam vidas.

Ela médica. Ele bombeiro.

Vizinhos.

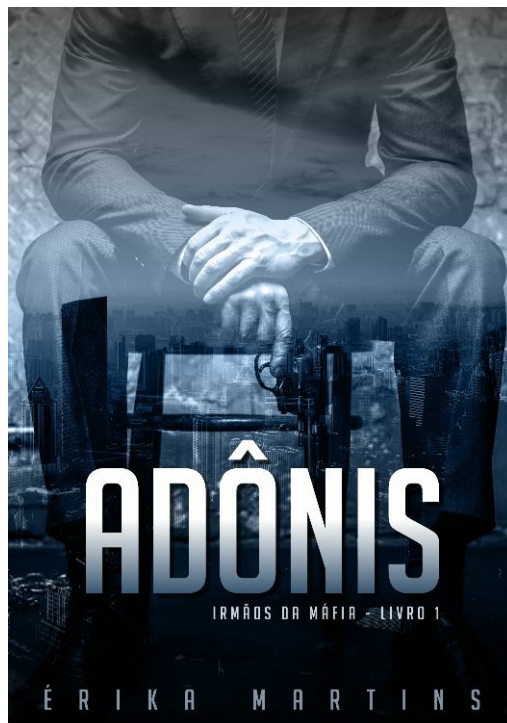
Tudo começa com uma boa parcela de brigas, até o primeiro beijo. Aquele beijo que derruba barreiras que nem mesmo sabiam que existia. Um beijo que roubou todo o fôlego, deixou as pernas bambas e o coração acelerado.

Fred e Emma começam uma amizade seguida por um romance cheio de altos e baixos que os deixaram mais forte, mais unidos.

Afinal, quem resiste ao amor?

Quem sabe o mais tolo dos teimosos, no entanto, teimosia não mantém o cúpidos longe. Isto foi o que eles descobriram ao decorrer de cada capítulo.

Venha conferir!



## Sinopse

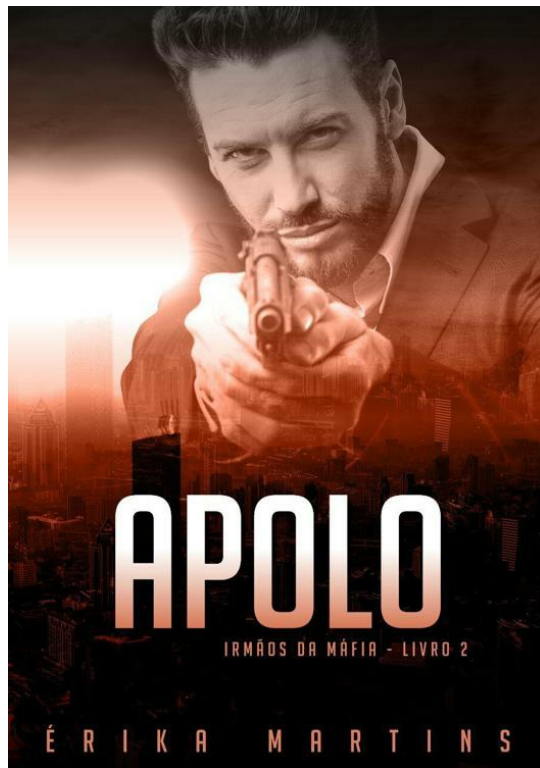
Nada mais seria da mesma forma depois que Adônís Albertini colocou seus olhos sobre a pequena ruiva, que agora era sua prisioneira. Ele não saberia explicar o que sentiu quando seus olhos encontraram os dela. A única certeza que tinha, era que nunca poderia machuca-la. Quando pela primeira vez em sua vida experimentou um sentimento chamado, compaixão.

O medo e a fragilidade que exibia de forma tão crua o atraiu. Era como se seu demônio interior estivesse hipnotizado pela beleza natural e pura que ela ostentava. Giulia. Sua nova e única protegida.

Quem a machucasse enfrentaria o pior dele.

Adônís sempre teria inimigos, mas sua única preocupação era se render aos sentimentos que pela primeira vez experimentava.

E o maior deles era o amor.



## Sinopse

Seu sorriso e o ar de despreocupado eram sua marca de perigo.

Apolo acredita que não nasceu para amar, para ter família. A fera que o habitava estava sempre a superfície, fazendo-o cruel e vil. Acreditava que nunca iria se apaixonar, que morreria sozinho e sem ninguém para ama-lo. Pretendia seguir com esses planos por toda a vida, pois não desejava submeter terceiros no mundo em que dominava.

No entanto, a vida estava pronta para prova-lo o contrário. Que todos tinham a oportunidade de serem amados. O único problema era conseguir manter esses sentimento acima de qualquer diferença.

Depois de um erro.

Um pequeno erro.

Apolo se viu perdido e descontrolado.

Seu maior medo tinha se tornado realidade e não existia a menor

possibilidade de fugir. Ele tentou, mas não era homem de correr de problemas.

O único jeito era ficar e enfrentar aquilo que mais temia.



## Sobre a autora

Erika Martins, nasceu em São Domingos do Prata, mas ainda na infância mudou-se para João Monlevade com a família. Formada em contabilidade, resolveu trocar os números pelas letras. Apaixonada por romances, começou a escrever em um aplicativo para autores independentes, onde já alcançou a expressiva marca de mais de 3 milhões de páginas lidas. Viciada em sorvetes, filmes e séries, passa boa parte do seu tempo escrevendo, acompanhada de uma boa música e seu inseparável Chá Mate.

### **Redes sociais:**

Facebook: Erika Martins Autora  
(<https://www.facebook.com/erikamartins.autora>)

Grupo Facebook : <https://www.facebook.com/groups/577293462798038/?ref=bookmarks>

Instagran: @erikamartinsautora

Wattpad: @ErikaMartins20



**Obrigada!**